PÁGINA 3: «CONVERSA CALMA SOBRE TEATRO» POR ALEXANDRE BABO

Diário de Lisboa

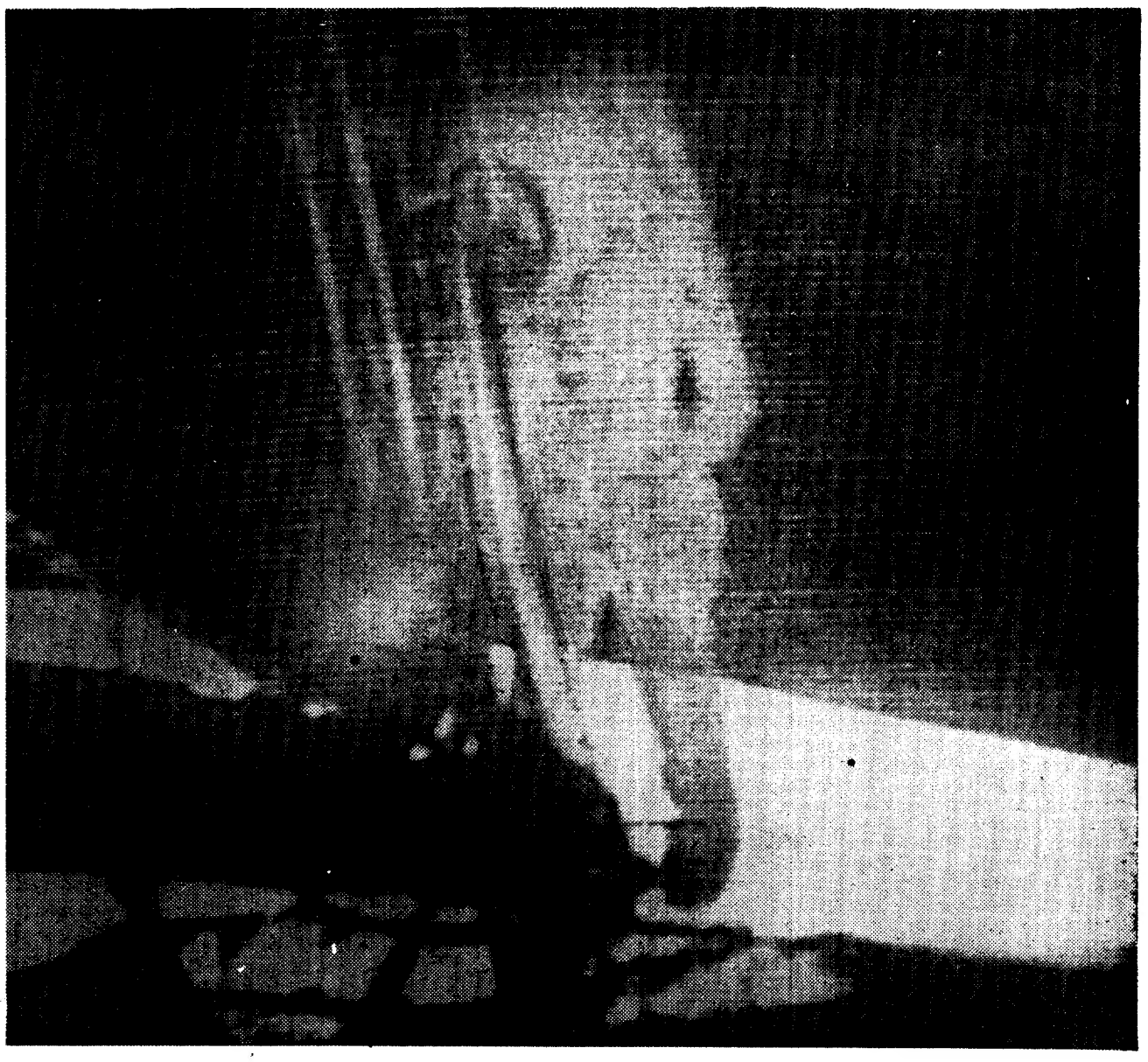
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 1969 N.º 16 733 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

SONHO TORNADO REALIDADE — O HOMEM JÁ CHEGOU À LUA

ARMSTRONG E ALDRIN CAMINHARAM 2 HORAS SOBRE O SOLO LUNAR

Pela primeira vez, na História da Humanidade, dois homens pisaram solo lunar. Esta madrugada, ás 3 e 56 (hora de Lisboa) Neil Armstrong, comandante da Apolo-11, e Edwin Aldrin desceram do módulo lunar, poisado na Lua, nas proximidades do Mar da Tranquilidade, e ali permaneceram, o primeiro, duas horas e dez minutos e o segundo uma hora e 54 minutos. Depois de cumprida a sua missão, os astronautas norte-americanos regressaram ao módulo lunar, onde aguardam o momento da descolagem, marcada para as 18 e 50.



Foi um engenheiro o primeiro homem a pôr pé no nosso satélite: Neil Armstrong, que aqui vemos ainda agarrado ao módulo lunar. A História não o esquecerá - (Telefoto)

PULAVAM COMO CANGURUS

HOUSTON, 21 — (R.) — Os astronautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin, saltando exuberantemente sobre a superfície poeirenta e rochosa da Lua, desvendaram hoje os segredos daquele mundo desconhecido.

Milhões de pessoas na Terra, a 400 000 quilómetros de distância, viram com os seus próprios olhos esse momento histórico transmitido em directo pela Televisão em imagens de grande nitidez que revelavam todos os pormenores da conquista da Lua pelo homem.

A princípio os dois americanos caminharam do o cuidado, conscientes de que qualquer movimento em falso lhes poderia provocar a morvagarosamente e com to-

(Continua na 8.ª página)

ALUNAGEM DA LUNA 15

JODRELL BANK, 21. —(F. P.) — A sonda automática soviética «Luna-15» alunou hoje às 16 e 50 (hora de Lisboa), exactamente 19 horas e

(Continua na ultima página)

A DESCOLAGEM FOI ÀS 18 E 50

HOUSTON, 21 — (F. P. e R.) — Os astronautas Neil Armstrong e Edwin (Buzz) Aldrin accionaram o foguetão propulsor do módulo lunar ás 18 e 50 (hora de Lisboa) e descolaram da Lua, numa manobra perfeita, rumo ao módulo de comando, onde os aguarda Michael Collins.

Hoje 32 páginas – Visado pela Censura

Edição da noite

TUMULTOS RACIAIS NOS E. U. A.

YORK (Pensilvania), 21 — (R) — Atiradores isolados abriram fogo durante a noite contra a Polícia nesta cidade perturbada por agitação racial.

As autoridades locais consideram a situação caótica e pediram reforços da Polícia estadual para dominarem as desordens.

Sessenta polícias locais reforçados por 32 agentes estaduais lutaram a tiro com os agitadores mas ás 23 horas bateram em retirada temporária abandonando as áreas em poder dos negros.

Esta decisão foi tomada depois de um carro blindado da Polícia ser apanhado entre fogos cruzados e atingido por balas de grande calibre que penetraram a blindagem disparadas por espingardas de grande potência.

O histórico castelo de Paderne

PADERNE, 21 — Estiveram nesta antiga localidade algarvia, em visita ao seu histórico castelo, avaliando do seu valor monumental, o arqueólogo e investigador sr. dr. J. M. Bairrão Oleiro, inspector superior de Belas-Artes e o sr. arquitecto Gonçalo Lyster Franco, da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

CONVITE PARA O JAPÃO

O PRAZO PARA A INSCRIÇÃO TERMINA NA SEXTA-FEIRA

Com o prolongamento do prazo de inscrição das concorrentes, mais ampla oportunidade se oferece ás jovens portuguesas que quiserem participar na iniciativa do nosso jornal.

Na realidade, até á próxima sexta-feira, podem ainda candidatar-se a representar Portugal no Concurso Internacional de Beleza e, consequentemente, a uma maravilhosa viagem ao Japão. Registe-se que o nosso País vai estar presente pela primeira vez no grande certame de beleza através do convite que o «Diário de Lisboa» endereçou ás suas jovens leitoras, recebido, aliás, com verdadeiro entusiasmo. De facto, é já elevado o numero das candidatas de onde será escolhida a representante nportuguesa, por um juri costituído para o efeito e não terá tarefa fácil, a avaliar pelas fotografias que acompanham os cupões de inscrição já em nosso poder.

Grande encontro das jovens de todo o mundo, grande festival de beleza e de graciosidade, onde estará presente uma rapariga portuguesa, por iniciativa do nosso jornal.

O convite para participar no Concurso Internacional de Beleza prologa-se até á próxima sexta-feira. E é bem aliciante: uma viagem ao Japão está ao seu alcance.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

JOAQUIM AGOSTINHO REGRESSOU

Joaquim Agostinho, o famoso corredor português que conseguiu um 8.º lugar na Volta á França em bicicleta, regressou hoje a meio da tarde a Lisboa, onde foi calorosamente recebido por admiradores e sócios do seu clube, o Sporting Clube de Portugal.

Agostinho, muito mais magro do que quando partira, não escondeu a sua emoção perante a recepção que lhe foi feita mas nada de novo acrescentou ás declarações que tem feito aos enviados especiais a França.

Entretanto, julga saber-se que o Sporting prepara uma homenagem ao ciclista.

Jornadas sobre «A Segurança na Construção Civil»

Por iniciativa da Associação Técnica da Indústria do Cimento, vão realizar-se em todos os distritos do País jornadas subordinadas ao tema geral «A Segurança na Construção Civil», especialmente dedicadas aos técnicos das Câmaras Municipais, Serviços Municipalizados e outros organismos oficiais com responsabilidades na fiscalização de obras nos respectivos concelhos.

A iniciativa tem o patrocínio dos ministros do Interior e das Obras Públicas, realizando-se a primeira jornada já depois de amanhã, na Associação Industrial Portuguesa.

Pastor da Igreja Baptista encontra dificuldades no exercício das suas funções

O pastor da Igreja Baptista de Carreiros, na freguesia de Rio Tinto, Gondomar, rev. António da Silva, escreve-nos uma carta a expôr o que ele chama «*insólitas e estranhas atitudes, apadrinhadas mais ou menos directamente por autoridades a quem competia, de modo especial, velar pelo cumprimento da Lei*».

Os factos expostos podem ser resumidos no seguinte: tendo falecido no passado dia 4, no lugar de Friães, a sra. D. Felismina Rosa Nogueira, foi aquele pastor chamado a presidir ao funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério de Santo Tirso. Ora aconteceu que, quando decorriam as cerimónias neste cemitério, o respectivo encarregado, sr. José Ferreira Dias, «*procurou não só estorvar o culto, mas também insultar a religião, fazendo uso das mais impróprias expressões para o local e para o acto*».

O pastor rev. António da Silva acrescenta algumas das expressões usadas pelo encarregado do cemitério: «*o senhor acabe lá com isso que já é conversa a mais*». «*isto é uma seita maldita*», «*isto é uma porcaria*», «*o senhor não sabe o que está a dizer*», etc...

Aquele pastor diz, ainda, na sua carta que «*estas atitudes contrariam de modo flagrante os princípios legais, constituem desprezo e violação da Lei fundamental do País e, até, a orientação do próprio Governo, o qual pôs à disposição de certos dignitários muçulmanos aviões para os transportarem em peregrinação a Meca*».

Seja como for, o que o rev. António da Silva nos conta está em contradição com o novo espírito de ecumenismo que anima a Igreja Católica. E isto deve acentuar-se, atendendo a que Portugal é um país em que os católicos predominam. Perante factos como este, teremos de dizer, com o rev. António da Silva, que eles «*denotam um espírito de fanatismo e intolerancia*».

DE QUEM SÃO OS PATINS?

Na Secção de Justiça da P. S. P. de Lisboa, edifício do Governo Civil, á Rua Capelo, encontra-se depositado um par de patins, proveniente de furto.

Assim, solicita-se ás pessoas lesadas em tais furtos que compareçam o mais breve possível naquela repartição com vista ao reconhecimento dos mesmos.

«CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS»

Subsidiado pelo Instituto de Alta Cultura e dirigido pelo sr. dr. António Pedrosa Pires de Lima, saiu o primeiro numero de «Ciências Administrativas», com colaboração do director e do prof. Manuel Abreu Faro, e, ainda, com notas, comentários, documentação e bibliografia da especialidade.

Trata-se de uma publicação trimestral, com carácter de Boletim do Instituto Português de Ciências Administrativas. Os seus objectivos encontram-se definidos na «Apresentação», da autoria do prof. Marcello Caetano, que a seguir se transcreve:

«O Instituto Português de Ciências Administativas traduz uma aspiração antiga do grupo que há muitos anos participa nos trabalhos do Instituto Internacional consagrado aos mesmos fins.

Como em toda a parte, os problemas da administração publica foram durante muito tempo encarados em Portugal pelo prisma político, primeiro, do ponto de vista jurídico, depois.

Ambos esses ângulos de visão continuam a ser valiosos. Mas outros se têm impostos á consideração de quantos se preocupam com a melhoria da orgânica da administração e com o progresso dos meios e processos da gestão administrativa. As Ciências Administrativas não se ocupam apenas da administração publica. Também a administração das empresas privadas deixou de viver da rotina e passou a ser objecto de estudo teórico, que originou a formulação de princípios gerais e a dedução de técnicas concretas.

Se a experiência da administração publica forneceu ensinamentos uteis para aumentar a segurança da gestão das empresas, a lição desta foi particularmente proveitosa quando se tratou de melhorar o rendimento e de aumentar a eficiência dos serviços publicos e a produtividade do seu pessoal.

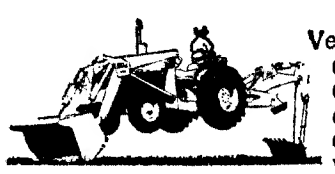
O Instituto Português de Ciências Administrativas visa justamente reunir quantos se interessam no nosso país pelos problemas da organização e dos métodos de administração nos vários planos do sector publico e nos diversos ramos do sector privado.

A confrontação de experiências, o intercambio de ideias, a crítica recíproca de resultados, poderá ser altamente fecunda numa hora em que se estão a fazer esforços para que a administração não seja travão do desenvolvimento do País e, pelo contrário, possa actuar como propulsor de actividades e instrumento de educação.

Saúdo, pois, com júbilo, o aparecimento do «Boletim» que vai ser um dos principais meios da acção formativa e divulgadora do Instituto. Não duvido de que alcançará dignificante nível científico: mas espero que não se perca nas suas páginas a preocupação de pôr á disposição do maior numero possível de pessoas princípios básicos de aplicação imediata e técnicas de fácil assimilação. Só assim se conseguirá despertar o espírito de reforma, que para ser actuante tem de ser consciente e esclarecido.»

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A MISSÃO DELES É VENCER



Vencer o tempo. Vencer a terra. Ganhar todas as tarefas. Quando os bairros são grandes, as barragens altas e as estradas longas — os prazos vencem-se com eles.

Os novos Ford 3500, 4400 e 4500 rendem mais do que os outros!
Pivot central e descentrável. Dotados do mais moderno equipamento, com balde frontal e retro-escavadora.

O CONJUNTO INDUSTRIAL MAIS VENDIDO EM PORTUGAL

Ford
TRACTORES
EQUIPAMENTO

FORD LUSITANA COM CONCESSIONÁRIOS DE TRACTORES EM TODO O PAÍS

CONVERSA CALMA SOBRE TEATRO

Por ALEXANDRE BABO

Agora, finda a época teatral, enquanto sombras estranhas se banham nos palcos e bastidores vazios, enquanto empresas e agrupamentos vários procuram afanosamente — numa ânsia de sobrevivência — não direi organizar-se, mas preparar espectáculos para a nova época, talvez valha a pena falar-se calma, serenamente, de algumas coisas de teatro. No grande equívoco que se mantém, e, certamente, continuará por mais ou menos tempo, cada comparsa desta arte de múltiplas implicações — como indústria e profissão como fonte de cultura e campo de acção e reacção social e, como arte especifica dum encontro de várias fontes artísticas e criadoras — teima em não ser capaz de abarcar o todo, de analisar objectivamente, serenamente, mas em extensão e profundidade, a totalidade do fenómeno em que está envolvido.

Cada um se limita ao seu campo restrito e, dum modo geral, toma uma de duas posições: — desgostoso do ambiente geral em que vive, inconsciente da realidade que o cerca e minado na sua vida particular — na sua subsistência e até na justa necessidade de se realizar individualmente ou pelo menos dar a impressão exterior duma realização — desiste de tentar alterar o que o cerca, aceita indiferentemente e afunda-se num vegetar acomodatício.

Ou, então, consciente ou semiconsciente da realidade, mas cansado e sem grandes forças, se instala igualmente num cepticismo primário, ao fim e ao cabo também acomodatício aguardando que o rodar dos tempos tudo altere, para tudo vir a fazer-se de novo.

É claro que me refiro, é evidente, àqueles que pertencem realmente a uma arte, estão nela por valor, por vontade, por consciência, e não a uma poeira que, como em qualquer outro campo da vida social, se achega por razões de toda outra ordem e só vive e lá está, enquanto o mal endémico e perene existir.

Mas qualquer das duas atitudes, anteriormente referidas, são poderoso auxílio à manutenção do equívoco, à continuação do pântano, onde sòmente donde em onde, muito raramente, se descortina água limpida e potável.

Que o mal é fundo, que se liga às estruturas e infra-estruturas onde assenta, ninguém o nega.

Tudo tem que ser visto a partir da base — orgânica e vida das empresas que, por serem industriais nem por isso deixam de ter caracteristicas especiais até de utilidade pública; auxílio e intervenção estadual, quantas vezes excessivamente complacentes e benévolos, outras indiferentes aos verdadeiros fins visados, seguindo critérios distributivos que precisam ser revistos com necessidade de abertura a um horizonte diferente e muito mais vasto; produção literária dominada e determinada por um condicionalismo não fertilizante e mesmo erosivo; absoluta falta de preparação técnica de actores e de técnicos; sistemas profissionais duma angustiante incerteza, e outras vezes duma flagrante e injusta diversidade; crítica, quantas vezes mal preparada e afastada da sua verdadeira intenção; e um público — o menos culpado — que é a mesclada resultante de tudo o resto e que, poderosamente, ao invés, influi sobre a continuidade dos erros.

Esta a franca, clara e triste realidade.

Mas as duas atitudes referidas convergem irremediàvelmente para a continuidade «per omnia» desta esterilidade.

Tanto faz que, por inconsciência da realidade ou por consciência dela se chegue ao desinteresse puro ou ao cepticismo extremo: o fim é o mesmo. Não é possivel não vale a pena.

Que interessa que se afirme depois: «— mudem tudo e, então, sim; até lá nada a fazer» — se o resultado concreto é — não fazer — e afundar-se, *tant bien que mal*, na corrente?

Sempre foi, aliás, uma posição cómoda, em qualquer sector da vida nacional, a construção no espaço — os projectos para um futuro que se não sabe se virá ou se será como se afirma

Posição cómoda até porque se não tem de demonstrar pùblicamente a incapacidade ou a impotência.

Não. Não é nem pode ser esse o caminho. Só há um — se realmente se pretende mudar e construir um teatro verdadeiramente digno — é o de analisar a realidade actual para procurar modificá-la, dentro de uma realidade nacional, dentro das determinantes politicas, económicas e sociais do presente. Estudar, propor, dialogar

Porque não obter? Passar dum salto para o ideal, como ideia abstracta, não passa de utopia nas presentes condições, mas negar a viabilidade dum caminho é descrença que se torna crime e total concessão.

Os surtos de teatro verdadeiramente sérios, realizados de quando em quando, demonstram a qualidade real de encenadores, de autores, de cenógrafos, de técnicos, de actores até de organização e até de público, apesar de toda a falta de escola e de todas as consequências dum terreno bravio.

Eles garantem a possibilidade efectiva dum futuro digno.

Será de mais pensarmos todos nisto?

LEMBRANDO APELES...

A história vem em Plínio. Mestre sapateiro foi ao mestre pintor e este chamava-se Apeles. Tinha na oficina um quadro e mestre sapateiro achou que a chinela não estava desenhada conforme as normas, o que Apeles acatou, emendando segundo as indicações técnicas.

Da chinela passou às vestimentas o mestre sapateiro, como se fora alfaiate; e as cores, como se fora pintor. Então é que Apeles lhe trancou a verborreia, com a frase que Plínio nos dá em latim:

— Ne sutor, ultra crepidam!

Como se dissesse: Alto aí! Lá de sapatos e chinelas percebe mais do que eu. Mas de pintura sei eu. Tanto como V. de chinelas!

Lembrou-me a história velha e relha o caso ocorrido com Francisco Franco, mestre estatuário grande. Também não tinha ele papas na língua, sobretudo absorvido na faina do seu oficio.

Estava com personalidade grada e poderosa. E também mandona. Francisco Franco havia de fazer-lhe o busto magnifico de expressão e ensimesmamento, os lábios cortados à faca.

Estava Francisco Franco a desenhar com o seu modelo sentado em frente e virado para ele. Riscos febris e olhares perscrutadores; a sensibilidade, a vista e os dedos inteiramente conjugados na tarefa de surpreender traços e expressão.

Bisbilhoteiro e metediço que era o modelo, ia atirando o rabo do olho para o papel onde Franco trabalhava. Em dada altura, atreveu-se:

— Isso não está lá muito parecido, mestre Francisco Franco!

E o troco veio fulminante:

— Não está parecido, mas é assim mesmo. O senhor não percebe nada disto!

RAUL REGO

Nota do dia

NOVO LIVRO, PÁGINA UM

JÁ AGORA, SEJAMOS como toda a gente. Por um dia ao menos, renunciemos à contemplação da realidade menor e mesquinha que de ordinário a todos nos atrai, o Eusébio, o campeonato, quantos golos, quantos contos. Deixemos isso por hoje e como toda a gente olhemos de longe a Lua que está agora mais perto, que está agora, como bem se pode dizer, à mão de semear, a mesma Lua que espreitamos da janela e vemos ainda no seu crescente pálido, que foi misteriosa fonte da inspiração de poetas e se sujeita agora à decifração esquemática e fria dos computadores alinhados nas salas contínuas do Kennedy Space Center.

Toda a gente fala, toda a gente viu e ouviu. E, não obstante, não se sabe bem por onde começar, o tom, que não seja nem de discurso pomposo nem de ofício banal, mas como há-de ser? Estamos verdadeiramente perante o insólito, aquilo que já tinha começado a parecer certo, inevitàvelmente certo, mas continuava ainda assim a parecer o impossível. Nem sequer se pode dizer que é a primeira página de um livro, porque é a última, a última página do livro que se começou a escrever quando o primeiro Sputnik foi lançado com a identificação de satélite artificial. Desde então...

Desde então a aventura escreveu-se dia a dia, sem mais se interromper. Mas caberá ainda a palavra aventura, tão rigorosamente exactas parecem todas de épica? Talvez seja preferível dizer que a epopeia do espaço se escreveu sem nenhum sentido de avntura, tão rigorosamente exactas parecem todas as suas operações, em que o humano e o inumano se justapõem e se fundem, o homem e a máquina, o cérebro humano e o cérebro electrónico. Mas a grande aventura escreve-se desde que o mundo é mundo, desde que o homem observa e pensa, desde que o homem olha à volta e procura interpretar o mundo que o rodeia.

Na grande noite branca, noite da Lua mas paradoxalmente sem luar, cada um viveu consigo a partilha do grande feito. Cada um sentia-se um bocadinho intérprete da grande página, cada um viveu simultâneamente o pasmo de descerem dois homens na superfície lunar e saberem-se milhões de outros homens, no remanso da sua própria casa, partilhando a mesma ansiedade, vendo de seus olhos os passos dos novos pioneiros, ouvindo as suas palavras: «Quem quer que sejais...», como disse Armstrong, ignorando todas as distinções entre os homens. É uma dimensão nova. Será a dimensão da paz?

Não há vocabulário que chegue. As palavras comuns exauriram-se, será preciso criar uma linguagem nova para a era nova que esta noite começou. Será a era da compreensão? Na tentativa de explicar ao filho o sentido do grande acontecimento, uma jovem mãe procurava evidenciar o que é a linha do progresso. Quando ela, mãe, tinha a idade dele, filho, nem tudo era como hoje, nem televisão havia nem nada. A criança esfrega os olhos, entre pasmo e cepticismo: «— Mas porque é que não faziam?» A consciência secular da sua impotência perante o universo vai agora substituir-se no homem a orgulhosa convicção de tudo poder dominar?

BANHOS DE S. PAULO

ESTÂNCIA TERMAL ABERTA TODOS OS DIAS EXCEPTO AOS DOMINGOS, das 8 às 13 horas

Milhares de doentes beneficiam da acção das ÁGUAS SULFÚREAS DO ARSENAL DE LISBOA — as mais mineralizadas e sulfídricas, levemente radioactivas, reconhecidas como sendo das mais ricas da EUROPA — no tratamento de Reumatismos, Gota, Nevralgias, Ciática, Asmas, Sinusites, Faringites, Laringites, Rinites, Bronquites, Doenças da pele, Circulatórias e Hipertensão, Obesidade, Celulite, etc.

Travessa do Carvalho, 23 (a S. Paulo) ★ Telefone 32 55 58

SECRETARIA PROVINCIAL DE PLANEAMENTO DE ANGOLA

O ministro do Ultramar assinou uma portaria que transfere o sr. dr. Jorge Eduardo da Costa Oliveira da secretaria provincial de economia de Angola para a nova secretaria provincial de planeamento, integração económica, fazenda e contabilidade e as portarias que nomeiam o sr. dr. Walter Waldemar Pego Marques para a secretaria provincial de economia daquela província e o sr. dr. Manuel Tavares Dias de Oliveira para a secretaria provincial de planeamento, integração económica, fazenda e contabilidade de Moçambique.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Monumento a um herói algarvio da pacificação no Ultramar

FARO, 21 — Vai ser colocado na praceta que tem o nome do heróico militar o monumento á memória do coronel João dos Santos Viegas, por iniciativa da Camara Municipal.

A figura do bravo das campanhas de pacificação e consolidação no ultramar é da escultora D. Maria Emília de Sousa Prates Ramires Fernandes, que estudou o sugestivo arranjo urbanístico do local destinado ao monumento.

Pousada de Juventude em Matosinhos

Abriu, na Rua Conde Alto Mearim, 218, em Matosinhos, a Pousada de Juventude da M. P., destinada ao sexo masculino, que funcionará até ao dia 3 de Setembro. Tem capacidade para doze rapazes, cozinha e sala de jantar e de convívio.

TAUROMAQUIA

Nas Caldas da Rainha

Nas Caldas da Rainha, com enchente nos lugares da sombra, foram ontem lidados touros do sr. João Capaz, nem todos capazes. Os cavaleiros Clemente Espadanal e Gustav Zenkle lidaram um touro cada e um a duo, sendo ambos aplaudidos e dando voltas á arena com os velentes amadores do Ribatejo, grupo bem unido, com boas ajudas, destacando-se a pega feita por Oliveira no ultimo. O novilheiro espanhol Aurelio Hijares fez-se aplaudir nos seus dois por sua arte fina e discreta, bem como o seu colega português José Manuel Pinto que confirmou os êxitos obtidos em Espanha e foi ovacionado com capa e muleta, exibindo passes de saber e valentia. Ambos ouviram musica e deram voltas á arena, triunfais as do nosso compatriota que foi aclamado no centro.

Para o cavaleiro amador D. José João Zoio saiu um manso em que apenas pôde demonstrar os seus méritos de equitador e o bom arranjo dos seus cavalos, limitando-se a cravar três boas farpas, justamente aplaudidas pelo publico compreensivo da impossibilidade de maior êxito com tão inferior adversário.

«El T. P.»

José Lupi triunfante em Madrid

MADRID, 21 — (A.N.I.) — O cavaleiro português José Samuel Lupi teve as honras da tarde na corrida de ontem, na Monumental de Madrid, ao fim da qual foi passeado em ombros e despedido com uma grande ovação, a coroar a lide quase impecável que deu a um touro de Pio Tabernero Cortou uma orelha, com petição de outra, deu duas voltas e foi ainda obrigado a sair aos médios para agradecer.

Na lide a pé alternaram Sebastian Martin «Chanito», que tomou a alternativa (ovação nos dois), Andres Hernando (aplausos e volta) e Pedrin Benjuema (aplausos, orelha e volta).

E José Falcão em Avila

AVILA, 21 — (A.N.I.) — O português José Falcão (orelha e volta) teve actuação destacada na corrida de ontem em Avila (Espanha), em que alternou com Paco Pallares (petição de orelha, volta e palmas) e Pedro Santamaria (orelha, volta e aplausos).

Maria Sanchez de Terrones forneceu os touros, desiguais em apresentação e bravura.

CONCURSO INTERNACIONAL DE PESCA NO RIO LIS

LEIRIA, 21 — Realizam-se nos próximos dias 26 e 27 do corrente, as provas integradas no X Concurso Internacional de Pesca Desportiva do Rio Lis.

O certame é organizado pelo Clube Amadores de Caça e Pesca de Leiria, com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo.

Participam no concurso, além da equipa portuguesa, representações de Espanha, França, Bélgica e Itália.

No dia 26 terá lugar a disputa da III Taça de Portugal, internações com quatro elementos cada. No dia seguinte, realizar-se-á a prova interclubes e individual, sendo atribuídas 40 taças e 20 medalhas, divididas pelos melhores concorrentes das duas zonas.

A Comissão Regional de Turismo de Leiria está a organizar um programa dedicado aos participantes no Concurso.

cockpit
VDO
os trunfos para o seu carro

A primeira regra da boa condução é a confiança absoluta no automóvel.

VDO cockpit
oferece-lhe os trunfos para o conseguir:

Uma nova linha
que lhe permite obter, a todo o momento, o diagnóstico exacto do seu carro através de informações rigorosas sobre o seu funcionamento.

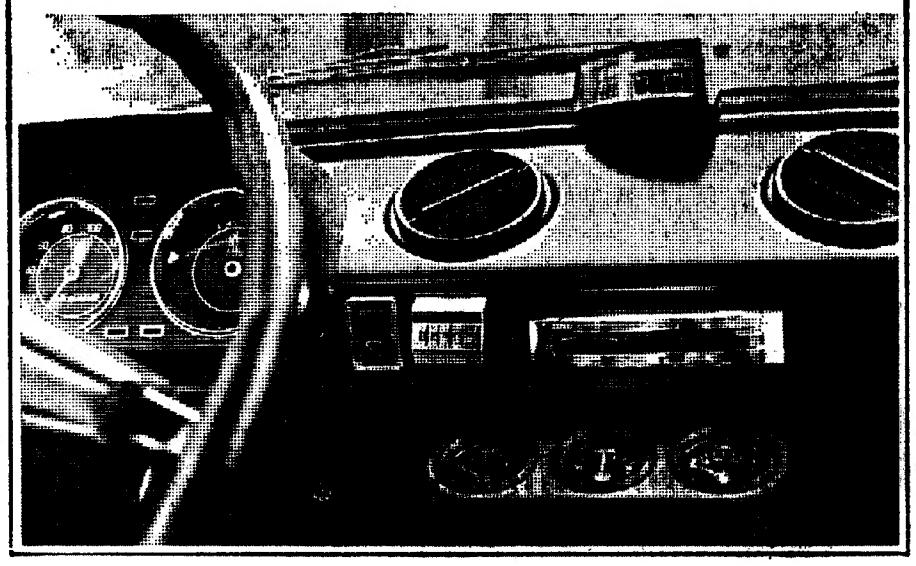
Uma linha completa:
manómetros de pressão de óleo, amperímetros, termómetros, relógios, voltímetros, conta-rotações e os famosos suportes em borracha maleável e anti-choque para 1, 2 ou 3 instrumentos.

Uma linha moderna
concebida por grandes especialistas e segundo as últimas descobertas da técnica: mostradores em preto fosco, ponteiros vermelhos, fundo preto e números brancos de modo a proporcionar uma leitura pronta e fácil.

Uma linha desportiva:
reflexos prontamente apoiados, tranquilidade, descontracção, ou seja: segurança e condutor em forma, num carro que se sabe sempre em forma.

DÊ AO SEU CARRO OS TRUNFOS **VDO.**
SÃO TAMBÉM TRUNFOS PARA SI

Em todos os agentes e revendedores de
ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.



I FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME TURÍSTICO

SOB O SIGNO DA PAISAGEM

Por LAURO ANTÓNIO

Encerrou-se ontem, no Estoril, o I Festival Internacional do Filme Turístico, organizado pelo jornal «Publituris» com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol. Antecedendo o jantar de encerramento deste certame, Baptista Rosa, como presidente do juri e em nome dos restantes membros, proclamou os títulos dos filmes vencedores, dando assim por coneluídos os trabalhos deste I Festival. É chegada a altura de sobre ele fazer incidir uma análise crítica, tendente a elucidar o seu verdadeiro significado e importancia de que se revestiu, permitindo extrair algumas considerações finais que possam vir a ser uteis para o seu provável futuro.

Porquê este festival? Eis a primeira questão a ser posta por qualquer observador desprevenido. Nuno Rocha, no programa do festival, explica: *«O Festival Internacional do Filme Turístico nasceu no dia 3 de Março de 1969, quando decorria no hotel Rex, a recepção comemorativa do primeiro aniversário do jornal português para profissionais de turismo «Publituris». O director em Portugal do E. N. I. T. — Ente Nazionale Italiano per il Turismo, dr. Giuseppe Guaraldi, lançou a ideia junto dos directores de «Publituris» que a acolheram com entusiasmo. Mais tarde, o que era um projecto, transformou-se em realidade. Foi durante o jantar anual oferecido pela Junta de Turismo da Costa do Sol aos representantes dos órgãos da Informação, em 15 de Março de 1969 que o presidente daquele organismo, sr. Joaquim Miguel da Serra e Moura apoiou sem reservas a iniciativa e lhe ofereceu o seu patrocínio. Seguiu-se a fase de organização. Nada menos do que 15 países se inscreveram no certame.*

«O Festival Internacional do Filme Turístico está pois criado. «Publituris» espera nos próximos anos, sempre com o apoio da Junta de Turismo da Costa do Sol, transformar esta iniciativa num acontecimento de grande relevo que, ao mesmo tempo, prestigie o cinema, como arte maravilhosa e inesgotável do nosso tempo e o turismo, como industria que aproxima os homens e os torna amigos da paz». As palavras de Nuno Rocha, ao mesmo tempo que historiam os passos deste primeiro festival, definem-lhe o rosto. Festival de Filme Turístico? E porque não? Se existem festivais de filmes industriais, publicitários, militares, desportvos, didácticos, etc., porque não um do filme turístico? A justificação vamos portanto encontrá-la na própria ausência de uma imperiosa necessidade de justificação.

A organização: de Março a Julho de 1969 decorrem escasos quatro meses que, desde logo, caracterizam a precipitação entusiástica com que este festival foi montado e oferecido ao publico. Daí algumas das suas virtudes e muitos dos seus defeitos. Uns louváveis, outros

(Continua na página seguinte)

o BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

garante a cobertura de cheques sacados sobre as suas caixas

→ **emitidos correctamente em nome de qualquer pessoa ou firma;**

→ **depositados, nos oito dias seguintes à sua data, numa das diversas dependências do BANCO espalhadas por todo o País, pela pessoa ou firma a favor de quem foram emitidos;**

→ **de montante igual ou inferior a 500$00.**

Em transacções de valor superior a 500$00, se desejar assegurar o pagamento dos seus cheques, poderá utilizar mais do que um cheque BPA.

CHEQUES BPA
PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
têm cobertura assegurada

TONY RICHARDSON E ROBERT BRESSON: O AMOR, A PERFÍDIA E A INCOMUNICABILIDADE

por OLIVEIRA PINTO

17 FESTIVAL INTERNACIONAL DEL CINE DE SAN SEBASTIAN

Tony Richardson («Tom Jones»») surpreendeu e decepcionou muitos que, no Festival, anteviam o seu filme «Laugther in the dark» («Riso na escuridão») como a grande incógnita para a «Concha de Ouro», prémio maior do certame. A película comercialíssima, (o êxito de bilheteira está absolutamente assegurado, contudo terras há que não a verão...) está extraordinàriamente bem realizada e interpretada. O prestígio de Richardson era garania bastante. No entanto, o filme, inspirado na novela de Vladimir Navokov, não é o que tantos esperavam. É antes um folhetim clássico, a história de um «gentleman», requintado negociante de obras de arte que se enamora perdidamente de uma jovem, vendedora num cinema, e depois se afunda na degradação total, preso na perfídia daquela. Por ela tudo abandona, vítima das suas maquinações e do antigo e retomado companheiro e amante dela.

Jovem pintor, totalmente amoral e sádico, ele voltou a encontrá-la. Tudo planeiam e preparam, então, enquanto «gentleman» (cujos desentendimentos conjugais dão origem á desgraçada ligação surgida) igorava o jogo. Quando o descobriu indirectamente, apenas pode reagir momentaneamnte, pois, logo de seguida, foi vítima de um acidente que o deixou cego.

Jean Claude Drouot e Anna Karina formam o par pérfido e amoral de «Laugther in the dark». Ambos têm excelentes interpretações

Daí em diantl, Richardson golpeia sem piedade nem misericórdia sobre a desgraça de tal personagem. Por outro lado, o par tornasse mais e mais repelente, exteriorizando ele um sadismo ináudito O realizador quis sublinhar descarnadamente, desapiedado, quanto de anormalidade, de degradação e vileza pode existir no homem. Como complemento, juntou-lhe abundante carga erótica, repartida com prodigalidade ao longo do filme.

Anna Karina, a jovem vendedora tem um excelente jogo de «nuances» na sua encarnação da perfídia feminina, Nicol Williamson suporta com brilhantismo e vigor a enormidade do infortunio que atormenta a personagem por ele vivida. Veio, aliás, a ser distinguido, com inteira justiça, no festival com o prémio destinado á melhor interpretação masculina. O trio é completado por Jean Slaude Drouot, intérprete da figura repulsiva do jovem pintor. O sadismo, a sua indiferença ante a desgraça, a sua vitalidade jovem estão bem sublinhados, com temperamento, por este excelente actor belga. E foi assim que, com «Risos na escuridão», Tony Richerdson defraudou muito boa gente.

«Une femme douce» cinema de Bresson

A um nome de prestigio, outro se seguiu. Este francês Robert Bresson que esteve presente, pessoalmnte, no festival com o filme «Une femme douce» A película inspirada na novela «Uma mulher», de Dostoievsky (mas que se desenrola com acentuada independência daquela) é a primeira a cores do grande autor francês (ele próprio acentua não ser um realizador, antes um autor que faz os seus filmes). É esta, aliás, a grande revelação do filme. De resto, está-se absolutamente diante do mesmo estilo, da mesma concepção de Robert Bresson. Cinema intimista, desta vez, analisando, detidamente, o problema da vida e da morte, do amor e da incomunicabilidade dos seres. É tambéém um discurso filosófico sobre as relações matrimoniais, dito em estilo retroactivo quanto aos factos.

Uma jovem esposa suicidou-se. Junto da cama onde está deitado o cadáver, o marido recorda o passado, como começou e se desenvolveu o conhecimento entre ambos, o cepticismo da mulher quanto ao casamento, acreditando no amor e não na legalização fria de determinadas relações Ele conseguiu convencê-la e uniram-se legalmente (era uma solução para a vida dela, só e absolutamente pobre). A vida de ambos, incompreensão e disputas afloram, então, ao «ecran», trazidas num suave halo de poesia e de amargura. Por fim, a morte, truncando trágicaa esperança de reconciliação criada pelo jovem e incompreensível marido. A rememoração procura, afinal, encontrar respostas para as muitas perguntàs que ele vai amontoando.

A sensibilidade de Bresson, o seu sentido trágico da vida será, talvez, a qualidade mais relevante desta óbra. Junto aos protagonistas, há uma personagem secundária — a velha criada — que assiste como testemunha quase muda, ao «crescendo» do drama.

Ela é assim como que o notário que regista, em silêncio, as recordações do marido, consumado o desenlace.

A narração centra-se numa situação quase unica, pelo que, necessàriamente, decorre lenta Mas Bresson poetiza por alguns momentos.

Tradicionalmente, os intérpretes de Bresson são artistas não profissionais. Assim acontece, igualmente, em «Une femme douce»: Dominique Sanda que realça a sua personagem («Une femme douce») com encanto e doçura; Jane Lobre, a velha criada testemunha do drama; e Guy Frangin que quase tem uma criação de monólogo. A sua aparente frieza identifica-se com a personagem do jovem marido, podendo responder assim, talvez, a uma pergunta sem resposta.

A jovem esposa repousa, morta, na cama. Ao lado, a velha criada, testemunha muda do drama de «Une femme douce», de Robert Bresson

O juri do Festival atribuiu *ex-aequo*, ao filme de Robert Bresson e á película espanhola «Los desafios» a «Concha de Prata», segunda maior distinção do certame. Robert Bresson que se encontrava em San Sebastian no dia do encerramento, ao fim da manhã dera uma conferência de Imprensa sobre o filme, não compareceu, porém, á distribuição dos prémios. Segundo correu, ficara melindrado e ferido, pois considerava a sua obra digna de melhor distinção.

Actor belga de teatro, cinema e TV (os jovens telespectadores viram-no no folhetim «Terry La Fronde»), Jean Claude Drouot é o jovem pintor, sádico e amoral, de «Laugther in the dark»

☆

Com a aproximação do termo do Festival acumulavam-se as conferências de Imprensa (e também os «cocktails»). Assim, neste penultimo dia do certame, de manhã, foram três as «ruedas de Prensa», como dizem os nossos vizinhos: do realizador (e produtor) e intérpretes do filme «Changes», do juri da O. C. I. C. e do realizador e firma produtora da película norte-americana «The rain people», a vencedora do certame.

Não faltavam, pois, as reuniões de Imprensa, as recepções, as ceias.

A chuva não faltava, também, com generosa e mal recebida abundancia.

☆

Richard Harris, o famoso actor inglês que tem brilhado em vários filmes, esteve em San Sebastian, mas, nó Festival, ninguém o viu. Chegou num dia e logo partiu no seguinte. «Camelot» foi rápido, pois choveram os comentários (de vários tons) e as «fans» não lhe perdoaram.

C. M. L.

CONCERTOS CORAIS
(GRATUITOS)

ESTUFA FRIA

Amanhã, dia 22 (21.45 H) «Ohio State Fair Youth Choir» — conjunto de estudantes universitários dos E. U. A.
Distribuição de bilhetes no próprio dia:
Restauradores, das 18 ás 20 horas
Estufa Fria, depois das 21.15 horas

IGREJA DE S. ROQUE

Dia 27 (16 H) — Orfeão de Castelo Branco
Entrada livre M/ 12 anos

CHEQUES BPA
PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
são mesmo dinheiro

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
HOJE, dia 21, às 21.30
4.ª Récita com a ópera
WERTHER
de MASSENET
Pela Companhia Portuguesa de Ópera
ÓPERA PARA TODO O PÚBLICO A PREÇOS POPULARES
— DESDE — 5$00
O TEATRO TEM AR CONDICIONADO
Matinées de 12 em 12
AMANHÃ, DIA 22-às 21.30 RÉCITA DAS ÓPERAS DE ROSSINI «LA SCALA DI SETA» e «LA CAMBIALE DI MATRIMÓNIO»

A Companhia de Teatro Alegre

DEPOIS DE UM ÊXITO FANTÁSTICO EM FUNCHAL, PONTA DELGADA E ANGRA DO HEROÍSMO

A PARTIR DE 5.ª-FEIRA, Às 21.45 H.

NO TEATRO VARIEDADES

(ADULTOS)

NUMA COMÉDIA DE ALFONSO PASO
TRADUÇÃO DE HENRIQUE SANTANA
UM CASO MUITO SÉRIO TRATADO A RIR!
APENAS ALGUNS DIAS...
Um espectáculo de VASCO MORGADO com
HENRIQUE SANTANA, IRENE ISIDRO, COSTINHA, LIA GAMA, MARIA HELENA, HENRIQUE SANTOS, LUÍSA DURÃO, HELENA ISABEL, BENJAMIM FALCÃO
UMA GRANDE COMPANHIA
E EM SENSACIONAL REAPARIÇÃO
DIRECÇÃO ARTÍSTICA DE HENRIQUE SANTANA

SABE
QUE USA DIÀRIAMENTE
A TÉCNICA QUE LEVOU
O HOMEM À LUA?

A resposta está nos pneus Mabor do seu carro

Accionando a cápsula Apolo 11 com o motor SPS, a Aerojet General comprovou, uma vez mais, a sua avançada técnica. E essa mesma técnica está ao serviço nos pneus MABOR que equipam o seu carro. Porque a Aerojet e a MABOR, associadas da General, compartilham dos resultados das suas investigações e progresso científico. Viaje com a segurança de saber o seu carro equipado com pneus concebidos por uma empresa que tomou parte na conquista da Lua. Prefira a técnica MABOR.

MABOR
GENERAL

CIENCIA E TECNICA AO SERVIÇO DA SEGURANÇA

Cerca de 3 mil contos custou a revista «Ri-te, Ri-te» em cena no Monumental

Para a espectacular montagem da revista dos Parodintes de Lisboa que Vasco Morgado apresenta no Monumental foi necessária a colaboração de cerca de 380 técnicos operários, costurelras, aderecistas, alfaiates, que sob a orientação de seis mestres seguiram os figurinos de Mário Alberto e a montagem de Ruy-Hernâni Martins. Para o público avaliar melhor o poder desta realização, sabe-se agora que tal empreendimento custou cerca de 3000 contos sendo o mais caro até hoje apresentado numa produção teatral, colocando, assim, o nosso teatro ao nível das super-realizações europeias, no que respeita a preço.

«Ri-te, Ri-te», agora em quatro semanas de enchentes consecutivas, continua a ser o grande cartaz da capital e leva ao Teatro Monumental, graças também ao seu magnífico sistema de «ar refrigerado», um público que aplaude todo o elenco que tem como primeiras figuras Camilo e Florbela e a atracção Paula Ribas

Terceiro espectáculo da temporada de ópera no Trindade

Realiza-se esta noite, às 21 e 30, no Trindade, o terceiro espectáculo da temporada de ópera, com a representação de «Werther» de Massenet, em que se destacam o tenor Carlos Jorge e Helena Cláudio que o acompanha com a maior dignidade em Carlota, obtendo também o mais assinalável êxito. Completam a distribuição Manuel Leitão, Elsa Saque, João Veloso, João Pessanha, Armando Guerreiro, Regina Malta e António Malta. A direcção musical é do maestro Jaime Silva (Filho) e a encenação do saudoso Tomaz Alcaide, ensaiada por Asta Rose Alcaide e Pizani Burnay. Os cenários pertencem ao prof. Alfredo Furiga.

Colaboram a Orquestra de ópera da Emissroa Nacional e o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos preparado pelos maestros Mário Pellegrini e Carlo Pasquali.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

A DAMA E O SINALEIRO — Para alargar o seu mercado potencial uma firma inglesa de confecções acaba de lançar, em belos tecidos de tri-acetato, aquilo que muita gente reconhece como «estilo Império». Os modelos são excepcionalmente baratos, como explicou a dama ao sinaleiro antes de perguntar o caminho para a «boutique» mais próxima

Quinta-feira 24 estreia no cinema VOX

HELGA
O SEGREDO DA MATERNIDADE
(Versão integral)

FILME EDUCATIVO DE CARACTER DOCUMENTAL CIENTÍFICAMENTE ELABORADO

maiores de 21 anos

Falado em português

o filme-revelação
que inicia o público
no conhecimento indispensável
das funções naturais
da vida

CHEQUES
BPA
PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
personalizam quem compra

ARMSTRONG E ALDRIN REPOUSAM NO «MÓDULO LUNAR» (À ESPERA DA HORA DA PARTIDA)

(Continuação da 1.ª página)

te naquele deserto cinzento e sem atmosfera.

Mas á medida que iam ganhando confiança Armstrong e Aldrin, os dois unicos seres vivos e habitantes exclusivos do novo território conquistado pela Humanidade, saltaram, pularam e caminharam como cangurus, alegremente, em frente da sua nave poisada aproveitando o facto de serem seis vezes mais leves do que na Terra devido á menor força da gravidade.

Com a camara de Televisão focada constantemente sobre os astronautas, o sonho que o homem acalentava há séculos tornou-se quase rotina á medida que Armstrong e Aldrin escavavam a superfície lunar e recolhiam amostras de poeira e rochas ao mesmo tempo que iam comunicando para a Terra as suas impressões e descobertas.

Só interromperam os seus trabalhos uma vez para receberem um telefonema do presidente Nixon, que lhes disse entre outras coisas que por intermédio deles «o espaço celeste tornou-se parte do mundo do homem».

Os astronautas abriram a escotilha do «módulo lunar» ás 2 e 39 (T. M. G.) ou seja seis horas e 21 minutos após a sua descida suave no Mar da Tranquilidade.

O presidente Nixon em conversa directa com Armstrong e Aldrin

Dezassete minutos mais tarde Armstrong tornou-se o primeiro homem a pôr o pé na Lua, atingindo assim o climax do gigantesco projecto Apolo iniciado há 12 anos e que já custou cerca de 30 000 milhões de dólares.

A camara de Televisão colocada ao fundo da escada do «módulo» registou a cena quando a figura fantasmagórica de Armstrong desceu da nave tacteando hesitante o solo.

As primeiras palavras de Armstrog, quando ainda mal equilibrado deu os primeiros passos na Lua, foram: «Isto é um pequeno passo para um homem mas um salto gigantesco para a Humanidade».

Vinte minutos mais tarde Aldrin descià por sua vez e juntava-se ao seu companheiro na superfície lunar.

SUPERFICIE CONSTITUIDA DE PÓ FINO

Juntos descerraram uma placa comemorativa do feito e implantaram uma bandeira americana no solo.

A placa dizia apenas: «Aqui homens do planeta Terra colocaram pé pela primeira vez na Lua, Julho, 1969. Viemos em paz em nome de toda a Humanidade».

Uma vez que na Lua não há vento para fazer flutuar a bandeira, esta tinha uma vara colocada no topo superior perpendicularmente á haste para se manter desfraldada.

Em seguida, á medida que os dois astronautas percorriam a superfície em torno da nave os segredos começaram a ser por eles desvendados e comunicados para a Terra.

Armstrong anunciou: «A superfície é constituida por um pó fino. Adere ás minhas botas como carvão em pó. A sola deixa apenas uma pégada com três milimetros de profundidade».

A camara de Televisão foi movimentada de forma a mostrar uma panoramica geral da superfície rochosa e irregular da Lua. Armstrong disse que o solo lhe fazia lembrar algumas zonas desérticas dos Estados Unidos «mas tem uma beleza toda especial. Isto cá em cima é muito bonito».

DESCANSO

A superfície da Lua suportou com facilidade o impacto da descida do módulo «Águia». As quatro patas da máquina afundaram-se apenas uma ou duas polegadas na camada superficial, o que constitui bom sinal para futuras descidas de naves maiores e mais pesadas.

Com os seus aparelhos de oxigénio presos ás costas, os quais lhes davam autonomia para uma permanência de três horas fora da nave, os dois astronautas efectuaram as tarefas que tinham a fazer com a mesma calma como se estivessem a cavar no seu jardim num domingo á tarde. Colocaram instrumentos de registo na superfície lunar os quais continuaram mesmo após o seu regresso á Terra a transmitir preciosas informações que os cientistas analisarão.

Cerca de nove horas após a descida da «Águia» os astronautas continuavam ocupados a encher recipientes com amostras do solo lunar, os quais trazem para a Terra herméticamente fechados.

Terminadas todas as tarefas programadas voltaram para bordo da nave, a fim de comerem e descansarem antes de iniciarem a viagem de regresso á Terra que também ainda lhes reserva alguns perigos.

A saúde dos lunautas

HOUSTON, 21 — (F. P.) — A N. A. S. A. anuncia que as radiações de que Neil Armstrong e Edwin Aldrin foram objecto, durante a sua estada na Lua, são sem importancia, declaram no Centro Espacial.

O dr. Charles Berry, o responsável médico da missão Apolo-11 anteriormente em conferência de Imprensa, dissera que tanto Armstrong como Aldrin estavam no momento da alunagem em boa condição física; esta tinha sido aliás uma das razões pelas quais os astronautas tinham obtido autorização para saírem do módulo lunar antes da hora prevista.

«Tendo descansado bem na noite anterior, era melhor não os deixar enervarem-se por demais» com a impaciência por descerem no solo lunar.

DE JOHANESBURG A PARIS
— REACÇÕES À CONQUISTA DA LUA

● JOAHNESBURG

Jornais sul-africanos fizeram a noite passada edições especiais sobre o acontecimento, publicando reportagens datadas da Lua, minutos depois do «Águia» aterrar na Lua.

A South African Press Association transmitiu em «flash» para os assinantes a noticia, utilizando como localidade «Mar da Tranquilidade, Lua, Jplho 20...».

Milhões de sul-africanos, país onde é proibida a Televisão ,agarraram-se aos seus aparelhos de rádio durante várias horas, escutando os comentários de «A Voz da Amériea» transmitidos pela South African Broadcasting Corporation.

Contudo, cerca de 500 sul-africanos pensavam que a rádio não conseguiu fazer justiçaa o histórico voo.

● LONDRES

O primeiro-ministro Harold Wilson viu a aterragem na Lua pela televisão e, depois, declarou pela Rádio que, na sua opinião a parte perigosa da missão da Apolo-11 fora realizada com segurança.

Falando da sua residência oficial no número 10 de Downing Street, Wilson disse, também, a telespectadores britânicos que acabara de fazer uma emissão pela rede de Televisão americana.

Afirmou: «E estou certo de que falava em nome de todo o povo deste país nesta ocasião histórica quando declarei que o primeiro sentimento de todos nos fora de intenso alivio por esta parte muito perigosa da missão ter sido realizada com segurança. Todos nós estamos igualmente ansiosos porque todas as outras partes perigosas da missão tenham um êxito igual. É acertado afirmar que outro nosso grande sentimento é o da maior admiração pela maneira como isso foi planeado e concebido».

● BELGRADO

Milhões de jugoslavos viram a noite passada a transmissão directa da alunagem quer em suas casas, quer em «ecrans» especiais de cinema colocados nas ruas da capital.

A agência noticiosa jugoslava Tanjug comunicou dePe quim que os jornais e a Rádio chineses mantiveram silência acerca do voo da Apolo-11 e afirmou que era provável que o público, não fosse informado acerca da chegada do primeiro homem á Lua.

● SAIGÃO

O presidente do Vietnam do Sul, Nguyen Van Thieu, enviou um telegrama de felicitações ao presidente Nixon pelo êxito da alunagem da Apolo-11.

O momento da descida da nave espacial na superficie do satélite natural da Terra foi transmitido pela Televisão num programa especial destinado aos 500 000 soldados norte-americanos que se encontram no Vietnam.

Todos os jornais sul-vietnamianos anunciam, sob grandes títulos, a aproximação da nave espacial da Lua, não tendo chegado, nas suas primeiras edições a anunciar a alunagem.

Um major da Força Aérea do Vietnam do Sul declarou ter acordado todos os oficiais do seu Q. G. em Saigão, para com eles erguerem um brinde de homenagem aos astronautas, no momento em que estes chegavam ao solo da Lua.

● MOSCOVO

A agência noticiosa soviética Tass distribuiu hoje uma curta noticia anunciando que dois astronautas norte-americanos tinham pisado o solo lunar.

A Tass não fez a minima referência ao misterioso satélite soviético Luna 15, e a agência anunciou, a noite passada, encontrar-se apenas a 16 km. acima da superfície da Lua.

● PARIS

Milhares de parisienses e de turistas baleram palmas e romperam em aclamações a noite passada nos Campos Elíseos, quando ouviram por altifalantes a noticia de que os astronautas americanos tinham chegado á Lua.

Gritos de «bravo» e de «fantástico» de parisienses franceses, misturaram-se com os de «perfeito» de turistas americanos e britanicos.

CHEQUES BPA PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO identificam o comprador

Operações de Bolsa BANCO DO ALENTEJO

DESENHOS DE JOAQUIM

Uma quarentena efectiva só seria possível com o holocausto dos astronautas

Por JOSHUA LEDERBERG

Exclusivo «Washington Post»-«Diário de Lisboa»

A tarefa científica mais importante que os astronautas da Apollo 11 têm de levar a efeito, é, sem dúvida alguma, a recolha de amostras da superfície lunar, destinadas a ser convenientemente estudadas nos laboratórios do nosso planeta.

Este «desdobramento» das pesquisas no domínio da Ciência, não vai, provàvelmente, ocasionar uma alteração em muitas das teorias fundamentais existentes, na Física, na Química ou na Biologia. Pode, isso sim, melhorar o nosso conhecimento da Terra, em bases muito mais firmes do que todas as anteriormente existentes, na medida em que se estudarão amostras geológicas de materiais de onde «descendemos», ainda não alterados por condições atmosféricas específicas ou pela acção de organismos vivos, através de séculos.

Além do mais, estes estudos são susceptíveis de trazer surpresas, segundo muitos pensam.

O desembarque bem sucedido de um astronauta no nosso satélite natural, vai ser, aos olhos de muita gente, pouca além do «feito nacional» que representa, o ímpeto necessário para a nossa rèsposta a um formidável desafio tecnológico. E tudo isto será o mero começo dos estudos científicos, capazes de reclamar justificadamente uma necessária porção do orçamento nacional. Daqui a algumas semanas, estaremos bastante mais habilitados a julgar a espécie de esforço que devemos continuar a desenvolver no capítulo lunar uma das partes do vasto domínio da ciência do espaço.

PERIGOS DE CONTAMINAÇÃO

O retorno dos homens da Apollo 11, com o seu carregamento de amostras geológicas, reavivou a discussão sobre o perigo de a Terra ser contaminada por micróbios lunares. Este assunto foi apresentado á consideração dos homens de ciência, pela primeira vez, ao que julgo, pelo dr. Dean Cowic e eu, em 1958, logo a seguir ao lançamento do Sputnik.

A NASA procurou afastar qualquer possível perigo, mesmo não fazendo caso da opinião dos seus conselheiros científicos mais conservadores, mediante a observância de um período de quarentena para astronautas e amostras de solo lunar. Esta medida de precaução talvez tenha feito confusão a alguns observadores, que julgaram ser a resposta ao que seria admitido como perigo efectivo.

O princípio que tem de se aceitar, para que se possa compreender o problema, é o seguinte: todo o programa do regresso do Homem de uma viagem á Lua, está baseado na conclusão de que não existe qualquer risco de contaminação. Não é possível fazer uma quarentena efectiva, contra o perigo real de uma infecção global, a não ser que se sacrifique o astronauta — Solução absolutamente fora de causa.

O argumento para a não existência de qualquer risco de contaminação, por seu turno, apresenta-se extraordinàriamente persuasivo: a Lua não tem atmosfera, e, por isso, não deve dispor de qualquer fluido volátil na sua superfície — condição absolutamente indispensável ao florescimento de vida. Por outro lado, meteoritos secundários provenientes do nosso satélite natural, caíram muitas vezes na Terra. Embora incandescentes devido á fricção atmosférica, o interior desses objectos sempre se apresentou tão frio como a cabina espacial de retorno. Cientistas terrestres já tiveram oportunidade, portanto, de estudar muitas amostras de materiais provenientes da Lua, obtidos por processos naturais, e continuarão a fazê-lo no futuro.

O PRINCIPAL OBJECTIVO DA QUARENTENA

O principal objectivo da quarentena é, indiscutìvelmente, proteger as amostras geológicas lunares da contaminação terrestre — operação que não poderá ser coroada de êxito total, devido ás emanações provenientes dos motores utilizados no engenho de aterragem, e aos fatos de voo dos astronautas. E parece razoável tomar algumas precauções adicionais contra a contaminação «a posteriori», sem prejudicar o bom êxito da missão. Estas precauções podem ser tomadas, numa emergência e tendentes a afastar qualquer possibilidade de um regresso não inteiramente sucedido.

Todo o conjunto de medidas de segurança apontado, contribui para demonstrar que as mesmas seriam absolutamente inadequadas, no caso de existir verdadeiro perigo, como por exemplo, o regresso de uma amostra da superfície do planeta Marte. Acima de tudo, fica patenteada a convicção psicológica de que nenhum sistema de segurança foi envidado, por directa pressão de uma missão espacial, contra menos ameaças hipotéticas.

A lição a aproveitar para um futuro programa destinado a levar o homem a Marte, é que temos de aprender muito mais com observações feitas por aparelhos especiais, deixados no solo de outros planetas, antes de começarmos a estabelecer quais as precauções necessárias para amostras geológicas, ou homens, de regresso á terra.

NA TERRA COMO NA LUA

Quem conquistou a Lua? «Viemos em Paz e em nome da Humanidade», lê-se na placa a partir de hoje depositada no solo lunar. «Gostaria de pedir a todas as pessoas em redor do Mundo, que dêem graças», disse Aldrin no momento em que Neil Armstrong descia as escadas do LEM.

Foi porém um veículo espacial dos Estados Unidos da América do Norte que, ás 21 e 17 de ontem, pousou no Mar da Tranquilidade; é a bandeira yankee que «flutua» no satélite natural do planeta a que eufemisticamente chamamos nosso; foram norte-americanos os primeiros seres humanos a pisar o seu chão.

A bandeira yankee: que flutua orgulhosamente, como conquistadora, nos quatro cantos do globo — na Ásia, na África, na América Latina, na Europa —, em todos os locais onde, em nome da cooperação, da ajuda mútua e da defesa da Liberdade, o mais poderoso império da História pratica, a mais eficaz, a mais subtil, a mais «moderna» de todas as tiranias.

Dois norte-americanos: um, ex-soldado da guerra americana da Coreia, o outro, talvez um ex-combatente do Vietnam; dois representantes condignos dum Exército que, onde outras razões não têm bastado, é a razão do american way of life **— no sudoeste asiático, na Gutemala, no Líbano, no Congo...**

Se o Império Americano escolheu investir na conquista do espaço — dispendendo, por exemplo, 24 biliões de dólares no programa Apolo — não o fez, por certo, porque tal convém a uma Humanidade social e politicamente dividida e, portanto, inexistente como força unificada e integrada. Fê-lo porque, para o sistema económico e social que os E. U. A. representam, o espaço se tornou económica e politicamente rentável.

«O espaço é um tipo de competição técnica não conhecido, só semelhante á guerra», declarou recentemente Frank Borman ao correspondente da Europa-Press em Houston.

Apresentando ao Congresso, em Janeiro deste ano, um relatório sobre as actividades espaciais em 1968, Johnson foi ainda mais explícito: «Através deste investimento obtivemos novos produtos, novos serviços, novos conhecimentos; aumentámos a nossa segurança nacional; incrementámos as nossas relações internacionais; estimulámos o nosso sistema educacional. A nossa nação é mais rica e mais forte em virtude do esforço espacial. Recomendo que a América continue a explorar o espaço».

A conquista da Lua pelos norte-americanos inscreve-se aliás, na competição russo-norte-americana, na confrontação entre as duas superpotências que, entre si, dividem o globo: tem impacto e objectivos políticos.

Tal como portugueses e castelhanos no século XV, soviéticos e norte-americanos não são opositores absolutos e radicais; opõem-se apenas no interior de um mesmo sistema, utilizam as mesmas armas, prosseguem objectivos paralelos e por vezes até coincidentes: na Terra como no espaço.

Soviéticos e yankees têm as suas coutadas, as suas zonas de caça reservadas, os seus privilégios (e uns respeitam os dos outros...) É provável que á Lua tenha cabido a sorte da República Dominicana, isto é, que o satélite esteja incluído na zona de influência americana (tal como é provável que Marte, por exemplo, seja, venha a ser, a Checoslováquia do espaço...). É provável que — coexistência pacífica obriga — Cape Kennedy divida com Baikoumour este seu êxito. É certo que esse êxito benificia não apenas os E. U. A. mas também (sobretudo) a diarquia Moscovo-Washington que solitária e friamente impõe á cidade e ao mundo o seu poder. É certo que, nesta perspectiva, é indiferente que tenham sido russos ou norte-americanos os primeiros a chegar ao satélite da Terra...

Gertrud Stein escreveu que uma rosa é uma rosa, é uma rosa. Um Império é um Império, é um Império. A América é a America, é a América. A Rússia, é a Rússia, é a Rússia. Na Terra como na Lua.

AMADEU LOPES SABINO

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por HENRIQUE DIAS GUERREIRO (Herdeiros) — Praça Marquês de Pombal, 21.

CHEQUES
BPA
PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
são sempre bem recebidos

A CHEGADA DO HOMEM À LUA

COLLINS

sózinho

entre as estrelas

HOUSTON, 21 — (F. P.) — Sózinho entre as estrelas, a sua órbita lunar de espera, Michael Collins continua a efectuar revoluções em torno da Lua, mas não deixa de realizar o seu trabalho. A exploração e o reconhecimento da Lua prosseguem graças ás suas observações.

Ele não pára de comunicar ao centro de Houston que notou esta ou aquela crátera, ou uma fenda, de que fornece as coordenadas, permitindo aos especialistas obter novas informações sobre o relevo e a topografia lunar que servirão para as ulteriores missões Apolo.

O «salto gigantesco» de Armstrong

HOUSTON, 21. — (R.) — O passo que dei foi muito pequeno para um homem, mas foi um gigantesco salto para a Humanidade», disse Armstrong quando pisou o solo da Lua.

Armstrong pisou o solo lunar precisamente ás 2 h. 56 minutos e 20 segundos (T. M. G.) do dia 21 de Julho, segundo anunciou o centro de «contrôle» de Houston.

Com a voz ligeiramente embargada pela emoção, Armstrong informou que o solo lunar era firme e apresentava uma contextura arenosa. «Parece que não há dificuldade em caminhar na superfície da Lua. O motor do módulo lunar não deixou qualquer vestígio na superfície. Estamos num local absolutamente plano» — acrescentou o astronauta.

E o primeiro homem que pisou o solo selenita acrescentou: «Faz muito escuro aqui e é muito difícil para mim ver onde estou a pôr os pés. Quando olho para cima, para o módulo lunar, vejo tudo perfeitamente claro, tudo perfeitamente visível.

Na Terra, os telespectadores puderam ver nitidamente o módulo lunar e a escada que conduzia até á superfície da lua, e viram, também, o vulto do astronauta a descer á sombra projectada pela nave.

Quando o astronauta começou a caminhar na superfície lunar, dando a princípio uns passos hesitantes, comunicou para Terra: «O solo é rijo, mas poeirento. Adere ás minhas botas como se fosse pó de carvão. Apenas posso avançar centímetro a centímetro»

Facilidade de movimentos na superfície lunar

HOUSTON, 21 — (F. P.)— Duas verificações são feitas pelos especialistas reunidos aqui neste centro que estudaram atentamente as evoluções de Armstrong e Aldrin na Lua. E as reflexões que estes iam fazendo acerca do que viam.

A primeira é que o solo da Lua corresponde bem ás informações recolhidas pelas sondas Surveyor e os Lunas 9 e 13.

A camada superficial de rochas que cobre a Lua é dura e relativamente compacta. A superfície do Mar da Tranquilidade é uniformemente chata vendo-se bastantes calhaus grandes. A camada de poeira meteórica é fraca, mas está generalizada. Sujou os escanfandros dos cosmonautas, as suas sapatarrosas azuladas rápidamente ficaram cinzentas. Armstrong descobriu algumas rochas parecendo conter mica, sendo provávelmente fragmentos dalgum meteorito. Acto notável demonstrando a coesão do solo lunar: a ejecção de gases do motor do módulo lunar, não fez no solo qualquer cova. Enfim, de uma maneira geral, o solo lunar parece ser mais duro do que se calculava.

A segunda verificação nota-se a facilidade de movimentos dos cosmonautas. Parecendo-se com o famoso «Bibendum» duma célebre marca de pneus francesa, e tanto mais visto que os escanfandros estavam pressurizados, o astronautas marchavam como os dançarinos, com propensão para dar saltinhos.

Era de prever, dada a fraca gravidade lunar, quanto o homem pesa no planeta: a sexta parte do que pesa em Terra. Os astronautas estavam em estado de euforia e a tal ponto que os responsáveis de Houston tiveram de lhes chamar a atenção.

NIXON FALOU DIRECTAMENTE COM OS LUNAUTAS

HOUSTON, 21 — (R.) — O presidente Nixon falou hoje directamente, a partir da Terra, com os astronautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin, que se encontram na superfície da Lua, e felicitou-os pelo seu histórico feito.

O presidente, cujas palavras foram transmitidas aos astronautas por intermédio do Cenro Espacial de Houston, declarou:

«Estou a falar-vos pelo telefone do salão oval da Casa Branca, e esta, sem duvida alguma, é a chamada telefónica de maior importancia histórica que até hoje foi feita. Não posso descrever-vos até que ponto todos nós, os americanos, nos sentimos orgulhosos. Este foi, sem duvida, o dia mais glorioso das nossas vidas.

«Estou certo de que os povos de todo o Mundo estão ao nosso lado, reconhecendo o extraordinário feito que acabais de praticar. Devido aquilo que fizestes, o céu passou a fazer parte do Mundo do homem. E, enquanto caminhais por nós no Mar da Tranquilidade, sentimo-nos inspirados a redobrarmos os nossos esforços para promovermos a paz e a tranquilidade na Terra» — prosseguiu Nixon.

Armstrong, que momentos antes caminhava em volta do «módulo lunar», deteve-se e respondeu:

— Obrigado sr. presidente. É uma grande honra e um grande privilégio para nós encontrarmo-nos aqui a representar não apenas os Estados Unidos, mas os homens pacíficos de todas as nações, os homens que têm interesse e curiosidade em explorar o seu próprio futuro. É uma grande honra para nós termos a possibilidade de contribuir hoje, aqui, para esse objectivo.

Depois de ouvir estas palavras proferidas pelo astronauta que foi o primeiro homem a pisar o solo lunar, o presidente Nixon acrescentou:

— Muito obrigado. Espero todos nós esperamos ver-vos a bordo do «Hornet» na quinta-feira.

Foi Aldrin quem pôs termo ao histórico diálogo, com as seguintes palavras:

— Muito e muito obrigado, sr. presidente.

GUERRA OU PAZ NO ESPAÇO?

Uma nova dimensão das concepções de política internacional

WASHINGTON, 21—(F.P.) — Foi aumentada uma nova dimensão a todas as concepções políticas internacionais com a imensa vitória que os Estados Unidos conseguiram colocando o homem na Lua.

Nascida da guerra fria, a rivalidade americano-soviética no espaço prosseguiu até esta última fase da grande aventura espacial com o voo da Luna-15 que, sem ter a ambição de eclipsar o êxito da Apolo-11, não teve menos por objectivo atenuar — aos olhos do mundo comunista — a ferida moral que o triunfo dos astronautas americanos provocou.

A corrida para o espaço, levada a cabo pelos Estados Unidos e pela URSS, cederá ágora o seu lugar a uma cooperação técnica e financeira internacional? É esse o desejo expresso pelos dirigentes americanos. É também o voto da Imprensa americana que reflecte as dúvidas duma parte da opinião sobre a utilidade duma «aventura» tão perigosa como custosa.

Quando em 1961, o presidente Kennedy lançou o seu país na corrida para a Lua, teve também algumas dúvidas. Mas duas considerações o levaram a lançar o seu desafio: a segurança dos E. U. A. e o prestígio nacional americano.

Era evidente que os Estados Unidos não podiam deixar um adversário potencial tomar um lugar no espaço que pudesse ameaçar a segurança da própria vida da nação americana. O amor próprio americano tinha sido beliscado pelo êxito do Sputnik. O presidente devia elevar o moral dum povo convencido de estar votado a grandes destinos, mas que, em face dos êxitos do outro campo, neste último episódio da guerra fria, estaria assiscado a não poder reagir.

O desembarque na Lua pôs termo à crise psicológica que os Estados Unidos atravessavam. Renasceu a confiança. Um dos objectivos de John Kennedy foi atingido.

Durante esta corrida para a Lua, cuja primeira etapa terminou agora, os responsáveis americanos e soviéticos meditaram nos problemas da segurança. O espaço e a sua conquista comportam perigos que é preciso controlar logo que surgem. As duas potências compreenderam desde 1967 esse facto ao assinarem o tratado de não-utilização do espaço para fins militares, proibindo a colocação em órbita de armas nucleares, a instalação de bases militares nos astros ou a preparação de estações orbitais armadas.

Vai passar-se à etapa seguinte da descoberta técnica: a possibilidade de permanências prolongadas do homem no espaço, o desenvolvimeto do «potencial» das estações espaciais, susceptíveis de serem transformadas em «fortalezas do espaço».

O programa espacial soviético tem sido rodeado do maior segredo pelo que «a priori» é difícil saber se, a coberto de voos de aparência puramente científica, há objectivos militares. Não se pode negar que a União Soviética, como os Estados Unidos, tem um interesse evidente em desenvolver os satélites-espiões. Mas tem outros objectivos?

A vulnerabilidade dos actuais meios de defesa contra um eventual ataque vindo do espaço é total, tanto para os americanos como para os soviéticos.

Esta identidade de situação perante o perigo deixa prever que «alguma coisa» aconteça no plano político.

O carácter internacional do êxito da Apolo e a vontade de lhe associar os cosmonautas soviéticos são a primeira tentativa dos americanos de continuar a marcha para «uma nova fronteira» na segurança internacional.

A LUA E O VIETNAM

MOSCOVO, 21. — (A. N. I.) — A Televisão de Moscovo só deu ontem a notícia da alunagem dos norte-americanos no fim do seu ultimo serviço noticioso do dia e depois de um longo ataque político aos Estados Unidos pela sua participação na guerra do Vietnam.

Foi exactamente á meia-noite local (22 horas em Lisboa), quarenta e dois minutos depois da alunagem, com o hino nacional russo por fundo, que o locutor de serviço começou a ler um serviço noticioso em que se referiu aos preparativos para a descida na Lua.

No meio desse serviço, interrompeu para anunciar que recebera notícias mais recentes. E leu o telegrama da Tass sobre a alunagem.

O primeiro sono na Lua

HOUSTON, 21 — (R.) — Os astronautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin deitaram-se para dormir o seu primeiro sono na Lua desde a descida da nave «Águia» ontem ás 20 e 18 t. m. G.

Este sono permitir-lhes-á descansarem das emoções e do esforço físico causados pela sua exploração do solo lunar, recuperando forças para a viagem de regresso.

AS MULHERES DOS LUNAUTAS

«Ainda não acredito», disse a senhora Aldrin depois de um grande beijo no pai. As mulhes de Neil Armstrong, saltando na cama de onde seguiu a história do voo, ouviu uma série de sons que pretendiam significar alegria. Quanto á mulher de Collins nada disse; um jornalista curioso, porém, ouviu um grito de alegria em sua casa no momento em que a Águia» aterrava na Lua. As mulheres dos três astronautas celebrarão o sucesso dos seus maridos no decurso de uma recepção que decorrerá na próxima quarta-feira em casa do astronauta Bill Anders. Na fotografia as senhoras Armstrong (á esquerda), Collins (ao centro), e Aldrin (á direita), no decorrer de um «party» em casa dos Aldrin, na passada sexta-feira

DIÁLOGO TERRA-LUA

HOUSTON, 21 — (F. P.) — «Aqui Base Tranquilidade. O «Aguia» alunou». Com esta frase, pronunciada por Neil Armstrong, começou em 20 de Julho, domingo, ás 21 h. 17 m. 04 s (hora de Lisboa) o primeiro diálogo que se trava entre a Terra e a Lua.

«Contrôle» — «Roger Tranquilidade. Entendido. Estamos na Lua convosco. Todo o Mundo vos observa. Obrigado, meu Deus. Respiramos de novo».

«Águia» Armstrong — «Obrigado. A ultima fase talvez vos tenha parecido demasiado longa. O piloto automático levou-nos para um terreno com a dimensão de um estádio de futebol, com uma grande quantidade de elevações e rochedos e rodeado por duas crateras. Foi necessário desligar o piloto automático e tomar conta dos comandos sobre o campo, a fim de encontrar um local razoávelmente bom para alunarmos. Falaremos detalhadamente do que nos rodeia, mas, por agora, parece que nos encontramos no centro de uma colecção de formas as mais variadas, de angularidades, de textura de pedras que seria impossivel pensar existir. As cores distinguem-se mal. Contudo parece não existir uma cor absoluta: parece que existem alguns rochedos ou elevações que têm cores interessantes».

«Águia», Alarin — «A cor da superficie que nos rodeia é muito parecida com a que observamos da nossa órbita sob este angulo do Sol, um angulo de cerca de 10 graus. Quase descolorida. Cinzenta e muito branca, de um cinzento gredoso quando o olhamos sob o angulo zero, e dum cinzento muito mais sombrio quando se olha de um angulo de 90 graus com o solo».

Michael Collins, sózinho na cabina-mãe — «Pelo que vocês dizém, parece estar muito melhor do que ontem, sob este angulo tão baixo».

«Águia» — «Ontem, o local previsto para a alunagem parecia ser muito mais rochoso».

«Águia», Armstrong — «Talvez vos interesse saber que não tivemos dificuldade em adaptamo-nos á gravidade, que é cerca de 1/6 da da Terra. Ela pareceu-nos imediatamente natural».

«Contrôle» — «Roger, Tranquilidade. Recebido».

«Águia», Armstrong — «Existe uma espécie de planície com um elevado numero de crateras de dois a quinze metros de diametro. E saliências de 7 a 10 metros de altura, julgo, e milhares de pequenas crateras, de 20 a 40 centímetros de diametro, á volta. Em frente, vemos, a algumas centenas de metros, alguns rochedos angulosos. Vemos também uma colina. É difícil de calcular, mas pode estar a uma distancia de 800 a 1600 metros».

«Águia» — «Realmente não sabemos bem onde nos encontramos. Estávamos um bocado inquietos por causa do sistema de alarme, principalmente durante a descida, e também com o local em que iriamos pousar».

«Contrôle» — «O. K., Tranquilidade. Não se preocupem. Nós vamos calcular a vossa posição».

Duas horas depois da alunagem, foi retomado o diálogo.

«Águia», Armstrong — «Neste momento, estamos a desejar sair do módulo, se nos autorizarem, ás 20 horas (hora de Houston), ou seja, dentro de 3 horas».

«Contrôle — «Fiquem em comunicação».

«Águia», Armstrong — «Damos algum tempo para reflectirem».

«Contrôle» — «Tranquilidade, aqui Houston. Já reflectimos. Estamos prontos para essa hora. Tudo corre bem».

«A LUA ESTÁ VERMELHA»

São quase duas da manhã. O repórter sente as mãos quentes, nervosas. Não tira os olhos dos «telex» que despejam notícias em catadupa sobre o maior acontecimento da história do homem. Na redacção sem TV, os minutos escorrem lentos, difíceis.

De súbito, o telefone toca. Precipito-me para ele, como se esperasse chamada urgente: talvez de Armstrong a dizer-me, a dizer-me que tudo vai bem.

E do outro lado do fio: «Está? É do jornal? Olhe, pode dizer-me uma coisa: há algum azar?»

Respondo: «Azar? Mas porquê?»

O meu interlocutor: «É que moro aqui no Caramão da Ajuda e saí de casa para olhar a Lua e ELA ESTÁ VERMELHA, está vermelha, veja lá!»

Há pânico naquela voz, A Lua vermelha? Debruço-me da janela da redacção para ver: as luzes da Baixa «tapam» a minha lua. Volto ao telefone: «Não. Acho que não há azar nenhum. Só que a Lua, talvez, quis festejar o acontecimento.» — T. da L.

142 EQUIPAS ANALISARÃO AS AMOSTRAS

HOUSTON, 21 — (A.N.I) — Cento e quarenta e duas equipas de cientistas de todo o Mundo vão analisar as amostras de pedras e poeira lunares recolhidas por Armstrong e Aldrin.

Através destas amostras que foram encerradas numa caixa selada os cientistas vão procurar determinar como é que a Terra e a Lua se formaram e encontrar talvez algumas indicações sobre o princípio da vida.

Os fatos dos apolonautas

HOUSTON, 21 — (R.) — Os astronautas da Apolo 11 Neil Armstrong e Edwin Aldrin, encontram-se protegidos do hostil ambiente lunar de fatos espaciais pesados e completamente autosuficientes.

Os fatos brancos e as mochilas, conhecidas como sistemas portáteis de auto-sobrevivência (PLSS), pesando 81.7 quilos e fazem com que os astronautas se pareçam com algo semelhante a «homens da neve» deambulando.

Junto da pele encontra-se um comprido vestuário, conhecido como combinação (Long Johns) de fio de algodão poroso, com um fecho de correr desde a cintura ao pescoço.

No alto desse vestuário está um tecido de «nylon», com uma rede de plástico através do qual circula água fria. Depois, vêm camadas de tecido beta, acolchoado com «teflon» (um material extremamente forte e resistente ao fogo), tendo por cima duas camadas de «nylon» acolchoado a neoprene, sete camadas de tecido misto de beta e outra camada exterior de «teflon», acolchoado com beta.

A mochila, com 65 por 45 centímetros, fornece oxigénio para os astronautas respirarem e arrefece a água que circula através do fato espacial.

No topo do OPS está a antena de rádio de frequência muito alta (UHF). O próprio fato é destinado a fornecer protecção contra meteoritos dispersos que podiam atingir os astronautas.

Os capacetes dos astronautas são conchas redondas, feitas de um material leve, mas muito forte, conhecido como policarbonato. Cada capacete tem duas viseiras para proteger os olhos dos astronautas contra raios ultravioletas e infravermelhos.

As suas mãos estão protegidas por luvas azuis, feitas de um tecido especial, com isolamento no interior, para as proteger quando mexem em objectos extremamnte quentes ou frios. As pontas dos dedos são feitas de silicone de borracha.

Uma série de comandos no peito habilita o astronauta a operar o sistema PLSS. Um besouro no capacete avisa-o, também, de qualquer mau funcionamento.

Armstrong e Aldrin podem conversar um com o outro e com Collins, no «Columbia» e falar para o comando da missão em Houston.

A TRANSMISSÃO DA R. T. P.

A transmissão da R.T.P., via Eurovisão e Mundovisão, permitiu a milhões de portugueses acompanhar a proeza fantastica que empolgou toda a Humanidade.

Aliás, o interesse do publico pela transmissão era de tal forma que, só a partir da 1 hora de hoje, foram recebidos, nos estudios da TV nacional, mais de 600 chamadas telefónicas solicitando informações sobre o horário daquela.

Ali, na R.T.P., viveu-se naturalmente, a tensão dos grandes acontecimentos, num esforço entusiástico e conjunto, procurando assegurar as melhores condições para a transmissão maior do século. Com a antecedência devida, e de acordo com as indicações recebidas da Eurovisão, haviam sido estabelecidos os planos de transmissão, dependendo apenas da fixação da hora exacta da alunagem.

Assim, cerca da meia-noite, foi ali recebido um «telex» comunicando que a N.A.S.A autorizara que a operação se iniciasse a partir das 2 horas. Dessa forma, a R.T.P não encerrou a emissão, como habitualmente, mantendo-se «no ar» á espera do grande momento, transmitindo rubricas alusivas á conquista espacial apresentadas pelos Serviços de Actualidades e do Telejornal, da Divisão de Programas de Informação e Actualidade.

Nos estudios da R.T.P., estiveram em serviço directo da transmissão 38 funcionários distribuidos pela «regie» final de emissão, estudio D, cabinas de locução e de montagem, central técnica video-tapes e centro de coordenação nacional dos programas da Eurovisão.

Esteve em serviço toda a cadeia de emissores (e retransmissores). No total dos emissores encontravam-se dez técnicos. Na parte técnica a transmissão foi orientada por Jorge Soromenho e, no sector de «regie» a emissão foi coordenada pelo regente dr. Augusto Velasco. Ao terminar a transmissão foram recebidos na R.T.P. numerosos telefonemas de felicitações pelo êxito daquela.

UM LOCAL INÓSPITO

HOUSTON, 21 — (R.) — A Lua, onde dois homens caminharam hoje, pela primeira vez na História, é um lugar extremamente inóspito, sem oxigénio, sem vento, sem humidade, constantemente bombardeado por meteoritos e exposto sem qualquer protecção aos mortífero raios cósmicos e radiações solares.

A sua superfície está crivada de crateras cujo diametro vai desde alguns centímetros até 288 quilómetros. A superfície apresenta ainda elevações que nalguns pontos atingem milhares de metros de altitude.

O diametro da Lua é de 3456 quilómetros, ou seja quatro vezes menos do que o da Terra e uma volta completa á Lua representa um percurso de 10 864 quilómetros.

Quando o sol incide a pino na superfície da Lua a temperatura eleva-se a 117 graus centígrados, o que permitiria ferver ali água sem necessidade de lume. Por outro lado, quando o sol desaparece, a superfície arrefece rápidamente descendo a temperatura a 137 graus abaixo de zero.

Para quem não tem receptor de televisão em casa, aproveitar a aterragem no Rossio, onde a Casa da Sorte instalou um aparelho, foi a solução mais económica. Lisboetas em grupo compacto viram do passeio o que a maioria admirou na sala de estar

Higiene perfeita da sua dentadura postica!

Num copo com água, ponha a sua dentadura postica e uma pastilha COREGA. Instantâneamente a água torna-se azul e o oxigénio puro e activo de COREGA provoca uma forte efervescência que limpa completamente as próteses dentárias, até nos pontos menos acessíveis.

A novidade em COREGA consiste no facto da água permanecer azul durante a operação de limpeza, tornando-se límpida ao fim de alguns minutos, sinal de que a sua dentadura está já perfeitamente limpa.

COREGA TABS dá-lhe, em pouco tempo, a certeza de ter a sua dentadura postica impecável, inodora e duma brancura extrema.

COREGA® TABS

Utilize também o pó fixativo COREGA

Representantes em Portugal:
Est. Jerónimo Martins & Filho, Lda.
Rua Ivens, 57 - 2.º - Lisboa.

DIÁLOGO TERRA-LUA

[illegible] «Aqui Base [illegible] [illegible]» Com esta frase, pronunciada por [illegible] em 20 de Julho, [illegible] de Lisboa, o [illegible] a Terra e a Lua.

[illegible] Entendido [illegible] Todo o Mundo vos observa [illegible] novo»

[illegible] «Obrigado. A [illegible] O piloto automático [illegible] um terreno com a dimensão de um [illegible] de futebol com uma grande quantidade de [illegible] e rodeado por duas crateras [illegible] desligado o piloto automático e [illegible] o campo a [illegible] [illegible] bom para [illegible] que nos rodeia [illegible] no centro de [illegible] que têm [illegible]

«Aqui [illegible] A [illegible] superfície que [illegible] que observamos da [illegible] um ângulo de [illegible] graus [illegible] da [illegible] muito [illegible] mais sombra quando [illegible] um ângulo de 90 graus com o [illegible]

[illegible] Collins [illegible] — «Pelo que [illegible] parece estar muito melhor do que [illegible] ângulo [illegible]»

«Aqui [illegible] «Ontem o local previsto [illegible] mais [illegible]»

«Aqui [illegible] Armstrong [illegible] Você [illegible] que [illegible] em adaptarmo-nos à gravidade [illegible] Terra [illegible]»

«Controle [illegible] Tranquilidade. Recebido.»

«Aqui [illegible] Armstrong [illegible] uma espécie de [illegible] de crateras de [illegible] de diâmetro [illegible] de 7 a 10 [illegible] de pequenas crateras de 20 a 30 centímetros de diâmetro, à volta. [illegible] metros, alguns [illegible] uma colina [illegible] a uma distância de 800 a 1600 metros.»

«Aqui [illegible] «Realmente não sabemos bem onde nos encontramos. Estávamos um bocado inquietos por causa do sistema [illegible] durante a descida. [illegible] com o local em que [illegible] pousar.»

«Controle [illegible] OK [illegible] Tranquilidade. Não se preocupem [illegible] a vossa posição.»

[illegible] da [illegible] imagem, foi retomado o diálogo.

«Aqui [illegible] Armstrong [illegible] Neste momento estamos a [illegible] autorizarem às 20 [illegible] Houston [illegible] ou seja dentro de 3 horas.»

«Controle [illegible] comunicação.»

«Aqui [illegible] Armstrong [illegible] algum tempo [illegible]»

«Controle [illegible] aqui [illegible] Houston [illegible] estão [illegible] Tudo [illegible]»

«A LUA ESTÁ VERMELHA»

Sao quase duas da manha. O repórter sente as mãos quentes, nervosas. Nao tira os olhos dos «telex» que despejam noticias em catadupa sobre o maior acontecimento da historia do homem. Na redacção sem TV os minutos escorrem lentos, dificeis.

De súbito o telefone toca. Precipito-me para ele, como se esperasse chamada urgente: talvez de Armstrong a dizer-me... a dizer-me que tudo vai bem.

E do outro lado do fio: «Está? É do jornal? Olhe, pode dizer-me uma coisa: há algum azar?»

Respondo: «Azar? Mas porque?»

O meu interlocutor: «É que moro aqui no Caramao da Ajuda e sai de casa para olhar a Lua e ELA ESTÁ VERMELHA, está vermelha, veja lá!»

Há pânico naquela voz. A Lua vermelha? Debruço-me da janela da redacção para ver: as luzes da Baixa «tapam» a minha lua. Volto ao telefone: «Nao. Acho que nao há azar nenhum. Só que a Lua, talvez, quis festejar o acontecimento.»

142 EQUIPAS ANALISARÃO AS AMOSTRAS

[illegible]

Os fatos dos apolonautas

[illegible]

A TRANSMISSÃO DA R. T. P.

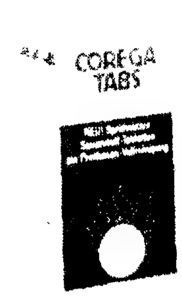
[illegible]

UM LOCAL INÓSPITO

[illegible]

Para quem não tem receptor de televisão em casa, espreitar a aterragem no Rossio, onde a Casa da Sorte instalou um aparelho, foi a solução mais económica. Lisboetas em grupo compacto viram do passeio o que a maioria admirou na sala de estar

Higiene perfeita da sua dentadura postiça!



COREGA TABS

Utilize também o pó fixativo COREGA

Representantes em Portugal

Est. Jerónimo Martins & Filho Lda
Rua Ivens, 57 - 2.º - Lisboa

Uma simpática participante na burricada típica, momentos antes de entrar em prova

O ACAMPAMENTO DE SANTA CRUZ

(que reuniu 2000 praticantes da modalidade) DEMONSTROU AS POSSIBILIDADES DO PARQUE DO CLUBE DE TORRES VEDRAS

Constituiu uma assinalável manifestação campista—que tão cedo não será esquecida pelos 2000 praticantes presentes — o acampamento comemorativo do 1.º aniversário do Clube de Campismo e Caravanismo de Torres Vedras, ontem encerrado no frondoso parque da agremiação, na praia de Santa Cruz. Vinte e três clubes e secções de campismo, embora já nos encontrássemos em época de férias, fizeram-se representar no acampamento, que decorreu sempre muito animado (o numero de inscrições para as diversas competições excedeu as previsões mais optimistas), levando a sua palavra de amizade aos responsáveis do C. C. C. Estes, que não se pouparam a esforços para obter um parque condigno — e o de Santa Cruz, com os seus 16 hectares, densamente arborizados de acácias e pinheiros, oferece imensas possibilidades futuras — levaram a efeito, no espaço de um ano, e com a ajuda do Município de Torres Vedras, uma obra a todos os títulos meritória, que exigiu pesados sacrifícios. Alguns sócios, e convém salientar a acção dinamizadora do sócio n.º 2, sr. Guilherme Chagas, levaram a sua abnegação até ao ponto de ajudar os operários, na construção dos blocos de sanitários e no arranjo dos arruamentos.

Tal como nos foi referido pelo vereador João Pinto, a Camara Municipal, há cerca de seis anos, decidiu mandar plantar, numa área de dunas, acácias e pinheiros, com vista a fazer ali, num futuro relativamente próximo, um parque de campismo, susceptível de preencher os requisitos indispensáveis á prática da sã modalidade. Em boa hora o fez, porque o parque de Santa Cruz, mercê da sua localização privilegiada, será dentro de poucos anos um dos melhores do País.

FIGUEIRA DA FOZ, ANO NONO DA MOSTRA DE

Minivestidos em «abat-jour» não salvam festivais de ca

(Do nosso enviado NEVES DE SOUSA).

Lenita Gentil:

— *Enfim, enfim! («Oh D. Antónia, estou aqui, estou aqui»).* E correu para o pé da velha senhora.

Sissi:

— *Enganei-me por causa do telefonema da Covilhã, dos meus padrinhos, que não via (nem ouvia) há cinco anos.* e chourou.

Maria da Glória:

O dinheiro do prémio? É pró bebé, é pró bebé... E foi logo ter com o marido.

CARNAVAL, TIRA A MÁSCARA

O nono «Festival da Canção Portuguesa» acabara. Lá fora, em palco, procedia-se á ultima etapa da mistificação: abrir uns sobrescritos (ditos «secretos» onde se alinhavam os nomes dos compositores favorecidos. Mas, ninguém se admirou com a leitura dos nomes: o «Diário de Lisboa» (como habitualmente...) tinha horas antes informado os seus leitores de que Francisco Nicholson e Braga Santos eram os autores de «Canção do Novo Sol», António José e Carlos Canelhas os «responsáveis» por «Três segredos», o casal Andrade Santos o inspirado feitor de «É manhã». Quer dizer: os nomes dos mais bem classificados em «Estilo livre» saltaram dos sobrescritos (como habitualmente...) por artes de magia.

Aliás, o mesmo ocorrera em relação ao «Tema popular». Joaquim Fernando da Conceição (telefone 46396 — Porto), era mesmo o autor de «Ó Trasmontana». Ercília Ema de Oliveira Leitão (que, no sábado, nos pedira para verberarmos o tratamento orquestral dado a «Cantar da minha terra») assinava a letra e a musica da composição. O Joaquim Conceição e o Fernando Meireles, mais o Canelhas, mais D. Maria Amália, mais o Canelhas, mais o Joaquim Gonçalves, mais o Canelhas... — aí estavam todos. Os do costume. Os que, como habitualmente, não escusam de andar vestidos de mistério: do mistério de sobrescritos mal fechados...

E Lenita, e Sissi, e Maria da Glória: ali estavam, tal como se esperava (como se calculava) como intérpretes distinguidas pelo juri. O *jury* (era assim que rezava o letreiro) que, lamentàvelmente, muito lamentàvelmente, não reparou na tremenda, na esmagadora semelhança de «É manhã» com «Sound of music».

Disse-me a esse respeito Augusto Marzagão, director do Festival da Canção do Rio de Janeiro:

— *Que o caso tenha escapado a um juri de selecção, já é para cismarmos. Mas, que o juri da sala não a tenha eliminado é que é grande motivo de censura. Inexplicável e infernal!*

Aliás, este caso de musicas seleccionadas para o concurso da Figueira da Foz parecerem, como duas gotas de água com outras já popularizadas (outras, entenda-se, também de outros autores...) foi quase a bitola, o diapasão do certame.

Augusto Algueró, observador imparcial e técnicamente bem documentado, não teve o menor pejo em dizer para quem o quis ouvir:

— «*Cantar de Amigo*» *faz-me lembrar uma canção, quase igualzinha, que Conchita Piquer interpretava há vinte anos. Por sinal,, até fui eu quem a orquestrou, em 1940 e tal...*

Menendez Vigo, jornalista espanhol (do «ABC») achou muito bem que «ó trasmontana» tivesse ganho o seu sector:

— *Pois se, sem tirar nem pôr, é a «Furia de viver»*

As ilacções, que as tirem os técnicos. Ou alguém por eles. O que o publico (o publico que julgam ingénuo) não pode suportar é que isto continue a suceder.

REQUIEM À «LA LONGUE»

As maiores ovações dos dois espectáculos da Figueira foram oferecidas á austríaca Marika Liechter e á portuguesa Maria Valejo: com extrema facilidade não lhes custou emergir de um lote de intérpretes abaixo da vulgaridade e do aceitável, no nosso apregoado «Festival de Canções».

A artista que se apresentou no palco do Casino Peninsular com melhor «ar» foi Alice Amaro. No restante, desde a sofisticação de Sissi ao provincianismo de Gabriel Cardoso, desde o estilo doméstico de Maria Armanda aos ombros encolhidos de Lenita, desde a prederrota de Valério á vaidadezinha que desponta em Lena Branco, tudo
tudo
qualid
do pe
logo
dos n
cos, te
Maria
çonet
o unic
recido
como

Arti
Belo f
ta». S
rões
terian
rões
os co
deixou
sível)
concu
saraco
blinha
(quan
«come
poema
cou a
o não
rença
ao an
e Ler
assim,
deven
tros
mestr
obrigu
«posti
gunda
de me
fica b
cas e,
aprov
«clássi
ram...

Res
apreç
presid
(sr. S
ele qu
nar
pericl
Figue
apoio;
espíri
cação
do ma
ro. So
Loure
caia, e
cipar
para
que,
era a
ções
deste
hoje,
um ju
confia
nem n
aparec
crofon
largos
poucos

CONTINUA A REAGIR BEM O HOMEM QUE RECEBEU UM RIM NOS HOSPITAIS DE COIMBRA

COIMBRA, 21 — Continua em estado satisfatório o sr. Manuel Soares de Oliveira que, como noticiámos, foi ontem submetido, nos Hospitais da Universidade, a uma intervenção cirúrgica para transtlantação de um rim que lhe foi cedido por uma sua irmã, sr.ª D. Isaura Soares de Oliveira..

No entanto, só daqui a três semanas se poderá concluir pelo êxito definitivo da transplantação, a primeira que se realizou no nosso País.

As equipas médicas que participaram na intervenção foram chefiadas pelo prof. Linhares Furtado e iniciaram o seu trabalho cerca das 8 e 30 e só perto das 18 horas o deram por terminado.

«O TEMPO E O MODO» RENDE HOMENAGEM A ANTÓNIO SÉRGIO

Foi dos grandes do Portugal de nossos dias e talvez quem mais influenciou a mentalidade portuguesa desde há cessenta anos a esta parte António Sérgio, há poucos meses desaparecido para sempre.

Depois de outras homenagens que lhe têm sido prestadas e á sua obra, saiu agora um numero especial da revista «O Tempo e o Modo» consagrado ao grande ensaísta e doutrinário.

«O Tempo e o Modo», agora sob a direcção do dr. João Benard da Costa que substitui o fundador e director durante seis anos, o dr. António Alçada Baptista, junta diversos depoimentos sobre os aspectos vários da obra de António Sérgio. Entre outros, Joel Serrão, Eduardo Lourenço, Vasco Pulido Valente e A. H. de Oliveira Marques estudam o educador, o «Mito Cultural», a «Revolução Interior» e o historiador.

Entre os testemunhos depois recolhidos se acham os de Alçada Baptista, Fernando Lopes Graça, Fernando Piteira Santos, Henrique de Barros, Jaime Gama, José Gomes Ferreira e Manuel Mendes.

acaba de sair a 3.ª edição de

DIÁLOGO EM SETEMBRO

de FERNANDO NAMORA

"UMA CRÓNICA ROMANCEADA DE CARACTERÍSTICAS INTEIRAMENTE NOVAS NA LITERATURA PORTUGUESA"

David Mourão-Ferreira

Col. "Obras de Fernando Namora", 548 págs., 75$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MOEDA
RUA DA PRATA, 257

tuba Espuma Seca

Centenas de escudos de economia! Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras. Estofos de automóveis e de Móveis. Pelas suas mãos e em sua casa! Rapidez e simplicidade de aplicação! Em menos de uma hora, sem nódoas, sem sujidade e completamente seco. Ficando com aspecto novo e brilhante! Sensacional produto da Química Alemã.

Atenção: para resultados garantidos usar sempre a esponja TUBA especialmente estudada para a obtenção da espuma.

À venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL em todos os bons estabelecimentos.

Representantes: **SCHROETER & ALMEIDA**

Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA

Operações
BANCO DO ALE

Anglo-Continental Schoo

Cursos de Inglês — 2 sema
BOURNEMOUTH — LONDR
PREÇOS A PARTIR D
Incluindo: Viagem aérea—Curso—A
Excursões
Informações e Inscrições:
CAPRISTANOS / CIT
AGENTE GERAL PARA
LISBOA: Av. Duque de ulé, 47-

A DE CANÇÕES

...ur»

cantigas

tudo existiu, tudo foi triste, tudo foi fado. Neste lote de qualidade inferior espartilha-do pela doentia soberba que logo desponta em qualquer dos nossos neófitos dos palcos, teria de salvaguardar-se Maria da Glória: uma cançonetista *a sério*, a justificar o unico prémio acertado oferecido pelo juri. (Ou jury, como queiram).

Artur Agostinho e Tavares Belo foram «os donos da festa». Sem eles, estes dois serões para não trabalhadores teriam degenerado em «serões de aldeia». Artur, teve os cordelinhos na mão: não deixou (até onde lhe foi possível) que os intérpretes a concurso se pavoneassem (ou saracoteassem) sem um sublinhado. E a Tavares Belo (quando Sissi se enganou e «comeu» três quadras do poema que ia defender) ficou a cançonetista a dever o não ter sofrido a indiferença do publico, o regresso ao anonimato. Todavia, Sissi e Lena Branco são, mesmo assim, duas jovens a quem devem proporcionar-se outros voos: amparados por mestres que (á primeira) obriguem a deitar fora os «postiços» no cabelo e (á segunda) o ar convencidinho de menina-prodígio, que não fica bem em duas vozes frescas e, realmente, muito mais aproveitáveis que as dos «clássicos» com que se bateram...

Resta uma palavra de apreço para a tentativa do presidente do turismo local (sr. Severo Biscaia) que (foi ele quem o disse) quer tornar em novo Sanremo o periclitante «Festival» da Figueira. Tem um excelente apoio: o profissionalismo, o espírito de sacrifício, a educação musical e o prestígio do maestro Eduardo Loureiro. Sem eles, sem Eduardo Loureiro e sem Severo Biscaia, estariamos aqui a antecipar (em 1969) o «Requiem» para onde caminha aquele que, aqui há poucos anos, era a melhor mostra de canções ligeiras dos tablados deste cantinho da Europa. E hoje, dado ao desbarato de um juri (ou jury?) *distraído*, confiado a vozes sem talento nem mensagem o encargo de aparecerem á frente dos microfones, caminha a passos largos para um funeral com poucos acompanhantes.

NEVES DE SOUSA

ões de Bolsa

ALENTEJO

School of English

– 2 semanas a 1 ano

LONDRES — OXFORD

RTIR DE 5.990$00

urso—Alojamento e refeições

ursões

S / CITIRAMA

PARA PORTUGAL

ulé, 47-A —— Tel. 560171

Sissi num «vale de lágrimas...»

O BANCO DE FOMENTO NACIONAL e o financiamento das indústrias produtoras de bens de equipamento

1. Tendo presentes as graves dificuldades que se deparam aos produtores nacionais de bens de equipamento em face da concorrência da indústria estrangeira, o Banco de Fomento Nacional vem facultando desde 1960, com crescente intensificação ao longo dos seus nove anos de actividade, meios financeiros que permitam aos fabricantes portugueses oferecer, dentro do espaço económico nacional, condições de pagamento semelhantes às proporcionadas pelos exportadores estrangeiros sòlidamente apoiados pelos sistemas de crédito e de seguro de crédito dos seus países.

Consciente da multiplicidade de aspectos que a função de um banco de investimento abarca, cedo se apercebeu a Administração daquela instituição de crédito de que tão importante como o financiamento directo do investimento é o financiamento das empresas nacionais produtoras de equipamento, em ordem a facilitar-lhes a colocação da sua produção no mercado interno. Com efeito, por tal via ao mesmo tempo que se promove uma maior ocupação da capacidade produtiva nacional, criam-se condições de defesa dos produtos nacionais no seu mercado próprio e financia-se simultâneamente, de modo indirecto, o investimento da empresa adquirente.

Esta politica do Banco contribuiu para que, enquanto se processavam, ao nível oficial, os trâmites necessários à criação dos mecanismos legais destinados a introduzir o crédito à exportação e o respectivo seguro de modo a permitir aos fabricantes nacionais vender a prazo os seus produtos no exterior, eles não tivessem ficado desprovidos de crédito apropriado para poderem defrontar a concorrência estrangeira no mercado interno.

2 O financiamento dos produtores nacionais de bens de equipamento, que vem sendo praticado pelo Banco de Fomento, não é sencialmetne — um «crédito exclusivamente — nem escrédito à produção».

De facto, a assistência financeira do Banco ultrapassa normalmente o período de produção ou de construção, uma vez que, depois de recepcionado, o fornecimento, o seu apoio financeiro subsiste por via de regra durante o período de pagamento diferido do preço.

Raramente, mesmo, se apresentam ao Banco de Fomento solicitações dirigidas ao financiamento isolado da fabricação, até porque, nesta fase, as operações se podem situar no âmbito do crédito comercial, visto que o período de fabrico não ultrapassa habitualmente 24 meses.

Na maioria dos casos, pois, o crédito pedido ao Banco destina-se ao suporte financeiro do pagamento diferido do preço da encomenda.

3. O simples financiamento da produção de bens de equipamento — o chamado «pré-financiamento» — é concedido pelo Banco de Fomento no quadro do crédito a médio prazo, isto é, por períodos que não excedem os 5 anos.

A própria prática tem demonstrado que este lapso de tempo é mais do que suficiente para a fabricação das encomendas, uma vez passadas. Com efeito, o mais largo prazo até hoje outorgado pelo Banco para operações de «pré-financiamento» foi de 3 anos e meio.

4. O financiamento do pagamento diferido do preço também não tem excedido, em regra, o período de 5 anos.

Reconhece-se que tal prazo não corresponderá, em alguns casos, às pretensões do comprador, sobretudo quando a amortização técnica do equipamento deva processar-se por período mais dilatado.

Todavia, sempre que a concessão de um prazo de pagamento não superior a 5 anos possa pôr em risco a colocação da encomenda na indústria nacional, o Banco procura encontrar, dentro da maleabilidade operacional que os Estatutos lhe consentem, as soluções adequadas.

5. As operações de crédito em causa — concedidas em atraentes condições financeiras — são contratadas directamente com o fabricante ou construtor do equipamento.

O financiamento pode no caso de fornecimentos envolvendo o concurso de vários fabricantes, ser concedido a uma sociedade coordenadora ou «chefe de fila», que coloque encomendas parcelares entre os fabricantes nacionais.

Dentro de limites razoáveis, o Banco considera o financiamento de material estrangeiro incorporado na encomenda, desde que o mesmo não seja fabricável no País ou o seja em condições de qualidade e de preço que se não mostrem aceitáveis.

As empresas que mais têm solicitado a assistência financeira do Banco, neste aspecto da sua actividade creditícia, integram-se no sector da indústrias de fabricação de produtos metálicos e de construção de máquinas, no das indústrias de material eléctrico e no das de construção de material de transporte.

Depois de milhares de experiências os cientistas descobrem o super-alimento vitaminado Dynavit

Muitas pessoas que se sentiam fracas, esgotadas e anémicas têm agora uma outra vida, têm mais energia, outra vitalidade

A maior parte das pessoas anda fatigada. Isto mesmo sem estarem submetidas a um trabalho físico ou mental exagerado. Muitas pessoas sentem-se fracas completmente esgotadas. Verificou-se que isso é devido, muitas vezes, á alimentação pobre em vitaminas do complexo B e ferro.

EXPERIÊNCIA REPETIDA MILHARES DE VEZES

Um pombo alimentado só com pão branco, ao fim de 15 dias não se pode aguentar nas patas. O seu sistema nervoso é duramente atingido pela falta de vitaminas do complexo B. É a isso que se chama a **polinevrite**. O sistema nervoso do pombo fica paralisado, incapaz de coordenar os movimentos. (Fenómeno semelhante produz-se no homem, se a sua alimentação é pobre em vitaminas do complexo B). Basta tomar alguns gramas de Levedura de Cerveja Estabilizada **DYNAVIT**, para os restabelecer **em poucas horas.** Isto porque a **DYNAVIT** é a fonte natural mais abundante em vitaminas do complexo B e ferro.

Algumas horas antes, este pombo estava por terra, completamente aniquilado, sem forças. Bastaram alguns gramas de DYNAVIT para o recuperar. Agora está óptimo, cheio de vivacidade e energia, com o sistema nervoso totalmente recuperado

A acção da Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT sobre os seres humanos é exactamente a mesma que nos pombos

...TAMBÉM COM SOLDADOS

Milhares de soldados receberam 5 gramas de levedura incorporados na sua alimentação diária. Isto foi suficiente para dar outra resistência e outra «endurance» a estes homens. Durante as experiências não foram atingidos por gripe, resfriamentos, furunculose e outras doenças como os que mantiveram a alimentação normal.

...OS ASTRONAUTAS

Nas viagens espaciais o organismo está sujeito a enorme desgaste. Os cientistas procuram compensá-lo com uma alimentação rica em vitaminas do complexo B. A Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT é a fonte natural mais abundante em vitaminas do complexo B e ferro (dois fortificantes indispensáveis ao organismo).

...E COM ATLETAS

Todos os desportistas a quem é dada a Levedura Estabilizada DYNAVIT conseguem melhores marcas. Conseguem mais capacidade de realização e mais resistência. São mais lutadores e dão mais rendimento atlético, sem tanto esforço. A sua «forma» é outra, bem diferente da que os outros apresentam.

...NÓS TAMBÉM

Todos os dias ingerimos alimentos que não têm a quantidade suficiente de vitaminas do complexo B e ferro. E isso enfraquece-nos. Basta juntar á nossa alimentação uma pequena quantidade de DYNAVIT para adquirirmos o vigor, elasticidade física e mental de que precisamos. Assim que você começa a tomar DYNAVIT, rápidamente consegue energia e vitalidade — aquele bem-estar que tanta falta lhe faz.

Astronauta M. Scott Carpenter, primeiro-piloto na segunda missão tripulada dos Estados-Unidos. A alimentação dos astronautas é reforçada com alimentos ricos em complexo B e ferro

PREENCHA E COLE O CUPÃO ABAIXO NUM POSTAL E REMETA-O PARA

Diese

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.

Avenida da Republica, 46, r/c. LISBOA-1

D. L.

PEÇO QUE ME ENVIEM NA VOLTA DO CORREIO:

☐ Embalagem de DYNAVIT em flocos (200 g) ..... 60$00

☐ Embalagem de DYNAVIT em pó (300 g) ..... 60$00

NOME .....

MORADA .....

Seja esperta! No aproveitar é que está o ganho!

Se o seu vestido já está muito visto ou desbotado, modifique-o, tinja-o ou avive-lhe a cor, em casa, com as famosas tintas RAPOSA, a marca alemã que domina em todo o mundo há mais de 60 anos. As tintas RAPOSA para tingir em casa estão á venda em todas as drogarias.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3/4%	—	—	525$
Consolidado 4%	540$	538$	540$
Consolidado 3 1/4%	—	—	—
Centenarios 4%	1.480$	1.475$	1.490$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.002$
Externo série	—	650$	—
Externo série C	—	—	830$
Externo 3 série	—	—	800$
Externo 3 série C	—	890$	—
Couteiros 3 série	—	175$	—
OBRIGAÇÕES			
Agua Lisboa 5%	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—
A P 1 5% 58	—	—	—
E P 4 1/2% 65	—	900$	910$
C P 3 1/2% 67	—	1.001$	—
C U 6%	—	1.005$	1.010$
C U 5% 68	1.000$	995$	1.000$
Gás Electr 4% 48	—	—	—
Gás Electr 4 1/2% 51	—	875$	—
Gás Electr 5% 54	—	—	—
Gás Electr 5% 58	—	—	925$
Gás Electr 5% 59	—	—	925$
Gás Electr 5% 62	—	—	—
Gás Electr 5% 63	—	—	—
Gás Electr 5% 65	—	—	—
Gás Electr 5% 67	—	1.005$	1.010$
H. E. A. Alentejo 5%	—	—	850$
H. E. Douro 5%	825$	820$	825$
H. E. Douro 6%	—	—	999$
H. E. Douro 5%	825$	820$	825$
H. E. Douro 5%	—	995$	998$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. Estrela 6%	—	—	995$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	850$
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	850$
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	895$	890$	900$
Metropolitano 3 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	840$	835$	845$
Nitratos 5%	—	—	850$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimico 5%	—	—	—
Port Ceul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	920$	930$
Sacor 5% 60	845$	845$	850$
Siderurgia 5% 1.°	—	—	—
Siderurgia 5% 3.°	—	—	—
Siderurgia 5% 4.°	—	—	—
Sonete 5%	—	845$	—
S. A. P. 4%	—	950$	—
Termoelect Port 5%	—	820$	840$
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	85$	85$	—
U. E. P. 5% 60	—	820$	—
U. E. P. 5% 63	—	820$	870$
ACÇÕES			
Bancos			
	1.275$	1.265$	1.275$
Agricultura	780$	780$	785$
Alentejo	2.500$	2.480$	2.500$
Angola	—	—	—
Burnay	2.850$	2.850$	2.900$
Créd. Predial	—	—	—
E. Santo	—	—	—
E. Santo n	—	18.000$	20.000$
Fonsecas S. a.	7.400$	7.400$	7.500$
E. G Açores p.	7.350$	7.300$	7.450$
E. G Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	2.850$	—
Portugal n.	3.450$	3.400$	—
Portugal p	6.800$	6.750$	6.850$
Totta Aliança	—	2.260$	2.290$
Ultramarino n.	2.500$	2.490$	2.510$
Ultramarino p.			
Seguros			
Alentejo	—	72$	75$
Douro	—	1.000$	—
Mundial	515$	510$	520$
Sagres	—	1.500$	1.800$
Tranquilidade	—	45.000$	—
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	750$	760$
Ag Cosequel	—	710$	730$
Ag Incomati	—	1.800$	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Principe	—	—	360$
Borar	—	—	—
Buzi	75$	74$	76$
Cabinda	195$	190$	200$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.745$	1.745$	1.755$
M. e Revue	—	—	645$
Ilha do Principe	950$	—	950$
Moçambique	—	118$	121$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	360$	360$	365$
Zambézia	—	75$	76$
Angolana	—	—	—
Diversos			
Cidla	7.350$	7.300$	7.400$
Cim Leiria	4.200$	—	—
Cim Tejo	—	—	—
Cia Navegação	—	950$	980$
C U F	—	—	1.240$
Ina Aliança	—	—	545$
Nac Navegação	3.150$	3.100$	—
Petroquímico	2.100$	2.080$	—
Port e Colónias	1.610$	1.600$	1.620$
Port Celulose	4.050$	4.050$	4.100$
Port Pesca	110$	100$	102$
Port Tabacos	645$	642$	650$
Sacor	4.850$	4.800$	4.900$
Siderurgia Nac	—	1.335$	1.350$
Sonae	2.850$	2.850$	2.860$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabacaveira	—	—	—
U. Azote	—	770$	778$
Agua Electr. Gás			
Agua Lisboa p.	—	410$	—
Agua Lisboa 54	410$	—	410$
Agua Lisboa 56	—	—	—
Electr Beira	1.580$	580$	590$
Gás Electr	410$5	410$	412$
H. E. Alto Alentejo	—	—	58$
H. E. Douro	245$	244$	246$
H. E. Douro	24 $	233$	242$
H. E. Norte Portugal	—	—	305$
H. E. Estrela	—	—	750$
H. E. Zêzere	1.330$	330$	334$
Nac Electricidade	—	—	—
Termoelect Port	1.335$	1.330$	335$
U. E. P.	195$	195$	195$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	175$	180$3
D. E.	—	117$9	21$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	14/7/69	18/7/69	21/7/69
GERAL	130,4	129,4	**130,9**
METROPOL.	127,2	126,2	**126,4**
ULTRAM.	153,9	153,2	**156,8**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 a 2	34$00	36$50
— Rands de 5 a 10	35$00	37$50
America		
— Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 100	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	$08	$ 5
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$40,2	$4 ,1
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$40	5$80
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro		
Ing aterra — Libra Isabe	317$00	332$00
Ing aterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	38$50	40$00

I BURNAY, L. DA Notas estrangeiras Papéis de credito
RUA DO OURO 72 Tel 321273

ora diga-nos...

— Que pensa do aumento das tarifas dos comboios?

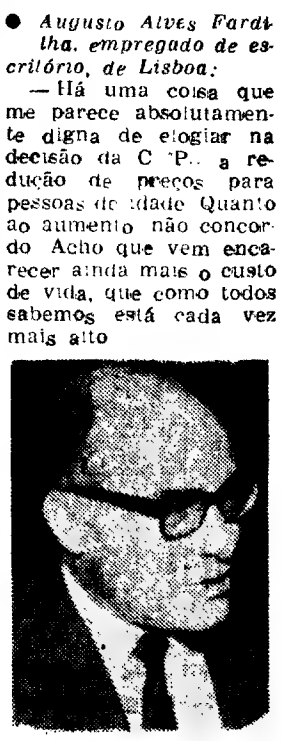
Embora já de certo modo anunciado, desde Janeiro, o aumento do preço dos bilhetes dos comboios da rede da C. P. constituiu um dos últimos motivos de grande interesse do público, pela enorme parte da população que a medida afecta. A pergunta encontra-se, pois, perfeitamente justificada. Ora disseram-nos.

● — Acho que está tudo muito bem. O aumento está certo O que me parece é que agora, que pensaram no aumento deviam também pensar em aumentar as vantagens de que já beneficiam os militares quando viajam. Justifica se perfeitamente a melhoria das condições de utilização dos comboios por parte dos militares.

(O depoimento é de António José Monteiro, soldado pára-quedista de Cascais a prestar serviço em Tancos).

● *Augusto Alves Farditha, empregado de escritório, de Lisboa:*

— Há uma coisa que me parece absolutamente digna de elogiar na decisão da C. P. a redução de preços para pessoas de idade Quanto ao aumento não concordo Acho que vem encarecer ainda mais o custo de vida, que como todos sabemos está cada vez mais alto



● *Quanto ao bagageiro João Henriques Marques, declarou:*

— Para mim o problema é este: quanto menos passageiros, menos bagagens a transportar Agora se o aumento está certo, ou errado, isso não. Se me perguntar se esta revisão de preços fará diminuir o número de passageiros também não lhe sei dizer

«A segurança na construção civil»

tema de Jornadas levadas a efeito pela Associação Técnica da Industria do Cimento

A defeituosa preparação dos materiais e a não observancia de regras legalmente definidas estão na base de muitos desastres verificados; o sismo de 28 de Fevereiro veio relembrar a necessidade fundamental da estabilidade das construções; a aplicação do betão de cimento, em estradas e ruas do nosso País, é um processo irreversivel. Estes são os tópicos fundamentais enunciados pelas Jornadas da Associação Técnica da Industria do Cimento com vista a uma mais eficaz acção fiscalizadora, procurando assim obter-se, no mais elevado grau, a segurança na construção civil.

Amanhã, pelas 15 e 30, efectua-se a I Jornada, na Associação Industrial Portuguesa, dest nada fundamentalmente ao distrito de Lisboa.

Para expor as linhas gerais da iniciativa a Associação Técnica da Industria do Cimento promoveu, esta manhã, na sua sede, uma reunião com a Imprensa, estando presentes os srs. engs. Dias Coelho e Quintanilha Pinto e dr. Luís d'Avillez do respectivo conselho directivo, e o director técnico, eng.º Lourenço Antunes.

Estas jornadas estendem-se a todos os distritos do Continente e visam, especialmente, os técnicos, engenheiros sobretudo, das Camaras Municipais, Serviços Municipalizados e outros organismos oficiais com responsabilidades na fiscalização de obras que se realizam nos respectivos concelhos. A iniciativa, que se reveste da maior actualidade e importancia, tem o alto patrocínio dos ministros do Interior e das Obras Publicas.

Tudo indica pois que estas jornadas da A. T. I. C. encontrarão o melhor acolhimento por parte dos Municípios e outros organismos publicos, pois esses serviços serão os primeiros beneficiados com a actualização de conhecimentos dos seus técnicos de fiscalização, postos diàriamente em contacto com a realidade da construção civil. Pretende-se, com efeito, fornecer elementos que constituam instrumentos para uma mais eficaz acção fiscalizadora, de modo a que as estruturas resistentes ofereçam as melhores garantias de segurança, muito especialmente respeitando as determinações do regulamento de estruturas de betão armado, em vigor desde o ano passado. A propósito, aguarda-se e deseja-se com a urgência que se impõe e é claramente evidente, como foi focado na reunião, a publicação do Regulamento dos Betões que ampliará as determinações daquele.

Com efeito, alguns desastres e insucessos verificados em obras de betão armado levaram a Associação Técnica da Industria do Cimento a pensar na eventualidade de defeituosa preparação dos materiais, em especial do betão de cimento, e, ainda, na não observancia ou desconhecimento de regras perfeitamente definidas em decretos.

A primeira série destas reuniões abrange 44 concelhos dos distritos de Lisboa, Porto e Setubal. Aliás, embora dedique estas Jornadas aos técnicos oficiais de fiscalização, a Associação Técnica da Industria do Cimento convida também todos os engenheiros que nelas desejem participar na convicção de que a matéria a tratar será do maior interesse.

Entretanto, há já cerca de 100 técnicos inscritos por escrito, além de muitos outros que o fizeram telefónicamente.

AUTOMOTORA RÁPIDA DA BEIRA BAIXA

Informa-nos a C. P. que a automotora rápida, actualmente circulando entre Covilhã-Lisboa-Covilhã, passa a circular entre Guarda-Lisboa-Guarda desde 1 do corrente mês, sendo constituida por uma composição FIAT, com ar condicionado.

Esta automotora dispõe de um serviço de bar, estando previsto o fornecimento de pequenos almoços e refeições ligeiras

O horário é o seguinte:

7-50 p.		Guarda		p. 20-22
9-02 p.		Covilhã		c. 0-35
10-54 p.		Castelo Branco		c. 2-28
14-59 c		Lisboa (St.ª Apolónia)		c 3-40

Nova Agência da TAP em Lisboa

Representantes dos órgãos da Informação visitaram hoje a nova agência da TAP na Avenida Guerra Junqueiro, onde foram recebidos pelos srs. dr. Cruz Barreto, director-comercial, dr. Henrique Nazaré, chefe das Relações Publicas, Mário Medeiros, delegado da TAP em Lisboa, e José António Pereira Bapista, chefe da nova agência.

Durante a visita, o sr. Mário Medeiros salientou a necessidade de descongestionar o movimento da agência situada na Praça Marquês de Pombal, onde são atendidos diàriamente, 400 a 450 clientes. A nova agência abre com cinco funcionários de passagens e um caixa, além do chefe.

Carreira: **provisória de passageiros**

CAIA (Fronteira)-LISBOA

Concessionário: **João Cândido Belo & C.ª, Lda.**

HORÁRIO

Cheg.	Part.	LOCALIDADES	Cheg	Part.
—	16.00	CAIA (Fronteira)	12.30	—
16.14	16.14	ELVAS	12.16	12.16
17.04	17.04	ESTREMOZ	11.26	11.26
18.18	18.18	MONTEMOR-O-NOVO	10.12	10.12
19.41	19.41	SETÚBAL	8.49	8.49
20.30	—	LISBOA	—	8.00

†

JUDITE DA ASSUNÇÃO MELO

E CASTRO DE SOUSA GUEDES

MISSA DO 7.º DIA

Seus filhos, irmãos, nora, genros, netos, bisnetos e mais família, participam que amanhã, dia 22, pelas 12.30 horas, na Igreja da Pena (á Calçada de Santana), será rezada missa pelo seu eterno descanso.

AGÊNCIA ALMEIDA

Actualidade internacional

Manifestação contra o programa espacial

HOUSTON, 21 — (A. N. I.) — Os filiados da organização «Welfare Rights» de Houston, manifestaram-se junto ao Centro de Naves Espaciais Tripuladas, na altura em que os astronautas desciam na Lua, reunindo-se, cerca de cinquenta, em volta de uma réplica do módulo lunar «Águia» aí em exposição, e pedindo ao Governo dos Estados Unidos a eliminação da pobreza.

Aplaudimos esta alunagem, mas gostaríamos de fazer uma enérgica declaração de que esperamos seja este o ultimo lançamento espacial» — afirmou na ocasião o negro Hubert James, que chefiava o grupo de manifestantes.

INTENTONA ABORTADA NO SUDÃO

KHARTHOUM, 21 — (R.) — O ministro do Interior do Sudão, major Farouk Osman Hamad Alla, afirmou a noite passada nesta cidade que uma conspiração contra o regime sudanês no poder há dois meses, fora descoberto na capital.

Disse numa conferência de Imprensa que os conspiradores, incluindo um grupo denominado «Organização dos Negros Livres», tinham fixado a data de 18 de Julho para o seu «golpe de estado racial»

O major Hamad Alla declarou, também, que o objectivo era estabelecer um governo chefiado pelo ex-primeiro ministro Saadik El Mahdi, presidente do dissolvido partido UMMA, que se demitiu como chefe do Governo em Maio de 1967, a seguir a um voto de não confiança.

Asseverou que os conspiradores, que estavam a receber auxílio estrangeiro, seriam julgados por um tribunal militar. O presente regime no Sudão foi estabelecido em Maio, a seguir a um golpe de estado.

DEMISSÃO DOS MINISTROS

SAIGÃO, 21 — (F. P.) — Anuncia-se oficialmente que todos os ministros apresentaram esta manhã a sua demissão ao chefe do Governo Tran Van Huong.

SALVADOR: UMA AGRICULTURA VERTICAL

Com 21 393 km² (dos quais 247 km² de lagos interiores), a Republica do Salvador é a mais pequena da América Central, mas os seus três milhões de habitantes valem-lhe igualmente a mais forte densidade do istmo (170 habitantes por quilómetro quadrado) e uma das taxas de crescimento demográficas mais elevadas de toda a América Latina. O país deverá contar cinco milhões de habitantes em 1980.

Centro nervoso da América Central desde o século dezanove, o Salvador desempenhou e continua a desempenhar um papel preponderante no Mercado Comum Centro-Americano. A agricultura de acordo com a fórmula do actual embaixador do Salvador em Paris «não se desenvolveu horizontalmente mas verticalmente cultivando os cimos e os precipícios. Com o Uruguai o Salvador é o unico país da América Latina de que toda a superfície de solo cultivável é utilizada. Outra originalidade: as plantações de café (principal riqueza do país) são exploradas todas por salvadorenhos. O algodão, o arroz, o milho, o cacau, o açucar e as madeiras preciosas estão na maior parte nas mãos das «catorze famílias» que dominam o Salvador.

Honduras: a influência da United Fruit Company

Com uma superfície de 112 088 km2 e uma população estimada em 1968 em 2 500 000 habitantes, as Honduras foram e são ainda, numa grande medida, o protótipo dessas «republicas das bananas» de que falaram Juan José Arevalo e Miguel Angel Asturias. Foi nas Honduras, com efeito, que a United Fruit Company construiu um império que não começou a abrir fendas senão depois da demasiado escandalosa intervenção militar contra a Guatemala. A Frutera; cujos directores eram ao mesmo tempo os conselheiros mais escutados do Governo de Tegucigalpa, teve que ceder uma parte das acções que detinha na International Railways of Central America, mas possui ainda imensas plantações em toda a região norte das Honduras, de Bateau a El Progresso.

As Honduras, apesar da extensão do seu território, são pobres e pouco industrializadas. Apenas um terço das terras é cultivavel, sendo o resto ocupado por florestas e montanhas. Os dirigentes hondurenhos afirmam que a imigração salvadorenha incontrolada (mais ou menos trezentas mil pessoas) agravou os problemas do emprego e da repartição das terras no seu país. Sustentam ainda que a economia salvadorenha, mais desenvolvida que a sua, deveria «absorver o excedente da mão-de-obra nacional» e que o verdadeiro problema é «a não participação dos trabalhadores nos elevados lucros proporcionados no Salvador pela cultura do café e do algodão».

O Hornet no Pacífico Equatorial

A BORDO DO U. S. S. «HORNET» (Pacífico), 21 — No momento em que o módulo lunar da Apolo-11 pousava na Lua, o «Hornet», navio encarregado de recuperar os cosmonautas, vogava no Pacífico equatorial, a sudoeste do Hawai, para uma região deste oceano cuja carta submarina não foi ainda estabelecida.

Os marinheiros do «Hornet» descobriram desde a sua partida de Pearl Harbour, em 12 de Julho, seis montanhas submarinas. Prometeram que se descobrissem outra perto do ponto de recuperação da cabina a baptizariam com o nome de Apolo-11.

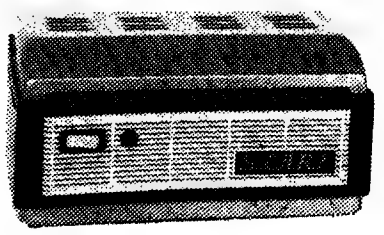
VIETMAN

FIM DA ESTRATÉGIA DA PRESSÃO MÁXIMA?

NOVA YORK, 21. — (F. P.) O presidente Nixon teria decidido responder á acalmia dos combates no Vietnam com uma redução de «estratégia da pressão máxima» exercida pelas forças americanas, conformemente ás ordens que lhe tinham sido dadas pelo presidente Johnson, anuncia a revista «Time».

A revista afirma, por outro lado, que o general Earl Wheller, chefe do Estado-Maior, prevê a possibilidade de retirar do Vietnam cerca de 100 000 homens, além dos 25 000, cuja saída já tinha sido decidida, desde agora até ao fim do ano, se a calma continuar.

O seu televisor avaria com frequência?



A imagem não é perfeita?

É PORQUE NÃO É ALIMENTADO POR UM REGULADOR AUTOMÁTICO DE TENSÃO

ADQUIRA UM ESTABILIZADOR DE TENSÃO

START

ECONÓMICO E SEGURO

SIGMA

Rua Faria Guimarães, 109-115
Telefs. 492058 - 492059—PORTO

O MECENATO ARTÍSTICO EM PORTUGAL

Pela primeira vez no nosso País, uma empresa industrial exerce louvável mecenato artístico, caso único entre nós, repetimos, embora corrente no estrangeiro. Trata-se do restauro da Capela de Nosa Senhora da Oliva — sita no Tojal, concelho de Sátão — patrocinado e subsidiado pela Fábrica OLIVA, de S. João da Madeira.

O estudo, sob todos os aspectos, da reintegração desta maravilhosa capela do Séc. XVII foi objecto de cuidados especiais, nele colaborando os srs. D. Domingos de Pinho Brandão, eng.º Santos Simões, dr. Flórido de Vasconcelos, prof. Pinto Amândio Silva e arq. Eduardo Coimbra Brito, autor do projecto de restauro.

Depois de alguns anos de trabalho e removidas todas as dificuldades, foram as obras oficialmente iniciadas no dia 14 do corrente, revestindo-se o acto, jubilosametne vivido pela população do Tojal, de carácter festivo e solene.

Entre muitas outras individualidades, estiveram na Capela de Nossa Senhoda da Oliva os srs. Governador Civil de Viseu, eng. Manuel Augusto Engrácia Carrilho; bispo de Viseu, D. José Pedro da Silva; Bispo de Filaca e Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão; Presidente da Câmara Municipal de Sátão, dr. António de Figueiredo da Costa Faro; director das Estradas de Viseu, eng. Luís de Pinho Correia de Sá; Pároco de S. João da Madeira, Padre Moura de Aguiar; e representantes da Família do Fundador da Capela, D. Feliciano de Oliva e Sousa.

Todas estas entidades foram recebidas pelo Pároco de Sátão, Padre Albano Martins de Sousa; Administrador-Delegado da Fábrica OLIVA, eng. Gil da Silva; director da mesma empresa, Fernando de Novais; dr. Renato Figueiredo, Chefe da Divisão de Publicidade e Relações Públicas; arq. Fernando Vieira Campos, também da Fábrica OLIVA; Gerente de Máquinas OLIVA Comercial, Lda., Joaquim Garcia Gonçalves; e Chefe da Zona de Viseu, Alberto da Gama Xavier Pereira. Presentes, também, todas as individualidades acima referidas e que colaboraram profi-cientemente no estudo do restauro.

Realizou-se sessão solene, em que usaram da palavra o sr. eng Manuel Soares Correia, pela população do Tojal, o Presidente da Câmara de Sátão e o Pároco da mesma vila, que se referiram elogiosamente á iniciativa da OLIVA e manifestaram a alegria por todos sentida com o inicio das obras. Seguiu-se missa rezada pelo sr. D. Domingos de Pinho Brandão, que proferiu magistral homilia, tecendo judiciosas considerações sobre o alto significado daquela cerimónia e focando o exemplo ímpar dado pela OLIVA, ao salvar da ruína a notável Capela, peça valiosa do nosso património artístico.

Segui-se almoço em Viseu, oferecido a todas as entidades citadas, tendo falado o sr. eng. Gil da Silva, pela Fábrica OLIVA, o sr. dr. José de Brito Gutterres, pela Família Oliva e o sr. eng. Santos Simões, pela equipa que procedeu ao estudo do restauro. Por último, o sr. Bispo de Viseu, em eloquente improviso, que a todos encantou pela beleza formal das suas palavras e pelos profundos conceitos expostos, pôs em relevo o gesto da OLIVA, que fica como paradigma no País.

A todas as cerimónias assistiram representantes de Imprensa: directores dos Jornais de Viseu e Sátão e correspondentes dos jornais diários. Saliente-se, ainda, o interesse despertado pelo facto, que levou ao Tojal o rev.º dr. Videira Pires que, acompanhado por equipa da Rádiotelevisão Portuguesa, ali colheu imagens do acontecimento.

Capturado em Espanha o autor de um crime grave

SOBRAL DA ADIÇA, 21 — Foi capturado em Espanha, na Vila de Rozal de la Frontera, para onde fugira, Plácido Fernandes Canalinha, de 36 anos, casado, trabalhador rural, natural Moura — que praticou crime grave na pessoa de uma filha de 12 anos.

O Canalinha, que sempre teve o costume de tomar ares de conquistador, e passou alguns meses na cadeia por furto, foi descoberto pela própria mulher.

A tradicional qualidade japonesa *a preços de mercado europeu*

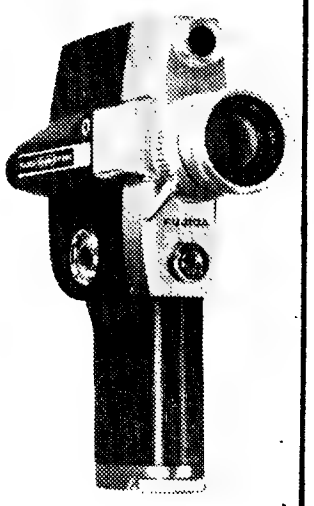
FUJICA

carregamento instantâneo

Single-8

P300

A mais compacta câmara de filmar com zoom



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL

HITZEMANN & C.ª, LDA.

PORTO—R. da Sá da Bandeira, 520/526
Telefs. 22135/6 e 36301

LISBOA—R. do Filipe Folque, 2-C e D
Telefs. 59788/9

À MANEIRA DE SIMAK

A Sr.ª K aguardava sentada na nuvem dourada, contemplando a árvore de cristal. Ia pensando, com ar ausente, no pássaro de fogo que iria levá-la ao «Clube dos Evoluidos», de que era honorária.
A brisa perfumada com o aroma que momentos antes a Sr.ª K computara ondulava os ramos da árvore de cristal, que criavam reflexos iridiscentes. A Sr.ª K sentiu-se sùbitamente feliz:

A máquina de lavar roupa SCHARPF automatizava-se e sabia quando devia parar.
A Sr.ª K, descontraída, contemplava.

JOMA SF-1

SCHARPF

A MÁQUINA E O TEMPO

SCHARPF, com cérebro electrónico
incorporado, permite-lhe a mais moderna.
eficiente e fácil lavagem.
Basta colocar a roupa na máquina
e marcar a qualidade do tecido.

SCHARPF regula, automàticamente, a entrada de detergente,
a temperatura mais adequada da água,
a quantidade de enxaguamento e a velocidade da centrifugação.
O cérebro electrónico da SCHARPF não permite erros:
todas as funções de lavagem são precisas e exactas.

SCHARPF
LAVA A TEMPO ■ TEM TEMPO ■ DÁ TEMPO

Empregada de balcão: profissão bonita, mas pouco vantajosa

PROFISSÃO «BONITA» MAS POUCO VANTAJOSA

AS CAIXEIRINHAS—3

por Antónia de Sousa

— SE TIVESSE UMA FILHA gostaria que fosse empregada de balcão?

Se é certo que para os nossos filhos desejamos sempre o melhor, das respostas das caixeiras poderíamos aferir o valor que atribuem à sua profissão já que, por si próprias, a grande maioria sente-se satisfeita por contactar directamente com o público.

Dissera em tempos a um camarada nosso uma empregada de balcão:

— É uma profissão bonita. Distrai-nos um bocado. Falar com os clientes é até muito divertido. Não se ganha muito, mas cá se vai andando.

E a nós uma caixeirinha com 14 anos de profissão:

— Gosto de balcão, gosto do contacto com o público, distrai-nos. Acho que quando há movimento há interesse. Um emprego morto não tem interesse.

Num estabelecimento de modas com características «hippies», disse-nos um dos empregados, jovem de 19 anos:

— Por uma questão de princípio, não gosto de trabalhar, mas sinto-me aqui bem, enquadro-me no ambiente.

O seu vencimento mensal é de 2000$00, aumentado com os réditos da sua actividade como desenhador.

— Desenho por uma questão de sobrevivência — afirma.

UM CIGARRO ENTRE OS DEDOS

No mesmo estabelecimento, duas raparigas desenvoltamente elegantes confirmam a adesão ao que de imprevisto e divertido há no contacto directo com o público. Ana tem o curso de francês superior tirado na Suiça e Maria Luísa está habilitada com o 7.º ano.

É Maria Luísa quem diz:

— Não preciso de trabalhar. Pertenço a uma família conservadora, amiga dos donos da «boutique»...

Qualquer das jovens fuma enquanto atende os clientes ou toma um café no barzinho anexo à «boutique», enquanto estes escolhem entre os artigos expostos.

Quando se trata, porém, do futuro das filhas, que pensa a autêntica caixeira, a que trabalha por necessidade e não por desporto, embora tire certo prazer no movimento do balcão, até quando ele já não existe?

— Se tivesse uma filha gostaria de lhe dar uma profissão melhor. Hoje em dia o balcão não é vantajoso. Gostaria que a minha filha estudasse. Até eu, se fosse mais nova, iria estudar. Como não há possibilidades, gosto da profissão — respondeu-nos a sr.ª D. Irene Pereira, a caixeira já referida, com 14 anos de profissão.

— Não acho uma profissão vantajosa — disse-nos outra empregada de balcão. — Não tenho filhos, sou solteira, mas tenho uma sobrinhita e hei-de fazer todos os possíveis para ela não vir para o comércio.

— Mas porquê?

— Porquê? Se a empregada é simpática, agradável, atenciosa, há pessoas que cuidam que a nossa simpatia tem segundas intenções. É uma das coisas que me assusta se a minha sobrinha vier cá parar.

Disse-nos a mesma caixeira:

— Tenho uma colega que é muito simpática e atenciosa. Às vezes, recebe convites desagradáveis. Tem muita compostura e acaba por responder mesmo mal. Como?! Primeiro rodeiam e conversam. Propõem almoços e jantares e depois vêm propostas de outras coisas. Por isto e por outras coisas a mulher devia ser preparada para vir contactar com o público. Só em último caso deixaria uma filha minha vir para o comércio.

OS VENCIMENTOS

Agregadas ao Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa contavam-se, nos fins de Dezembro de 1967, como sócias efectivas, 1789 e como contribuintes, na mesma data, 3885. É notória a diferença de inscritos do sexo feminino em relação ao masculino, que atingia, na mesma altura, na categoria de sócios, 9840 e na de contribuintes, 10 899.

É no sector da moda que avultam os caixeiros do sexo feminino, embora também se distribuam pelas casas de móveis e adornos domésticos, de quinquilharias e artigos decorativos, papelarias e artigos de escritório, e estabelecimentos de utilidades domésticas, etc.

Classificada como profissão bonita, mas ingrata, será bem retribuída? Quanto ganha uma empregada de balcão?

De balcão de tabacaria pode auferir 150$00 como praticante e 300$00 como meia-caixeira, segundo os mínimos estabelecidos pelo contrato, de 1943, não alterado até á data. Claro que já ninguém se sujeita a ganhar isso, mas os ordenados para quem principia a profissão não são muito mais vantajosos.

O vencimento inicial pode ser de 500$00 a 700$00. Os mínimos estabelecidos para um estabelecimento de 1.ª categoria é de 1800 escudos para um primeiro caixeiro de sexo masculino e 1400$00 para o sexo feminino. Isto apesar de a lei dizer que «para trabalho igual, vencimento igual...»

Verificámos, porém, os seguintes ordenados num grande armazem lisboeta a funcionar com centenas de empregadas: 1300$, uma caixeira de 15 anos; 1650$, outra de 18; 1800$, com 27, 2000$00, com 26; 2700$00, com 24, 32 e 34 anos; 3500$00, com 31 e 35 anos; e 4000$00, com 37 anos.

As empregadas de balcão inquiridas tinham diversas categorias e responsabilidades e foram contactadas sem escolha prévia.

A seguir: (*Fim-de-semana: reivindicação justa das empregadas de balcão*).

— Gosto do balcão, gosto do contacto com o público, distrai-nos. Um emprego morto não tem interesse.

Necrologia

SUFRÁGIOS

António Augusto Veloso

Albino Lapa

Por iniciativa da mulher e filhos, reza-se amanhã, ás 9,30, na igreja da freguesia de Cascais, missa por alma de António Augusto Veloso, falecido há sete dias.

Em comemoração da passagem do primeiro aniversário da morte do escritor e jornalista Albino Lapa, sua família manda celebrar missa de sufrágio amanhã, ás 11 horas, na igreja dos Mártires.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

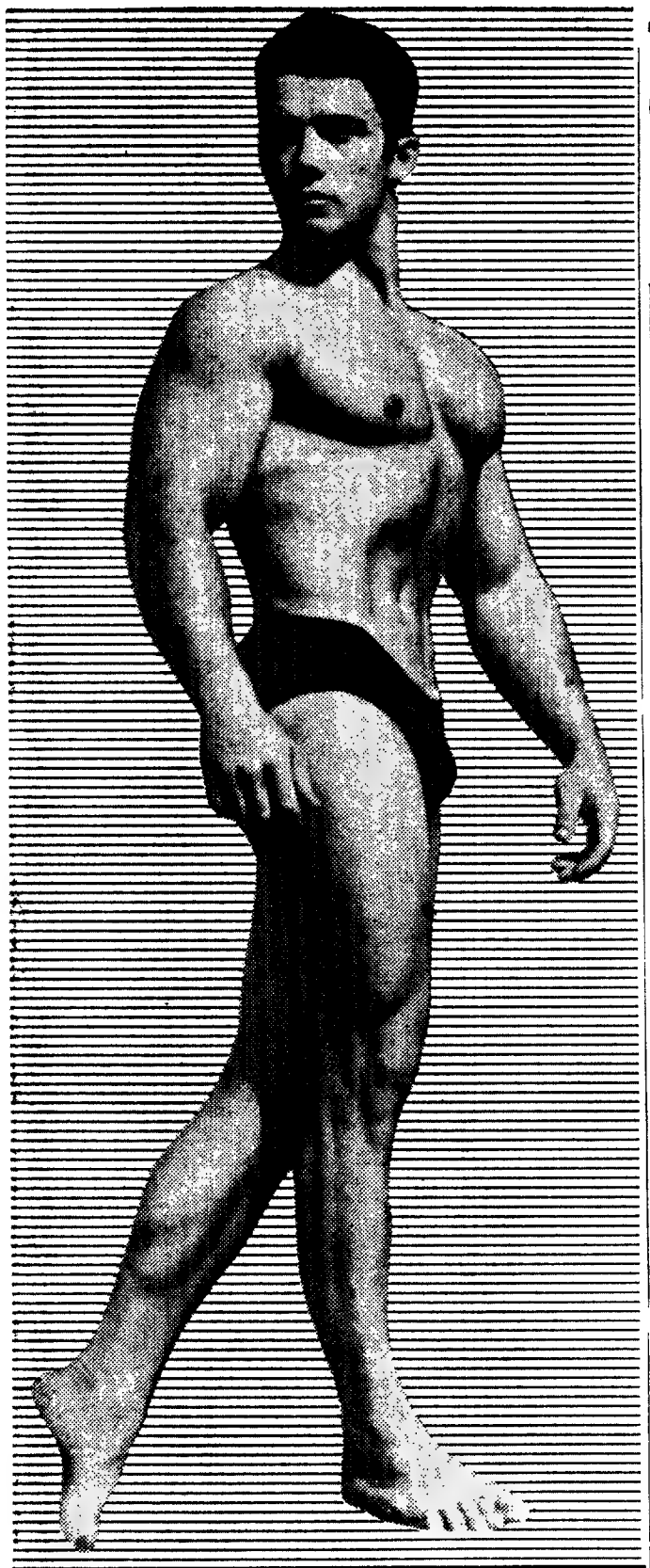
EXCURSÃO DA
DOMINGO 27 DE JULHO

LISBOA a COIMBRA, CONDEIXA, CONIMBRIGA, NOSSA SENHORA DA PIEDADE, SERRA DA LOUSÃ e volta

(INCLUINDO O TRANSPORTE POR COMBOIO, ALMOÇO E CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO)

Preço da excursão completa em 1.ª classe..... 260$00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (SANTA APOLÓNIA), NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, RUA DO ARSENAL, 124, NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS E NOS DESPACHOS CENTRAIS DE LISBOA



VEJA O SEU CORPO TRANSFORMAR-SE EM 17 DIAS COM O APARELHO ‹ERKOSTRONG›

Copie ou preencha este cupon e remeta-o hoje mesmo para receber literatura GRÁTIS sobre este campeão do musculo

REPRESENTAL, LDA.

Praça do Chile, 15-1.º — LISBOA-1

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

D. L.

PRONTO A VESTIR

Fatos leves, Casacos e calças de linho, e Terylene, vestuário para campo e praia, malhas, camisas e calções de banho e bons tecidos ingleses para confecções por medida

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8 - C

Telef. 72 73 35

O SEU CARRO TEM QUASE TUDO...

...Complete-o com um AUTO-RADIO PHILIPS

9 MODELOS À SUA ESCOLHA COM A QUALIDADE, O SERVIÇO E A GARANTIA DE UMA MARCA FAMOSA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PHILIPS EM TODO O MUNDO

PHILIPS Serviço

MONTAGENS NO CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA. AV. LUÍS BIVAR, 85-A R. PINHEIRO CHAGAS, 66 LISBOA – TELEF. 56 02 00 MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA · ACESSÓRIOS DE ORIGEM.

QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

VENDEM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L. - 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

TEM PRÉDIO? TEM CARRO? ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A ORCOSI

Telefs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D (AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

SERVIÇO

estação de serviço peças legítimas e oficinas carros novos e usados com garantia facilidades de pagamento,

Concurso n.º 32 — Fornecimento de MEDICAMENTOS

Recebem-se propostas até ás 10 horas do dia 24 do corrente mês, para o concurso supra citado.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em qualquer dia util das 9 ás 11.30 e das 14 ás 16 horas, as respectivas condições excepto aos sábados que é das 9 ás 12 horas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 16 de JULHO de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro

Horário dos comboios

Comunica-nos a C P que a partir de 1 de Julho são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

- Tranvias Lisboa-Azambuja
- Linha do Norte
- Linha da Beira Alta
- Linha da Beira-Baixa
- Linha do Dão e Ramal de Aveiro a Sernada
- Ramal da Lousã e Linha de Coimbra a Figueira da Foz (via Pampilhosa)
- Tranvias Figueira da Foz-Coimbra (via Alfarelos)
- Serviço Internacional Lisboa/Porto-Paris
- Serviço Internacional Lisboa-Madrid (Lisboa/Porto)-Galiza
- Tranvias Porto-Aveiro
- Ramal de Tomar
- Linha do Leste e Ramal de Cáceres
- Linha do Oeste

O pormenor destas alterações consta dos Cartazes-Horários afixados nas estações e nas Secções de Informações ao Público das estações de Lisboa (St.ª Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

✝

ANTÓNIO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua mulher e mais família participam que será celebrada missa pelo eterno descanso da sua alma, amanhã dia 22, pelas 8,30 horas na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Aproveitam a oportunidade para agradecer, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar em especial áquelas que por desconhecimento de moradas não é possível fazê-lo directamente.

✝

ANTÓNIO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

CASA MONTEIRO, participa que amanhã dia 22, pelas 8,30 horas, será celebrada missa na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, pelo eterno descanso daquele saudoso sócio e amigo.

Aproveita a oportunidade para agradecer reconhecidamente, a todas as pessoas que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar em especial áquelas que por desconhecimento de moradas não é possível fazê-lo directamente.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1. Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 6: Noticiário; 6 e 05: Que quer ouvir?; 6 e 30: Programa da tarde; 7: Ginástica de Pousa, pelo dr Marques Pereira; 7 e 45: Quinze minutos com Beatriz de Sousa Santos; 8 e 05: Novos ritmos; 9: Cartaz dos Espectáculos; 9 e 45: Rádio Rural — Musica só Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias do Passado; 20 e 40: 9 Episódio do Folhetim «Tristezas á Beira-Mar»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Vamos ouvir Tony de Matos; 22: A Ciência ao Serviço do Homem, pelo dr. António Manuel Baptista; 22 e 20: As nossas melodias; 22 e 50: Conjuntos ligeiros; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 15 e 30: Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão; 17 e 30: Musica de piano de Poulenc; 17 e 36: O compositor interpretando a sua obra; 18 e 30: Crítica de Teatro, por Alice Ogando; 8 e 40: Musica de piano; 19: Crítica Literária, pelo padre João Maia; 19 e 10: Semanário Musical; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de piano; 20 e 30: Musica Coral Sinfónica; 21: Recital de violino e piano, por Jean Carot e Olga Prats; 21 e 30: Musica sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.° Programa (MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Canções de Purcell pelo soprano Glória Davy Ap piano Giorgio Favaretto; 23 e 15: Quinteto com piano (Ernest Bloch) — Quinteto Ghigiano; 23 e 47: Cantatas — Uma Cantata de Natal (Vaughan Williams); 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — (MF 1 de Lisboa, Porto, Lousã e Monchique) — 95,7 mc/s — Das 21 ás 23: Musica Ligeira — Musica Sinfónica — Musical Coral — Solos popopopo

Às 19 e 10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 19 e 50: Língua portuguesa, pelo professor Vasco Botelho de Amaral; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos;; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Isto é Brasil; 21 e 03: Alegria no trabalho; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 21 e 02: Boa noite em FM 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade; Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM 67 e Fecho

Emissor de Miramar—383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C., 8: Depois do chá 18 e 30: Eu e o seu mundo, 8 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 7: .. Dirige o ritmo; 9 e 30: Estudio 64; 20: Nota de Abertura e Noticiário, 20 e 0: Norte dia a dia; 21 e 05: Diálogo; 21 e 15: Só-Rádio; 2 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: Mensagens bíblicas; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: O caminho da vida; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Vozes famosas no mundo do disco; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura; do programa e boletim do S. C. R; 19 e 30: Página ; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos Socios, 22: Quando o telefone toca, 22 e 30: Pentagrama: 22 e 45: Musica variada; 23: A 23 Hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 6: Radioroma; 18: Melodias; 8 e 15: Noticiário regional, Boletim de filmes e religioso; 18 e 15: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05. Musica Seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa e Boletim de filmes e publicações recebidas; 19 e 30: Página Um; 20 e 30: Noticiario; 20 e 55: Meditando; 21: Os Novos Emissores em Marcha, 22: Auditório, 23: 23ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 11 ás 17; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 11 e 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e 22 ás 2.

domesfilR;nHoOas8239 7128 2828

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 02: TV Educativa — Educação Musical; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Eurovisão — «O Voo da Apolo 11». Resumo dos acontecimentos do dia; 20 e 15: TV Social; 20 e 40: Se bem me lembro, pelo prof. dr Vitorino Nemésio; 21: Telejornal; 21 e 30: TV Jogos Luso-Brasileiros; 21 e 45: Eurovisão. «A Europa Canta» — canções que representam Portugal, Bélgica e Suíça nas eliminatórias deste festival realizado na Holanda; 22 e 45: Série do Oeste «Grande Vale»; 23 e 45: A Marcha do Mundo; 24: Meditação e Fecho

II Programa — Às 21: Telejornal, 21 e 30: Viagens sem passaporte; 21 e 55: Concerto para jovens; 22 e 50. Crónica — A Exposição de Bernardo Marques no Palácio Foz; 23 e 05: Hollywood Playhouse — «A Filha de Ninguém»; 23 e 30: Fecho

canal da crítica

EM DIRECTO, DA LUA

Outros contarão, com mais tempo e mais eloquência a glória desta aventura. Por minha banda, mais não quero, hoje, do que sublinhar a glória de haver participado nela através da Televisão. Nós também estivemos lá. Nós assistimos a tudo quanto se passou lá. Vimos como os homens andaram lá, como se movimentaram lá, como trabalhavam lá! Lá, isto é, na Lua, a 400 mil quilómetros de distância...

Não direi, como José Mensurado, que «se trata da mais fantástica proeza científica da Humanidade.» Mas diante dos passos destes homens que mais parecem flutuar, diante destas imagens de um solo inerte e solitário, uma terrível emoção se apoderou de nós.

Passa das seis horas da manhã. Cá, na Terra, o dia nasce. Oxalá, com este novo dia nascesse a paz para todo o Mundo. Assim o espectáculo da aventura do Homem na Lua poderia ser fruído na sua plenitude. E sem remorso. Verdadeiramente em festa.

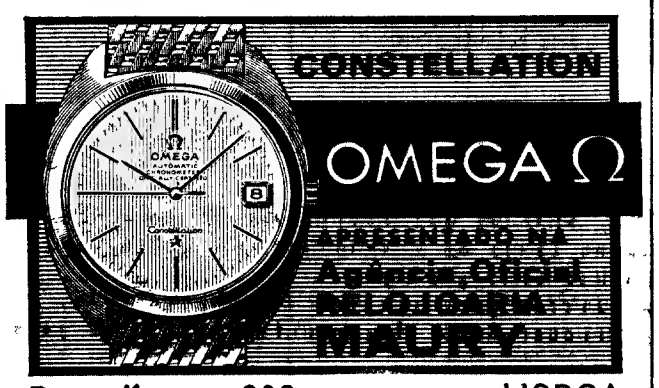
A Televisão viveu hoje, dia 21 de Julho, a sua hora mais alta. «Em directo da Lua.» Não tem todo o sabor de título para um romance de ficção científica?

FESTIVAL DA CANÇÃO (?) DE FIGUEIRA DA FOZ

Foi o nono festival. Pois foi, e no entanto parece que nenhuma experiência se acumulou nem aproveitou, parece que estivemos a assistir não ao novo, mas ao primeiro.

Nada existe que mereça da parte do crítico uma pa-

(Continua na página seguinte)



Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA PARA OS DOMINGOS

Todos os dias e em todas as estações.

VENDA DE BILHETES

Aos sábados na estação do Cais do Sodré, das 15 ás 22 horas.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SÉRIE JUVENIL: «O BOM GIGANTE»

PELAS 19 HORAS exibe-se o episódio «Em defesa dos animais», da série «O Bom Gigante», interpretado por Dennis Weaver, Clint Howard, Beth Brickell, Howard da Silva e Fay Reid. Realização de John Florea.

«Garrett, um homem de negócios, compra um grande terreno junto do Parque de Reserva para queimar o mato e construir casas. Tom Wedloe e o seu filho Mark pensam nos animais que morrerão no fogo...»

RELATÓRIO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

ÀS 19 E 45 e apresentado mais um número da rubrica «Relatório da Ciência e da Técnica» que será preenchida por um filme mostrando como se faz a recuperação dos metais através de modernos processos científicos.

TEMPO INTERNACIONAL: A CHINA

É DA AUTORIA do dr. António Ruano este programa a transmitir pelas 20 e 30 e que hoje se ocupa desse imenso país que é a China.

IMAGENS DA POESIA EUROPEIA

O DR. DAVID MOURÃO FERREIRA volta hoje a apresentar o seu programa «Imagens da Poesia Europeia» que, desta vez, se ocupará de Homero e da Odisseia.

EUROVISÃO: ASCENSÃO DO MÓDULO LUNAR

PELAS 18 e 30 e de novo através da Eurovisão, as imagens directas da ascensão do módulo lunar LEM para se juntar à nave Apolo 11.

Hermínia Silva, a castiça Hermínia, está esta noite em «Zip-Zip»

ZIP-ZIP

A PARTE FINAL da emissão é preenchida pelo programa número 9 da série «Zip-Zip», realizado sábado passado no Teatro Villaret e produzido por Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia.

Canções, entrevistas, surpresas e boa disposição, tudo isto nos dá «Zip-Zip», «no ar», a partir das 21 e 55. E apenas diremos mais que Hermínia Silva esteve lá, no palco do Villaret.

2.° PROGRAMA

Robert Logan é um dos intérpretes da série policial «Porta 77» que hoje é apresentada no Emissor Regional, cerca das 22 e 10

«DAVID COPPERFIELD» FADOS «PORIA 77»

APÓS O 2.° SERVIÇO de notícias, pelas 21 horas, segue-se mais um episódio do folhetim «David Copperfield».

Às 21 e 55, numa rúbrica em estreia, apresentam-se as fadistas Augusta Ermida e Júlio Peres, acompanhados á guitarra por António Chainho e Francisco Carvalhinho e á viola por Pais da Silva e José Maria Nóbrega.

Augusto Ermida, interpretará «O fado é isto», «Amor com amor se paga» e «O tempo que vai passando». Por sua vez, Júlio Peres, cantará «Graça de Deus» e «Milagre das Rosas».

Cerca das 22 e 10, «Laroque acaba de regressar de uma viagem e Kookie vê sair, ás ocultas, do seu carro, uma jovem, Carrie. Ela diz-lhe que vem de Nevada e conta várias histórias».

JUROS = 6 a 10 %

Redimento = Apartamentos
Andares = Actualização
Moradias = Conforto
Dinheiro bem aplicado = J. PIMENTA, S. A. R. L.

A EMPRESA QUE:
— LANÇOU A PROPRIEDADE HORIZONTAL
— INDUSTRIALIZOU O APARTAMENTO MOBILADO
— A TAL DO MELHOR, MAIS CERTO E MAIS GARANTIDO RENDIMENTO

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS, garantidos por escritura pública, durante 6 e até 18 anos

Administrando directamente, pode obter um **rendimento mensal de 1.137$50 (superior a 9 %)**

Locais das nossas propriedades: AMADORA ★ REBOLEIRA ★ VENDA NOVA ★ PAÇO D'ARCOS ★ ESPARGAL ★ PAREDE CASCAIS E LISBOA
BREVEMENTE — **QUELUZ**

Colha informações directas nos estaleiros de obras e nos nossos escritórios em:
LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.°, Esq. — Tel. 45843 - 47843
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021 - 952022
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

lavra gentil. Os cançonetistas estiveram bem á altura das canções. Todos competiram pelo lugar de «lanterna vermelha». Tal como não se pode dizer quem cantou pior, impossível será atribuir o imprémio da canção. Foi tudo muito mau, meus amigos, foi tudo especialmente muito triste, muito lamentável. Figueira da Foz merecia melhor, bem como os telespectadores portugueses cuja paciência nunca é de mais vincente. Sissi apareceu e

Já houve um festival em que nos surgiu uma esperança para a musica ligeira portuguesa. Chamava-se Maria da Glória. É certo que a esperança não se confirmou. Maria da Glória ficou pelo caminho, vencida pela engrenagem medíocre do nosso meio.

Desta vez, nem isso. Sissi, nome atirado agora aos quatro ventos, não possui a mínima condição para vir a afirmar-se como cançonetista. Aos defeitos de dicção, junta-se a monotonia inexpressiva e a presença inconveniente. Sissi apareceu e vai desaparecer.

MÁRIO CASTRIM

Sob o signo da paisagem

(Continuação da pág. anterior)

compreensíveis. Ambos de assinalar para de futuro, poderem ser desenvolvidos uns, remediados os outros. E, se uma das maiores virtudes foi certamente a dedicação posta ao serviço de uma iniciativa em que se acreditou firmemente, os erros e deficiências dispersaram-se por pequenos aspectos que cumpre vincar: a deslocação de um festival deste género para o Estoril trouxe como corolário fácilmente previsível uma quase total ausência de publico (o que se compreende sobretudo tendo em conta a época do ano e o cinema em que o certame decorreu — a sala do velho casino, ressuscitada para o efeito, com todas as suas deficiências próprias: ausência de ar condicionado, má projecção, som lastmoso, etc.); uma medíocre selecção de películas a concurso (na sua generalidade obras pertencentes ás cinematecas privadas das diversas embaixadas creditadas no nosso País); ausência de iniciativas complementares que criassem um tom cultural (ou, pelo menos, «vagamente cultural»), a par de um certo numero de actos mundanos que seguramente interessariam muito ás entidades ligadas á promoção turística da zona (e não só...).

Os filmes a concurso: 35 películas de 15 países (Irlanda, Holanda, Inglaterra, Canadá, Itália, Estados Unidos, Espanha, Bélgica, Austria, Japão, Brasil, México, Suécia, Suíça e Portugal). Acrescente-se-lhes mais 8, projectados extraconcurso. Diga-se ainda que tudo isto se viu entre 15 e 20 do presente mês. Uma média de 8,6 filmes por dia. O que é de mais. Sobretudo se se conclui pela mediocridade dominante da produção apresentada. Digamos que de todas as fitas concorrentes, unicamente dez mereciam figurar em qualquer coisa como um «festival de cinema».

Vejamos agora muito ràpidamente (e por ordem de preferência pessoal) as películas mais importantes aqui exibidas. Primeiramente, Herman van der Horst, flamengo, que nos mostra «Amsterdam», obra vigorosa, profundamente definidora da fisionomia de uma cidade, dos seus habitantes, das suas cores, do peso das suas pedras e do tempo que as modelou. De uma cidade nos fala também Fonseca e Costa, em «Évora», certamente o melhor filme deste jovem documentarista português que nele consegue uma depuração do seu estilo, amadurecendo uma linguagem própria. «Évora» é ainda um excelente exemplo de um certo documentarismo de base cultural, procurando integrar o homem no seu contexto geográfico, social e histórico.

Seguidamente várias obras nos surpreenderam pela imaginação plástica e ironia com que são subvertidos os formulários tradicionais do documentarsmo turístico. Referimo-nos especialmente a «La Frandre Orientale», de Jean Brismée (Bélgica) e «Atlantic Parks», de Bill Young (Canadá). Ambas as fitas jogam com os trunfos habituais neste tipo de produção, mas fazem-no reinventando situações, colorindo a narrativa com apontamentos pitorescos de humor e imaginação. «Instantaneos 68», do mexicano Rafael Corkidi, documentário elaborado dentro do plano de promoção turística do México durante as Olimpíadas de 68, é igualmente um testemunho significativo de um país, descoberto sob um ponto de vista cultural, permitindo-nos, para tanto, a convivência com homens como Siqueiros, Tamayo, Dolores del Rio e muitos outros artistas de gerações mais modernas. O próprio filme se inscreve num estilo de realização irreverente, feita de pequenos «achados» (nem todos eles de efeito logrado) e imagens insólitas de um país em crescimento. Por seu turno, «A Fleur de L'Eau» (Suíça), não é mais do que um exercício de ritmo e cor sobre um tema muito batido, mas aqui de novo bem aproveitado (servido sobretudo por uma magnífica fotografia): a água.

Tanto a Holanda como o Canadá fizeram-se ainda representar por mais algumas obras. No primeiro caso há a referir «And They Named it Holland», totalmente filmado em *travellings* aéreos, encadeados num ritmo de inegável fascínio. Quanto a «Zeilen», de Hattun Hovnis, pouco terá de turístico, ainda que seja de realçar a expressiva montagem conseguida com base nalgumas regatas, em que os veleiros são elementos de primordial importancia plástica.

Do National Film Board of Canada, além de «Atlantic Parks», veio-nos «Celebration», filme construído unicamente sobre fotografias e que celebrava o centenário da Fundação do Canadá, comemorado no passado ano. «Tour de force» um tanto ou quanto gratuito, era ainda assim uma experiência a reter. O mesmo não diremos de «Stamped», um monótono e antiquado documentário sobre o «cow-boy» canadiano.

Muito semelhante a «And they Named it Holland» na concepção era «Descubra a América», longo e estafante roteiro das principais cidades (e paisagens) norte-americanas, não completamente isento de uma certa demagogia política com que a obra muito lucraria se não existisse. Do mesmo género, com as mesmas (veladas) intenções era o documentário sobre o Brasil, esboçado num estilo que Jean Manzon tornou fácilmente referenciável. Dos quatro filmes enviados pela Itália, só se deverá salientar a mediocridade de «Un Sogno i una Città», por vir assinado por Luciano Emmér. Da Espanha sobressaiu o insólito gratuito de Javier Aguirre: «Te Espero en España». Do Japão assinale-se a timidez bem comportada de dois filmes tècnicamente bem acabados: «Vida no Japão» e «Um dia em Tóquio». Meramente gastronómica era a representação austríaca (e por isso mesmo enjoativa). Tanto a Inglaterra como a Irlanda mandaram curtas metragens de um conformismo gritante e absolutamente desinteressantes.

Ainda entre os filmes enviados pela representação portuguesa revimos o «Fado» e vimos pela primeira vez «Albufeira». Ambos de António Macedo, documentam uma estagnação de processos e uma utilização abusiva de determinados efeitos cada vez mais estafados. Macedo repete-se sem brilhantismo, o que lamentamos. O próprio «Fado» (que, aquando da estreia, saudámos com certo agrado) deixa entrever um envelhecimento demasiado prematuro. «Águas Vivas», de Alfredo Tropa, fica-se pela encomenda rotineira (para além de algumas «coisas» bem conseguidas) e tanto «S. Tomé» como «Algarve», de Pascal Angot mostram, mais uma vez, que não necessitamos de chamar cineastas belgas para produzirmos maus filmes turísticos. Há por cá cada vez mais candidatos (quase todos melhores e mais económicos).

Conclusões: um festival mediocre pelos filmes em concurso (com excepção de meia duzia); uma organização que poderia ter sido mais cuidada; publico que poderia ter ocorrido em maior numero. Mas, apesar de tudo, um festival para reincidir. Esperemos que para o ano possamos contar com um bom II Festival Internacional do Filme Turístico. Bastará limar as arestas que este ano foram cortantes. Isso mesmo parece estar nas intenções dos responsáveis. Que assim seja!

LAURO ANTÓNIO

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

LIVROS NOVOS

«DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA» pelo dr. Manuel Henriques Nazaré

O deputado por Moçambique dr. Manuel Henriques Nazaré publicou agora a exposição por ele feita na Assembleia Nacional em 9 de Janeiro do corrente ano sobre a «Difusão da Língua Portuguesa».

E' o terceiro dos seus Temas Ultramarinos, tendo os anteriores sido relativos ao problema habitacional das classes económicamente débeis do Ultramar, e sobre o ruralato africano.

O trabalho é consagrado a diversas personalidades, incluindo o sr. Francisco Cazal-Ribeiro.

E findo este trabalho sobre a difusão da língua com duas cartas em que se reconhece «que não há ódios raciais, mas sim ressentimentos acumulados de que nos devemos desembaraçar para evitar mal entendidos». E depois: «A solução consiste em encontrar o grau de integração suficiente que permita a economia desenvolver-se em bases humanas, com a consequente descarga da tensão psicológica acumulada de parte a parte».

«IN ILLO TEMPORE» por Trindade Coelho

É o livro mais célebre inspirado por Coimbra, pelos estudantes, pelos lentes e por futricas, como se diz no subtítulo.

«In Illo Tempore» constitui obra mestra das letras portuguesas; e o mestre de «Os Meus Amores» é um memoralista exímio no ambiente de Coimbra, tanto na paisagem humana como no ambiente.

A oitava edição agora saída, com uma capa de João da Camara Leme, enquadra-se nas obras de Trindade Coelho que a Portugália tem vindo a publicar.

«Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense» — Vol. II

O segundo volume de *«Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense»* de Almeida Carvalho, que a Junta Distrital de Setubal agora deu á publicidade, com prefácio do jornalista Óscar Paxeco, abrange o período da *Dominação Filipina.*

O volume será essencial a todos quantos queiram realizar a história da região setubalense.

«O ALMIRANTE GAGO COUTINHO»

O Rotary Clube de Lisboa homenageou o seu sócio de mérito *«O Almirante Gago Coutinho»* no ano do centenário do seu nascimento. A homenagem, além das palestras vindas a publico em almoço rotário, compreenderam uma bela plaquete publicada com a figura de Gago Coutinho na capa elegante e o «curriculum vitae» rotário de Gago Coutinho, as datas principais da sua vida e o discurso que Gago Coutinho proferiu no Rotary Clube de Lisboa em 29 de Julho de 1958.

A publicação é feita no quadro das relações rotárias da comissão luso-brasileira, instituída na conferência rotária dos dois países.

ACTA DO JÚRI

Aos vinte dias do mês de Julho de mil novecentos e sessenta e nove, no Palácio dos Congressos da Junta de Turismo da Costa do Sol reuniu-se o Juri do I Festival Internacional do Filme Turístico, constituído por João Baptista Rosa (que presidiu) Lauro António de Carvalho Corado, Manuel Rodrigues Neves, Nuno Augusto Ferreira Alves da Rocha, Augusto António do Carmo Cabrita, Luís Filipe Ros e Albino André, que decidiu atribuir os seguintes prémios:

SOL DE OIRO — ao filme «AMSTERDAM», de Herman Van Der Horst (Holanda).

SOL DE PRATA — ao filme «INSTANTANEOS 68» de Rafael Corkidi (México).

SOL DE BRONZE — ao filme «ÉVORA», de Fonseca e Costa (Portugal).

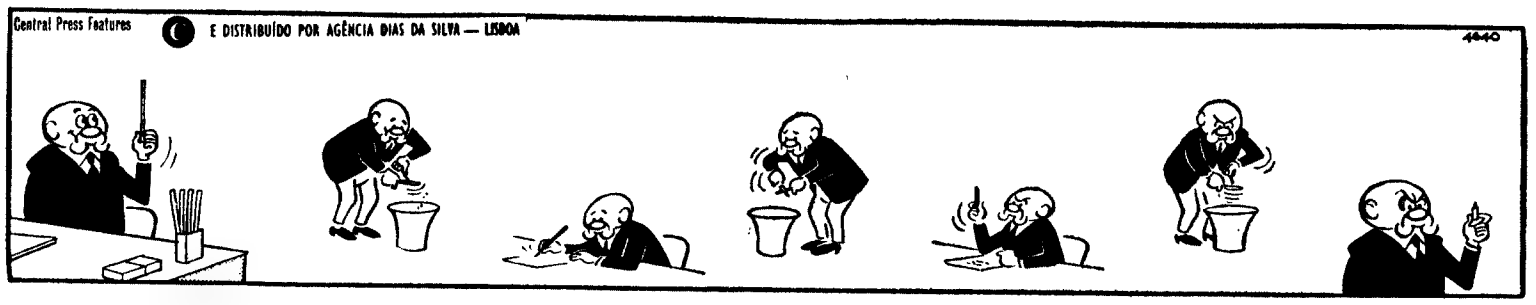
Mais decidiu o Juri atribuir um prémio especial, «ex aequo», aos filmes «ATLANTIC PARKS», de Bill Young (Canadá) e «LA FLANDRE ORIENTALE» de Jean Brismé (Bélgica) pelo excelente aproveitamento de um formulário turístico tradicional que os autores reinventam por meio de ironia e imaginação plástica.

O Prémio de Fotografia, instituído pela firma «Sonólica», foi atribuído ao filme «A FLEUR DE L'EAU» (Suíça).

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

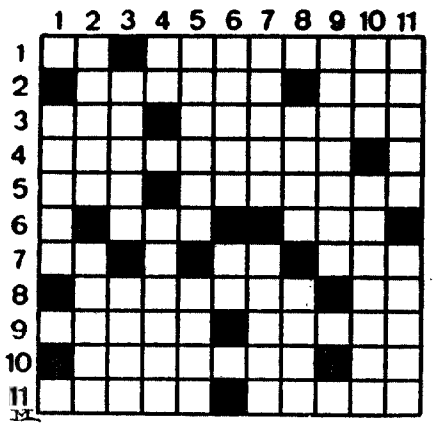
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5243

HORIZONTAIS: 1 — Preposição Abaixo. 2 — Guarda de harém. Roupas de lã. 3 — Árvore cuja casca aromatiza o vinho. Cavidades. 4 — Tremera. 5 — Partiam. Distinção honorífica. 6 — Período de tempo. Ferro temperado. 7 — Interjeição de admiração, dor ou alegria. Símbolo químico do mercúrio. Bordo. 8 — Imaginários. Réis (abrev.). 9 — Congelado. Bagatelas. 10 — O que faz uso frequente de termos novos. Concede. 11 — Parte do pé, vulgarmente chamada «peito do pé». Cordeiros.

VERTICAIS: 1 — Esperançada 2 — Dividiro ao meio. Mamífero que se alimenta de carne decomposta. 3 — Doutor da lei, entre os Muçulmanos. Vassourar o forno depois de aquecido. 4 — Prefixo de privação. Planta gramínea, muito frequente nos prados (pl.). 5 — Relativo ao cubo. Deus dos ventos. 6 — Auxílio. Existe. 7 — Enrubescem. Bamboleia-se. 8 — Zona. Outro nome de Jerusalém. 9 — Apanho. 10 — Alimento. Duplicado 11 — De osso. Repassas ao fogo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5242

HORIZONTAIS: 1 — Logro. Lança. 2 — Ré V.ço. 3 — SEGREDO Ar. 4 — Romeiro. Ide. 5 — A.i DE. TRÊS. 6 — Apoda. Na. 7 — Delirareis 8 — Im. O. Idos 9 — Orfandade. 10 — Bem El. Odor. 11 — Os. Azasse.

VERTICAIS: 1 — Lá Rã DIABO. 2 — Sol. Em. És. 3 — Gremial. Om. 4 — Rege. Pior. 5 — O. Ridor. FEZ. 6 — Vereda. Ala 7 — Lido. Ar. 8 — Aço. Eidos. 9 — Nó Ir. idade. 10 — Adensado 11 — Apresa Ser

(Provérbio: SEGREDO DE TRÊS O DIABO O FEZ)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9086

HORIZONTAIS: 1 — A parte mais elevada de uma coisa. Termo por que os Japoneses designam todo o Japão. 2—Circ. da província ultramarina da Guiné. Elos. 3 — Estime. Tempo do verbo saber. 4 — Flutuo. Rio de Portugal 5 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Irmã da mãe. Saudáveis. 6 — Letra grega. Grave doença contagiosa. Pronome pessoal. 7 — Transpirar. Estaca para empar. 8 — Troçar. Árvore venenosa da Malásia 9 — Golfo do Mediterrâneo na costa de Trípolis. Irmão de Moisés. 10 — Despacha. Receei. 11 — Bateríamos com o marrão

VERTICAIS: 1 — Apurar. Empregam 2 — Utensílio doméstico. Depois de. Czar da Rússia cognominado «O Terrível» 3 — Encolerizada. Tramar. 4 — Cume. Estar iminente. 5 — Nome da letra. Solo. 6 — Rio de Portugal. Cidade da antiga Caldeia. 7 — Em as Mulher que não crê em Deus. 8 — Aquela que depois de morta foi rainha. Embarga. 9 — Obstáculos. Contudo. 10 — Nesse lugar. Dose (Fam.). Patrão. 11 — Fenómeno de difusão que se dá entre dois líquidos através de uma parede mais ou menos porosa. Tempo do verbo ser.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9085

HORIZONTAIS: 1 — Apela. Fitam. 2 — Tira Raça 3 — Ura. Avô. Ser. 4 — Rã. Apelo. Ri 5 — Atino. Aduba. 6 — Amor. Rema. 8 — Um Baião. Am. 9 — Lião Irra. 10 — Gárra. Atear 11 — Arear Corro.

VERTICAIS: 1 — Atura. Pulga. 2 — Pirata Miar. 3 — Era. Imo. Ave. 4 — Lá. Ano. Borá. 5 — Aporta. Ar. 6 — Ave Io. 7 — Olaria. AC. 8 — Ir. Ode. Oito. 9 — Tas. Uma Rer. 10 — Acerba. Arar. 11 — Maria. Amaro.

LICENCIADO EM ECONOMIA OU FINANÇAS

Para lugar de DIRECTOR ADMINISTRATIVO ADJUNTO em grande empresa Metalo-Mecânica do Porto.

EXIGE-SE:

- **Que possua experiência administrativa e contabilística de empresas;**
- **Que não tenha obrigações militares a cumprir;**
- **Que seja dotado de personalidade forte, senso de disciplina e de responsabilidade, bem como de espírito de julgamento e decisão.**

OFERECE-SE:

- **Ordenado inicial de Esc.: 15 000$00, além de regalias de carácter social;**
- **Estabilidade e largas possibilidades de valorização pessoal.**

Resposta ao n.º 305 da Administração deste jornal.

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» está á venda na Av Combatentes da Grande Guerra, 10-C (José Bravo).

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Julho de 1939 publicava:

«A Imprensa, que a actual Constituição proclama de utilidade publica, tem obrigações a que não pode fugir especialmente esta — servir a opinião, defendendo as reclamações justas e as aspirações razoaveis.

Ninguém melhor do que ela, na hipótese de querer cumprir os seus deveres, traduz mais directamente a voz do País, visto que, pelo seu contacto diário com os homens e os problemas, está em condições inigualáveis para ajudar aqueles a agitar estes.

Que aconteceria se a Imprensa se calasse subitamente, roubando aos seus leitores os jornais que os informam e que os familiarizam com a actualidade mundial?»

Congresso Internacional do S.I.I.A.E.C. na Universidade Católica

Por iniciativa do Comité Nacional Português do Secretariado Internacional dos Engenheiros e Economistas Católicos, vai realizar-se em Lisboa, no edifício da Universidade Católica, de 23 a 26, o VII Congresso Internacional do S. I. I. A. E. C. (Secrétariat International des Ingénieurs, Agronomes et Economistes Catholiques).

O congresso tem como primeiro fim fazer um diagnóstico dos principais problemas que se põem aos países implicados num processo de desenvolvimento.

A cerimónia inaugural, no dia 23, às 9 horas, assistirá o sr. cardeal-patriarca de Lisboa.

O gato mordeu a senhora professora

VISEU, 21 — Mordida por um gato, a ferida infectou-lhe e teve que ser socorrida no Hospital de São Teotónio a sr.ª D. Maria Luís Simões Saraiva, de 37 anos, casada, professora oficial do ensino primário em Vila Chã de Torredeita.

DISCOS LIGEIROS CLÁSSICOS

ORGANIZE A SUA DISCOTECA ADQUIRINDO UM LOTE DE DISCOS À SUA ESCOLHA

PAGANDO APENAS 55$00 POR MÊS

SEM FIADOR ENTRADA INICIAL

Vapedrone

2 LOJAS UM SÓ NOME

VAPEDRONE é sempre igual; na Sede ou na Filial

54, RUA DA VITÓRIA, 56 — TELEFONE 35602
17, R. DOS FANQUEIROS, 19 — TELEF. 320376 | LISBOA

NOTÍCIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

Exposição de arte fotográfica

FIGUEIRA DA FOZ, 21 — Num dos salões de exposições do Casino Peninsular, encontra-se uma admirável exposição de arte fotográfica, do grande artista Aníbal Sequeira. São quarenta trabalhos, que o publico, muito interessado, admira no seu elevado nível artístico.

A exposição, além do seu grande valor artístico, tem ainda o interesse suscitado pelo facto de Aníbal Sequeira ter sido escolhido para colaborar no livro «A Terra e o Homem», de Jaime Cortesão.

Médicos escolares

Prossegue, com duas sessões diárias, até quarta-feira, o primeiro Curso de Aperfeiçoamento para Médicos Escolares, cujos trabalhos se revestem de muito interesse.

A homenagem ao presidente do Município

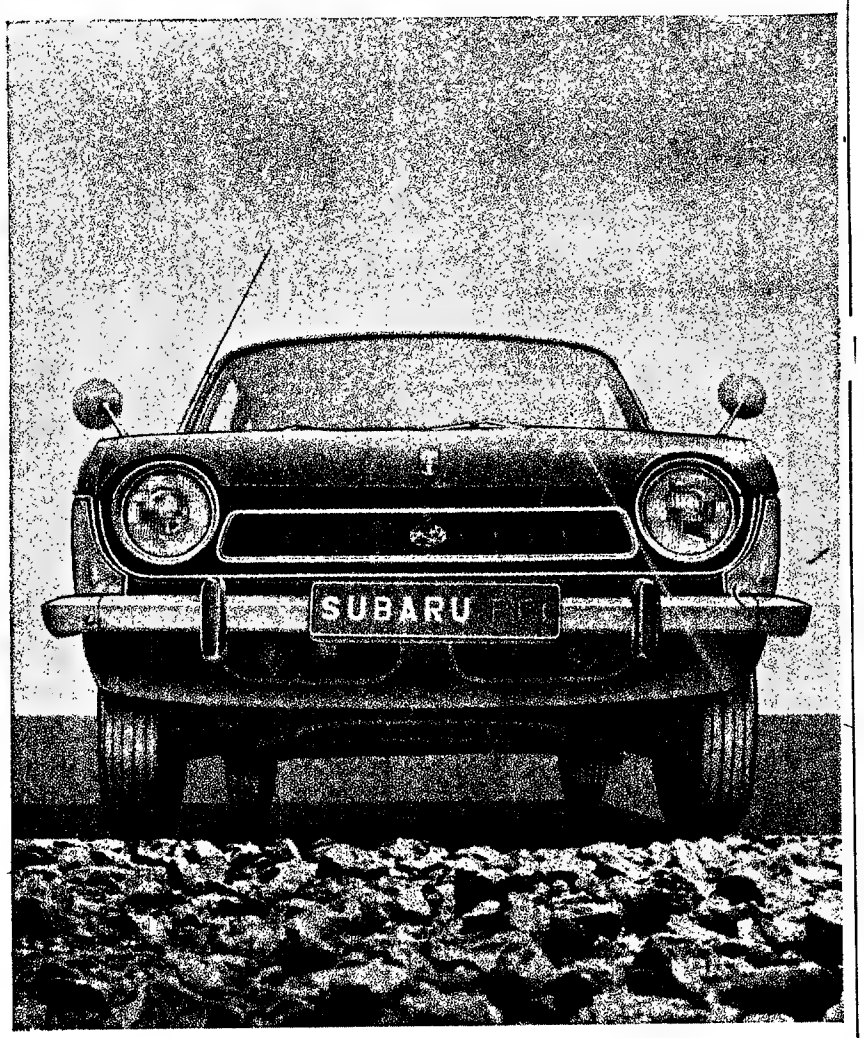
A anunciada homenagem ao presidente do Município, sr. José Coelho Jordão, incluirá, além da sessão, um almoço no salão nobre do Casino Peninsular.

Cursos de Recreação Educativa nas Praias

A Mocidade Portuguesa volta a realizar este ano, durante o mês de Agosto, os Cursos de Recreação Educativa, cujos Centros funcionam em Póvoa de Varzim, Leça Palmeira, Matosinhos, Espinho, Furadouro, Palheiros de Mira, Figueira da Foz, S. Martinho do Porto, Peniche, Ericeira, Costa da Caparica, Sesimbra, Sines, Quarteira e Monte Gordo.

KONI

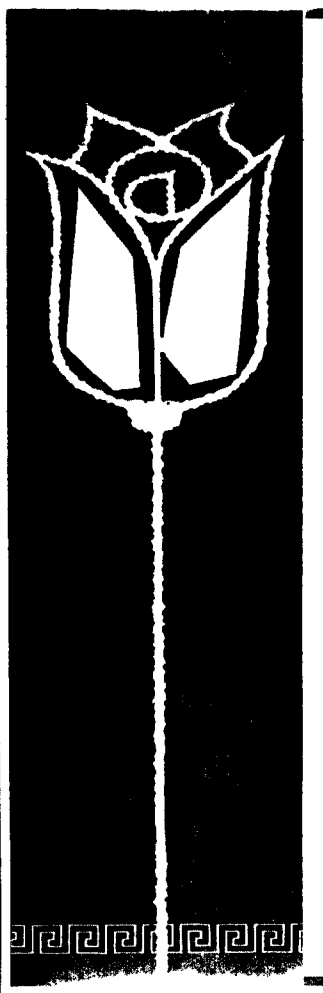
ALCATIFA AS ESTRADAS



o amortecedor mais barato por km. percorrido

JOMA K7-69

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

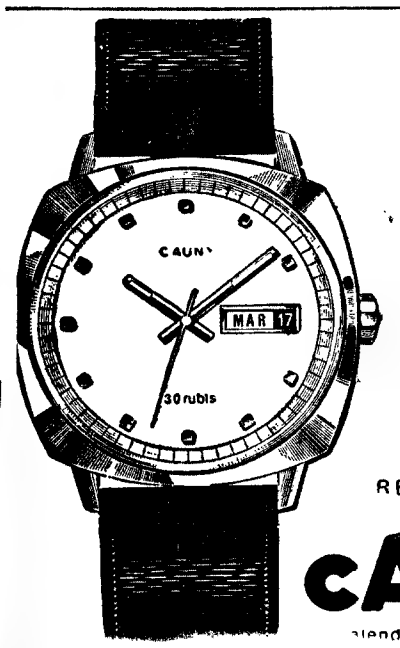


ÚLTIMAS NOVIDADES

— Fatos de banho
— Pronto a vestir
— Malhas
— Camisaria
— Lingerie

armazéns da betesga

PRAÇA DA FIGUEIRA, 15
TEL. 36 90 40 LISBOA



MELHOR QUALIDADE
MAIOR EXACTIDAO
MAIOR PERFEIÇAO
MAIOR BELEZÁ

RELÓGIO SUIÇO
cAUNy
Calendário Automático

FRIGORIFICOS

145 Lts	2.170$
175 Lts	2.850$
215 Lts	3.150$
270 Lts – 2 portas	5.150$
280 Lts	3.990$

condições especiais para revenda. Consulte-nos

ASTROTECNICA Rua dos Anjos, 71-B
Lisboa Av. António Augusto de Aguiar, 58-B

AUTOMOTORA ESPECIAL

A C. P. organiza semanalmente, até aviso em contrário, uma automotora especial de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta,, em ligação com as carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), com o seguinte

HORARIO

IDA Sábados		VOLTA Domingos
12.00 P.	Vila Real de Santo António-Guadiana	C. 5.41
12.11 P.	Vila Real de Santo António	C. 5.37
12.34 P.	Tavira	C. 5.15
12.51 P.	Olhão	C. 4.59
13.00 P.	Faro	C. 4.48
13.36 P.	Tunes	C. 4.17
16.55 C.	Setúbal	P. 0.59
17.25 C.	Barreiro	P. 0.35
18.10 C.	Lisboa (Terreiro do Paço)	P. 23-50

PREÇOS

— De Vila Real de Santo António — Guadiana até Olhão a Lisboa, e volta ..... 120$00
— De Faro e Tunes a Lisboa, e volta ..... 110$00

Bilhetes à venda nas estações de Vila Real de Santo António-Guadiana, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro e Tunes.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Há uma chave que todos os meses abre o coração de Sara...
DOCE NOVEMBRO
TECHNICOLOR
com Sandy Dennis e Anthony Newley

ESTÚDIO
(M 12 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
TECHNICOLOR
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O DESERTO MARAVILHOSO

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O grande brinde para grandes e pequenos!
O MELHOR DE BUCHA & ESTICA

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
HOJE E AMANHÃ: ULTIMAS DO NOTAVEL FILME PORTUGUÊS
Encontro com a vida
Realização de Artur Duarte com ROGÉRIO PAULO e MARIA DULCE

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 15.15 e 18.15 e 21.30
TOBRUK
O AGENTE DIABÓLICO
(Ar condicionado)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Uma mulher jovem e bonita... entre a sua vida e o amor de sua filha
ESTA NOITE, NÃO!
com Karen Blanguernon

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Um filme de DICK SANDERS
ESTA NOITE, NÃO!
com Karen Blanguernon e Frederic de Pasquale

POLITEAMA
Telef. 326305
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
2.ª SEMANA TRIUNFAL COM O FILME DE ACÇÃO EXPLOSIVA
Comissário X no Vale das Mil Montanhas
com TONY KENDALL e BRAD HARRIS
(Col.) (M. 12 anos)

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
Um poema de graça e de imagens!
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
70 m/m — Technicolor
Natalie Wood, Tony Curtis e Jack Lemmon em
A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO
AR CONDICIONADO

AVIS
(M/ 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
Uma alegre comédia musical
DE BRAÇO DADO
EASTMANCOLOR
MASSIEL — BRUNO — LOMAS — MIKY
AR CONDICIONADO

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
ESPIA SEM NOME
TRAÇO VERMELHO 7000

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 21.30
O PEQUENO BANHISTA
com Louis de Funès e Robert Dhery

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320917
As 21 horas
PÁGINA DE AMOR
NEBRASKA, O PISTOLEIRO

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 21.30 no «écran» gigante
SPARTACUS
com Laurence Oliver, Kirk Douglas e Jean Simons
Devido á longa metragem do filme SPARTACUS não se realiza hoje a habitual sessão das 18.15 h.

MUNDIAL
(Adultos) Telef. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª semana de êxito!
Anthony Perkins e Vera Miles no filme de Alfred Hitchcock
PSICO
AR CONDICIONADO

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Um milhão de dólares no Banco... Uma dúzia de garotas nos braços...
JAMES COBURN em
AMAR NAS HORAS VAGAS

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O PERIGO VEM DAS MULHERES
com Richard Johnson, Daliah Lavi e Beba Loncar

Como homenagem ao ciclista Joaquim Agostinho e pela sua flagrante oportunidade, volta ao écran deste cinema a sensacional reportagem de Claude Lélouch sobre a «Volta à França»
«POR UMA CAMISOLA AMARELA»

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
Silva Koscina — Jean Sorel — Gabriele Ferzetti
OS PROTAGONISTAS
Uma extraordinária e excitante aventura
SCOPE — COR

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
Praça D. João I — AMADORA
Às 15.30 e 21.30
Na grandiosidade dos 70 mm. e do som estereofónico um filme delicioso e adorável
7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
LADRÃO ROUBADO
com Michael Caine e Herbert Loom

SOLAR DO MINHO
de Eduarda Maria
FADOS * FOLCLORE
R. do Vigário, 60
ALFAMA
Telef. 866811 (M 17 anos)

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50598
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
JOHN WAYNE, ERNIE KOVACS, STEWART GRANGER e CAPUCINE no famoso filme de acção que reaparece
A TERRA DAS MIL AVENTURAS

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.30
3.ª SEMANA
O regresso de um grande êxito
ROCCO E SEUS IRMÃOS
Realiz.: Luchino Visconti com Alain Delon, Annie Girardot, Renato Salvatori e Claudia Cardinale
AR CONDICIONADO

OUTROS ESPECTÁCULOS

ÓPERA

TRINDADE — Às 21 e 30: «Werther» (12 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Os Dez Gladiadores» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Esta noite é minha» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Os Pistoleiros da Casa Grande» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Blue» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «A maldição dos Deuses» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A sombra de um gigante» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O carrasco de Veneza» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Batman o invencível» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «O homem que veio do futuro» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Bonança & C.ª» (12 anos).

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O Homem, o Orgulho e a Vingança» e «077 desafio os inimigos» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «A Palavra» (17 anos).

● Linha de Cascais

ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «O pequeno banhista» (12 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30 «À beira do pânico» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO — Às 21 e 30: «O filho de Django» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Onde está o óscar» e «Todos foram julgados» (17 anos)

Espectáculo do coro universitário do Ohio na Estufa Fria

Mais uma vez vem a Portugal, durante a visita anual de férias á Europa, o coro universitário do Ohio. E mais uma vez os catedráticos e os dirigentes do conjunto resolveram dar um espectáculo gratuito em Lisboa, colaborando com a Camara Municipal no programa de apresentação de corais famosos. Assim, o Ohio State Fair Choir, já conhecido dos lisboetas, vai na noite de amanhã á Estufa Fria, para entoar algumas das peças do seu reportório. A distribuição dos bilhetes faz-se, na terça-feira, das 18 ás 20 horas, nos Restauradores e na Estufa, a partir das 21 e 15.

PROSSEGUE O AMBIENTE DE ENTUSIASMO DA POPULAÇÃO LISBOETA ACERCA DA NOTÁVEL REALIDADE QUE É A
FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
VERDADEIRO PONTO DE ENCONTRO DE TODAS AS PESSOAS QUE GOSTAM DE SE DIVERTIR E PASSAR UMA NOITE AGRADÁVEL
«STANDS» DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, ETC.
ABERTURA ÀS 19 HORAS
HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL, OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

VIDA MUSICAL

Recital de Piano de Edgar Wilson

No salão nobre do Grande Casino de Espinho, Edgar Wilson dá esta noite um recital de piano em que executa obras de Pagnini, Brahms, Schumann, Chopin, Frederico de Freitas e Manuel de Falla.

Este recital, promovido pela Pró Arte, é organizado pela Academia de Musica de Espinho e integra-se no VI Festival de Música de Espinho.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro 117 (633288) * Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 8-A (712070) * Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) * Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B ao Pote d'Água (710 31)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (á Av. S. João de Deus) (72494') * Onilda, Av. João XXI, 3-A (726848) * Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Av. Sacad. Cabral) (770776) * Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) * Sagres, Aven. Luís Bivar, 69-7' (47213) * Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 81 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 22).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, P. das Casas Novas, 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B 1, á R. Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) * Morão, R. da Assunção, 17-19 (321289)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (702532) * Sousa, Est. de Benfica, 429-43 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — Porfirio, R. Franc. Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (680304) * Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780'8')
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — Paivas & Parente, R. de Santo António á Estrela 96-98 (665196) * Martins, Calçada da Estrela, 67 — (660823)
GRAÇA — Arnall, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) * Morão, L. da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — Intendente, L. Int. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio lote, 12-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 2 (662075).
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612) * São Paulo, R. 2, Lote 828, á Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (3107'') * Higiene, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B n.º 4, L. 43 Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, P. M. 3 (610256)
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395)
RATO — Soares, Av. Alvares Cabral, (684282)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 9 (773728).
RESTELO — Tanara, R. Rodrigo Reinel 3-A (61'814) (á encosta do Restelo próximo dos Moinhos)
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (á Av. D. Afonso III) (843439) * Martins, Lda., Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 251 234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Avenida Combatentes G. Guerra, 66 (213953)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Grincho, Av.ª da República, 87-A (247 204). vidência (Tel. 2472948).
ESTORIL — S. João, (Tel. 26 86)
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (260008)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento, 19, 41 (Telefone 28014') Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caxias (Tel. 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D. João I — Lote 46 — Bairro Janeiro (932756) * Central, Av.ª Cardoso Lopes 25 (932210) * Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) * Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 Reboleira (Tel. 938924)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (971023).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado 3 (950905) * «Zeller, R. da Republica, 83 (950045)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 29 00 2).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456.
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234 00)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Belo Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Central — R. de Olivença, 11 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 2- B (224 4')
BARREIRO — Higiénica, R. D. Manuel I, 178 (2273017)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro 62 270121).
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025.
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035.
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (229471)
SETUBAL — Bocageana, Rua do Romeu (23425) * Bairros, B.º Santos Nicolau (23330)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho 38 (Tel. 2213560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 366141 * Judiciária, 535380 * Maritima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural) 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril) 361121 * Estação fluvial T. Paço), 325345 * Estação Maritima de Alcântara, 663195 * Estação Maritima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belem) 638531

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
AMANHÃ ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
QUARTA-FEIRA FEIJÃO COM ENTRECOSTO
Av. Praia da Vitória, 50-E (Junto do Monumental)
Telef. 536080

TARANTELA
RESTAURANTE * SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

restaurante arameiro
LISBOA (Restauradores)
Trav. St.º Antão, 21
AR CONDICIONADO
Aberto até ás 3 horas

RESTAURANTE antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
(Encerrado às 3.ªs-feiras)
Parque privativo para automóveis
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1383
Lisboa 2 — Portugal

COMO ELES VIRAM O HOMEM NA LUA

Eles viram pela TV os primeiros passos de Neil Armstrong e Edwin «Buzz» Aldrin na Lua. Ou não quiseram ver — mas foi no seu tempo que isto aconteceu. Representantes de vários sectores da vida portuguesa, têm um testemunho a dar que não é nem pode ser o mesmo, antes nos surge diferenciado. O «Diário de Lisboa» procurou-os hoje, conversou com eles e recolheu as suas impressões sob a forma dum breve inquérito: o inquérito do Dia 1, quando o homem finalmente pôs pé no único satélite visível da Terra.

PROF. MÁRIO SILVA
(cientista)

Pioneiro do ensino da problemática nuclear em Portugal, o prof. Mário Silva atendeu-nos na sua residência de Coimbra depois de três horas de sono.

— Estava na cama — *explicou* — porque me deitei tardíssimo. Não queria perder a transmissão da descida na Lua.

— Uma impressão rápida, sr. professor?

— Tive pena de que a transmissão não fosse tão nítida como se poderia desejar. Mas o que se viu era já excepcional. Na altura rememorei tudo aquilo que se sabia sobre o voo e a descida. Recordo especialmente a sequência da marcha dos astronautas, aqueles saltos na superfície lunar. Entretanto a minha sensação foi sempre a de que a coisa iria processar-se segundo as previsões. Eu estava convicto de que seria assim: não tive surpresa.

JOÃO ABEL MANTA
(Artista plástico)

Arquitecto, pintor, desenhador, «cartoonista»: este é João Abel Manta, um dos poucos grandes artistas plásticos do nosso País. Também ligou a TV para apreciar a aventura de Armstrong e Aldrin. E conta:

— Não vi totalmente: vi só um bocado. Falharam-me justamente as primeiras imagens, com certeza as de maior interesse. E estava cheio de sono, fiz um esforço terrível para não dormir. Mas a transmissão impressionou-me. Ao mesmo tempo senti uma certa desilusão por não haver surpresa. Sabe, eu sou um obcecado por ficção científica — e neste tipo de literatura há vários espécimes. A aterragem na Lua está na linha do Arthur Clarke, que é a que menos me interessa. Não tem nada, por exemplo, dum Ray Bradbury. Mas achei bonito, principalmente quando um dos astronautas andou com a câmara á volta para apanhar o horizonte todo. E era delicioso aquele medalhão do Nixon a falar ao telefone com os tipos. Parecia um postal antigo!

LUÍS FORTUNA DE CARVALHO
(empregado de escritório

Casado, pai de três filhos, Luís Fortuna de Carvalho é empregado da Caixa Geral dos Depósitos. Uma paixão — o cineclubismo. Disse-nos o seguinte:

— Estive até ás cinco da manhã a pé. A transmissão impressionou-me em certa medida, mas posso dizer que não me emocionou. Aquilo é tudo tão certo que não pode acontecer nada de surpreendente. Faltou-lhe, digamos, a emoção própria do espectáculo.

ANTÓNIO PENAGUIÃO
(aviador)

Aviador e instrutor de voo, António Penaguião (do Aero-Clube de Portugal) não dormiu esta noite por causa da transmissão «Apolo». Eis o seu depoimento:

— Acho tudo tão extraordinário que a minha convicção é de que a maioria das pessoas não se apercebeu, nem apercebe, da grandiosidade da missão. Porque aquilo representou a ultrapassagem duma série de problemas, de limites e de riscos — um aviador como eu tem que acompanhar de perto a parte técnica. Em resumo: é uma das coisas mais maravilhosas do nosso século.

CARMEM DOLORES
(actriz)

Actriz de teatro declamado, Carmem Dolores é mulher do director-geral da Aeronáutica Civil, eng.º Vítor Veres. Respondeu-nos com muita simpatia:

— Não vi o princípio. Mas o que vi tinha uma nitidez extraordinária e houve planos fantásticos. É uma coisa maravilhosa. Maravilhosa porque todos nós participamos nela, não é assim? E representa um progresso científico excepcional ao qual ninguém pode ficar indiferente.

De vez em quando

Há incongruências para as quais não se encontra uma única explicação. Ontem tivemos conhecimento de uma ao ouvir o major Baptista Rosa, (o homem de televisão, o realizador de cinema, 'o director de revistas e jornais, além de simpático) **afirmar, na entrega dos prémios do Festival Internacional do Filme Turístico, no Casino Estoril, que há em todo o Mundo nada menos de mil festivais cinematográficos e nós não temos nenhum. Claro que o Ghana também não tem. Mas a incongruência reside no facto de sermos um país onde há uma data de gente a fazer fitas**

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo, o vento era fraco e havia neblina em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 38°,5; mínima: Anadia, 5°

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 25°; Faro, 27°; Funchal, 23°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 26°; Portalegre, 29°; Porto, 28°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 24°,5; na água do mar: 20°,2

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado. Vento fraco, podendo soprar moderado do quadrante norte, durante a tarde, na faixa costeira ocidental para sul do cabo Carvoeiro. Nevoeiro e neblinas locais.

Amanhã
Nascer ás 6 e 29
Ocaso ás 20 e 56

Amanhã Dia 29 Dia 5 Dia 13

MARÉS.

PREIA-MAR. **Dia 21** — 8 e 17 (3,5 m); 20 e 35 (3,6 m). **Dia 22** — 9 e 10 (3,4 m); 21 e 35 (3,5 m). **Dia 23** — 10 e 14 (3,3 m); 22 e 40 (3,4 m) BAIXA-MAR: **Dia 21** — 1 e 52 (1,2 m). 14 e 07 (1,4 m) **Dia 22** — 2 e 45 (1,3 m); 5 e 07 (1,5 m) **Dia 23**: 3 e 48 (1,4 m); 16 e 24 (1,6 m)

A LUNA 15 POISOU NA LUA

(Continuação da 1.ª página)

33 minutos após a chegada do módulo lunar americano ao Mar da Tranquilidade.

No momento em que os sinais da «Luna-15» deixaram de ser captados, ás 16 e 50, o engenho tinha uma velocidade apropriada para alunar, declarou «Sir» Bernard Lovell.

«Sir» Bernard acrescentou que tinha sido ás 16 e 46 que os rectrofoguetões da «Luna-15» foram postos a funcionar.

A órbita da «Luna-15» tinha sido modificada durante a sua 51.ª revolução lunar, declarou «Sir» Bernard Lovell. O tempo da revolução diminuiu de uma hora e 54 minutos para uma hora e 53.

A altura média da órbita baixou de 60 para 50 km acima da lua.

A «Luna 15» parece ter tocado o solo lunar na região do Mar das Crises, ou seja a cerca de 800 km do ponto de alunagem do módulo americano. Os sinais de rádio a nda não começaram e ignora-se se o engenho soviético se esmagou contra a Lua.

A LUNA PODE REGRESSAR ANTES DA APOLO

Passou a ser possível que os soviéticos façam regressar a «Luna-15» á terra antes da «Apolo 11», declarou o prof. John Davies assistente de «Sir» Bernard Lovell.

Com efeito, como o engenho soviético não é habitado, o processo de retorno á terra pode ser consideràvelmente acelerado.

TER-SE-IA ESMAGADO NO SOLO?

Depois de ter verificado os seus cálculos, «Sir» Bernard Lovell indicou que, no momento em que a «Luna-15» deixou de emitir, a sua velocidade era de cerca de 480 km por hora.

Se o engenho tocou na Lua a essa velocidade, certamente se esmagou.

RELAÇÕES U.S.A.--CHINA

WASHINGTON, 21 (F. P.) — Os Estados Unidos decidiram aliviar as restrições sobre o comércio e as viagens com a China Popular a partir de quarta-feira próxima, anunciou o Departamento de Estado.

OS VOTOS DE BREJNEV

VARSÓVIA, 21 — (R.) — O dirigente soviético Leonidas Brejnev desejou hoje aos Estados Unidos a continuação do êxito da missão lunar Apolo-11.

O dirigente soviético não mencionou especificamente a descida dos astronautas na Lua mas o significado das suas palavras foi claro.

Srs. agentes de Viagens
Para reservas especiais em Fátima prefiram o
HOTEL SANTA MARIA
Utilidade turística
Recentemente inaugurado
Telefones 97215 e 97236

TV SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

CONVITE PARA O JAPÃO

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____ DE 19 ____

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este cupão, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores, em formato grande), e envie para «DIARIO DE LISBOA» — Selecção da Rainha Internacional de Beleza - 1969 — Rua Luz Soriano, 44 — LISBOA - 2.

M/6 anos
CAMPO PEQUENO
QUINTA-FEIRA, 24 DE JULHO, ÀS 22 HORAS

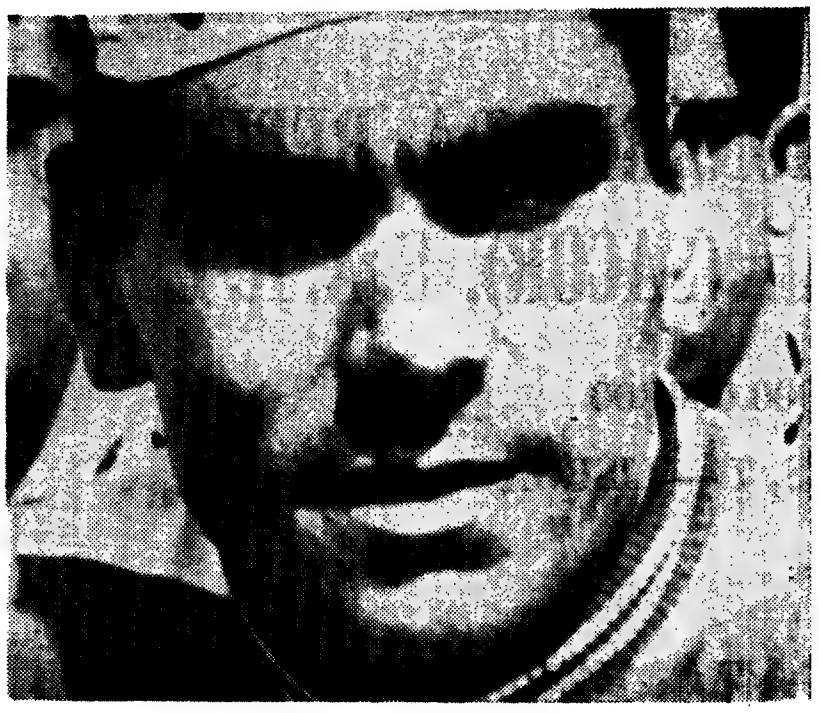
PACO CAMINO
JOSÉ FALCÃO

CAVALEIROS
MANUEL CONDE
FREDERICO CUNHA
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
COMANDADOS POR
JOSÉ MANUEL SOUTO BARREIROS

4 TOIROS DOS HERDS. D. DIOGO PASSANHA (QUINTA DE S. PEDRO), PARA A LIDE A CAVALO, E 4 DE CUNHA PATRÍCIO, PARA A LIDE APEADA.

TELEFS.: 771819 - 761539 - 321713 - 30769

A cento e tal á hora, os bólides quase se tocam: na pista da Granja do Marquês, a emoção de uma excelente jornada automobilística



AUTOMOBILISMO NA GRANJA DO MARQUÊS

CARLOS SANTOS FOI O VENCEDOR DAS «TRÊS HORAS»

Afastado provàvelmente para as praias num dia quentíssimo de Verão, o público, que já rareara no sábado, voltou ontem a aparecer em pequena quantidade para as competições do IV Circuito da Granja do Marquês, ao contrário do que se passava há mês e meio quando da disputa do G. P. de Portugal, naquele mesmo circuito.

Os organizadores, tal como sucedera em Vila Real quinze dias antes, haviam estabelecido como prova principal do programa uma competição de resistência: a corrida de 3 horas para automóveis dos grupos de Grande Turismo, Desporto, Turismo Especiais e Protótipos. Não nos parece que este tipo de competição encontre um bom acolhimento por parte do nosso público.

Na realidade, ou os concorrentes inscritos possuem mecânicas sólidas capazes de os fazer durar dentro da competição ou esta se transforma, inevitàvelmente, num monótono cumprir de voltas na marcha comparativamente lenta daqueles que fazem o possível por não exigir das máquinas aquilo que é possível fazê-las cumprir, com uma relativa garantia, numa competição mais curta de número de voltas conhecido.

(Continua na página central)

AGOSTINHO —GALGAR DO ANONIMATO PARA UM QUADRO DE HONRA

Do nosso enviado especial **AMADEU JOSÉ DE FREITAS**
com o patrocínio do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

PARIS, 21 — Terminou o 56.º «Tour» de França — ainda tenho os olhos cheios do espectáculo de festa e alegria que Vincennes me ofereceu. A «Volta» é na verdade, a festa grande deste um espectáculo especial, diferente — país que a «Volta» possui sortilégio que não se explica e só vê e sente.

Uma competição arrasante, diabólica e sàdicamente traçada — tantas vezes! — que procura tirar dos homens o máximo das suas possibilidades.

Há espectáculos sem duvida — mas há acima de tudo, um hino feito de suor, esforço e sofrimento.

O «Tour» não dá folgas — quem entra nele não pode guardar nada. E aí daquele no caminho vencido pela infernal «galopada» da distancia e da velocidade.

Eu temo não conseguir dar-vos uma ideia da grande a e amplitude disto tudo da máquina, do quilómetro, do tempo, da recusa do pobre corpo, vencido por tanto e tanto desafio.

Para mim, que andei cá e que vi, que acabei de automóvel e mesmo á beira de «desistir» — considero que é motivo de fibra e valor, todo aquele que consegue chegar ao fim.

Uf! — que isto é de «estoirar» com um sujeito.

★

Por tudo isto eu tenho de considerar — e não me importo nada que muitos achem que peco pelo exagero — que a proeza de Agostinho é a maior de sempre do ciclismo nacional e uma das maiores que se têm obtido no desporto português.

Resistir como ele resistiu — á dor cruciante, esmagadora, trepar e descer os Alpes, perna e braço em carne viva a sangrar, é qualquer coisa de espantoso, merecedor de admiração e elogio gritado bem alto. Só quem viva a sangrar, é qualquer coisa de espantoso, merecedor de admiração e elogio gritado bem alto. Só quem espirrar dos pensos, dores contínuas atravessarem no pode talvez julgar da projecção do que fez.

★

Mas nem era preciso isso para batermos palmas — o 8.º lugar na «Volta á França» é, sem duvida nenhuma, posto que constitui honra. Obter esta classificação depois de uma «batalha» cruel de mais de 4 mil quilómetros, Alpes e Pirenéus pelo meio, contra homens batidos, experimentados, «sabidões» sem conhecer nada, sem ter experiência, «matreirice», treirice», calo, só quer dizer que estamos em presença de uma figura á parte.

Os «bastidores» do «Tour» falam por mim — ele foi a grande revelação, ele é considerado o unico possivel futuro rival de Merckx.

★

Não quero, nesta crónica perder-me com certos empolamentos, deixar-me arrebatar por tudo aquilo que me fez vibrar aquela figura pequena, morena, cheia de musculos e força moral, olhos negros e vivos, um sorriso de miudo, uma modéstria e humildade que são patente do homem simples.

— «Agostinho explodiu» — afirmou-me um colega.

Certo, Agostinho explodiu», para o grande palco do ciclismo mundial.

Escreveu, o moço de Brejenjas, nas longas e quentes estradas de França, uma história do nosso desporto.

Cá estou a dar-lhe o meu abraço — bem o merece, junto ao de todos vós.

E olhemos agora para o seu futuro — vamos amparà-lo, ajudá-lo, dar-lhe o recorte que ele merecer. Pedir-lhe que continue a ser o mesmo homem simples que isto de «heróis» em desporto, é falso como Judas...

O que ele fez foi extraordinário. Eu contei-o para os leitores — e fui um jornalista feliz!

O VITÓRIA DE SETÚBAL GANHOU A «TAÇA RIBEIRO DOS REIS»

Disputaram-se ontem à noite no Estádio do Restelo os últimos jogos da Taça Ribeiro dos Reis que o Vitória de Setúbal conquistou.

Na página 3 publicamos comentários aos dois desafios realizados: Benfica-Salgueiros e Vitória de Setúbal-Peniche.

AUTORIZADO EM LOURENÇO MARQUES O BENFICA-RACING

LOURENÇO MARQUES, 21 —Dado o numero de críticas que o facto provocara, a Associação Provincial de Futebol de Moçambique anulou a sua decisão de não autorizar uma empresa de turismo a realizar no dia 2 de Agosto o jogo Sport Lisboa e Benfica-Racing de Buenos Aires, integrado no Torneio Internacional de Lourenço Marques.

A proibição fora decidida por no dia 3 de Agosto, isto é, no dia seguinte, se disputar na mesma cidade o jogo entre as selecções provinciais de futebol de Moçambique e de Angola.

O Conselho Provincial de Educação Física já autorizara, porém, a realização do Torneio Internacional com as datas apresentadas pela empresa de turismo, pelo que a Associação Provincial de Futebol, ao ter agora conhecimento de toda a situação, resolveu deixar de obstar a que o Benfica-Racing se dispute a 2 de Agosto.

FUTEBOL

O Pinhal-Novense venceu o Marítimo do Rosário por 2-0 no jogo da primeira «mão» a contar para a primeira divisão do distrital de Setubal.

No próximo domingo, disputa-se no campo do Marítimo do Rosário, o jogo da segunda «mão».

VOLEIBOL

APURADOS OS FINALISTAS DA TAÇA DE PORTUGAL

O campeonato argentino de futebol é disputado em duas fases. Na primeira, a que se dá o nome de campeonato Metropolitano, as equipas de Buenos Aires são divididas em duas zonas: a A e a B. São apurados os seis primeiros de cada uma delas que, com os clubes da província formam o conjunto de 18 equipas que disputam o Campeonato Nacional.

Os participantes deste ano no «Nacional» são: Boca Juniors, vencedor da Zona A, Chacarita, Velez Sanfield, Independiente, San Lorenzo e Lanus, Racing Buenos Aires, vencedor da Zona B (com 4 pontos de avanço) River Plate, Estudiantes Huracan, Platense e Quilmes.

No torneio de classificação foram já apurados o Gimnaria y Esgrima, o Rosário Central, o Newell Old Boys e o Union. Falta apurar aida dois concorrentes.

O Estudiantes da La Plata, campeões mundiais e sul-americanos não conseguiram mais que um modesto terceiro lugar na zona B.

ESTUDIANTES DE LA PLATA MODESTA CLASSIFICAÇÃO NO CAMPEONATO ARGENTINO

Decorre com um interesse limitado a Taça de Portugal em voleibol.

O alheamento de equipas consagradas nas anteriores edições da prova (casos do Sporting de Espinho e Técnico) e mais recentemente o F. C. Porto que em face da sua participação nos jogos Luso-Brasileiros teve de abandonar a competição, tiraram o interesse desportivo a esta «Taça».

Referente à 2.ª eliminatória, o Leixões venceu o Nun'Alvares por 3-0; a Académica bateu o Desportivo de Fiães por 3-1; o Benfica ganhou o Externato de Moscavide por 3-0 e o CDUP averbou a respectiva vitória por falta de comparência do B. P. M.

É a quinta vez que se disputa esta competição que teve como anteriores vencedores o Sporting de Espinho (1965), o Benfica (1966), o Técnico (1967) e o F. C. Porto (1968).

Este ano os conjuntos que irão disputar a fase final são o Leixões, Benfica, CDUP e Académica pelo que apenas os benfiquistas podem aspirar à repetição do triunfo.

A Federação procurou sempre realizar a fase final numa zona onde a modalidade é pouco conhecida para assim poder fomentar e divulgar o voleibol. Desta vez foi escolhida a cidade de Viseu para termo da competição.

SOCIEDADE ANÓNIMA CONCESSIONÁRIA DA REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS EM PORTUGAL (SACOR), S. A. R. L.

CAPITAL: ESC. 700 000 000$00

SEDE: RUA DAS FLORES, 7 — LISBOA

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL PARA ESC. 850 000 000$00

Por portaria de 24 de Junho do corrente ano, publicada no «Diário do Governo», 3.ª Série, de 28 do mesmo mês, foi autorizada a emissão de 150 000 acções nas seguintes condições:

a) — **35 000 acções por incorporação de reservas**

Os actuais accionistas, incluindo o Estado, terão direito a receber 1 nova acção por cada 20 acções possuídas, contra o pagamento da quantia de Esc. 50$00 referente ao Imposto de Mais-Valias. Este direito será exercido pela apresentação das acções que serão carimbadas;

b) — **38 334 acções a atribuir ao Estado**

De acordo com o disposto no artigo 10.º, do decreto de 22 de Julho de 1965, publicado no «Diário do Governo», 3.ª Série, da mesma data;

c) — **76 666 acções para subscrição pública, sendo:**

1) — **46 666 acções com reserva de preferência para os actuais accionistas excluindo o Estado**

Os actuais accionistas terão direito a subscrever 1 nova acção por cada 10 acções possuídas, ao preço de Esc. 3450$00 a que será acrescida a importância de Esc. 73$50 referente ao Imposto de Mais-Valias. Este direito será exercido pela apresentação dos títulos para serem carimbados, quando se tratem de acções nominativas, ou pela entrega do cupão n.º 32, quando se tratem de acções ao portador;

2) — **30 000 acções sem reserva de preferência para os actuais accionistas**

As acções são emitidas ao preço de Esc. 3450$00 cada, e serão **nominativas** devendo as subscrições, **sujeitas a rateio,** ser feitas por pessoas singulares ou colectivas de nacionalidade portuguesa, nos termos do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 46 312. Destas 30 000 acções, poderão ser mandadas reservar pelo Ministério das Finanças 15 000 acções, para atender prioritàriamente os pedidos de subscrição formulados por Misericórdias e fundações de interesse social. No caso de eventual rateio, os critérios do mesmo ficarão sujeitos à aprovação do referido Ministério.

As acções referidas em 1) e 2) serão liquidadas em duas prestações, a saber:

— 50 % e mais o Imposto de Mais-Valias, quando houver lugar ao seu pagamento, no acto da subscrição;
— 50 % durante o mês de Novembro próximo e em data a fixar oportunamente.

As acções agora emitidas, terão direito a 1/4 do dividendo que vier a ser votado, com referência ao exercício de 1969.

As operações acima referidas, terão lugar nas Sedes, Filiais, Agências e Dependências do BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA e BANCO FONSECAS & BURNAY, nas seguintes datas:

— a partir de 24 do corrente, a constante da alínea a);
— de 24 a 31 do corrente, as constantes na alínea c).

Lisboa, 17 de Julho de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

V. DE SETÚBAL-PENICHE (1-0)

A TÉCNICA FOI MAIS FORTE

Sob atmosfera algo parecida com a dos trópicos, Vitória de Setubal e Peniche disputaram, ontem à noite, no Restelo, com uma das balizas à média-luz, a final da taça «Ribeiro dos Reis».

Público em número reduzido. Mesmo assim, largo consumo de refrigerantes. Gente demasiadamente acalorada. Mais incitamentos aos penicheiros. Faltou, pelo menos, a soldadesca mais rija do 8.º Exército setubalense.

O jogo terá a história singela dos prélios que se desenrolam sob o signo da despreocupação.

Sadinos deram, desde logo, a sensação de que o triunfo dificilmente lhes escaparia, achando supérfluo forçar o andamento e o apuro técnico dos lances. Aliás, tratava-se da Reserva, sem ases tipo J. J.

Aos 19 minutos, alcançaram o único golo do despique, por intermédio de Arnaldo, em remate indefensável à tal baliza à média-luz; e a questão a todos se afigurou que havia ficado arrumada. E isso veio, realmente, a acontecer, com a maior naturalidade.

Os setubalenses, mais frágeis fisicamente, e de menor estatura, socorreram-se, em longos trechos da partida, de técnica individual mais apurada, a qual lhes facilitou amplo domínio na ordenação dos lances, sem necessidade de embates mais ou menos demolidores. Essa ascendência verificou-se mais na defesa e no meio-campo (Octávio distinguiu-se particularmente, pela sua habilidade e destreza). No ataque, é que as coisas não lhes correram pelo melhor em especial a partir da meia-hora, quando os defensores penichenses entraram, decisivamente, na senda da força e de uma maior aplicação.

Peniche apresentou um «team» pesado, com apontamentos interessantes registados a meio-campo, mas que em nada contribuiram para melhorar a acção de avançados falhos de iniciativa, de intuição, de faculdades técnicas, de rapidez, de entendimento. Campinense, que ao longo da época se notabilizou, no torneio da Zona Sul, como rematador, parecia perdido em mar revolto de constantes deslizes de conjunto e, em determinada altura, achou, até, aconselhável abandonar o posto de «ponta-de-lança» naturalmente com a ambição de imprimir um pouco mais de ordem às operações desenroladas a meio do terreno, tendo-o, em parte, conseguido.

Nunca os sadinos deixaram de desfrutar de supremacia técnica, ainda que tão pálida como a luz eléctrica do Restelo, mas suficiente para conter em respeito os adversários. Estes, no entanto, no segundo tempo, quardo se notou abrandamento de velocidade por banda dos setubalenses, reagiram com vontade, com determinação, com... força, mas na vanguarda persistiram em acumular deslizes de toda a sorte, facilitando, consideravelmente, a tarefa da defesa contrária.

Se os leitores quiserem uma imagem mais proeminente do desafio, ela aí vai: setubalenses desejosos de agir com mais desembaraço mercê de lances realizados com a bola a rasar o terreno; penichenses incapazes de tentar o ataque, em seus movimentos da retaguarda socorrendo-se dos mesmos propósitos que animavam os adversários.

Portanto, a toada de bola alta que os penichenses não puderam contrariar em mais contribuiu para denunciar a supremacia técnica dos setubalenses. Estes, na fase de maior assédio dos penicheiros, viram-se em sérios apuros, em dois ou três lances, mas a ameaça do golo do empate, que decerto implicaria um prolongamento impiedoso para os jogadores e grande parte do público, desvaneceu-se como fumo açoitado pela ventania.

O certo é que os sadinos tiveram um bom começo, que contrastou com um final descolorido, muito de quebra física e de excesso de confiança na manutenção do resultado. Não restará, porém, dúvidas a ninguém de que o êxito pendeu para a equipa de melhores valores individuais, de conjunto mais perfeito e definido.

Arbitragem desatenta.

☆

Alinharam, sob a direcção de Renato Santos, de Coimbra:

VITÓRIA DE SETÚBAL — Torres; Raul, Vítor, Rebelo, Octávio e José Mendes; Eduardo e Armando; Arnaldo, Vítor Baptista (Rangel), Amancio e Mateus.

PENICHE—Tavares; Borges, Seia, Lino, Cunha Velho; Luís e Carapinha; Norberto, Campinense, Vicente e Honório (Carvalho).

☆

No final do desafio, a taça em disputa foi entregue ao capitão da equipa do Vitória pela dr.ª Margarida Ribeiro dos Reis, filha do homenageado.

VASCO ROCHA

Um avançado setubalense tenta penetrar na defensiva de Peniche. Entretanto o árbitro observa

BENFICA-SALGUEIROS (2-1)

«DISCUSSÃO» EM FAMÍLIA

COM O «PAI» EM MELHOR POSIÇÃO

Benfica e Salgueiros disputaram ontem à noite no Restelo um encontro bastante agradável para disputa do 3.º lugar da «Taça Ribeiro dos Reis».

O despique decidiu-se como era de esperar, com a vitória dos benfiquistas por 2-1. No entanto é justo salientar a réplica animosa oferecida pelo Salgueiros que nunca se deixou impressionar pela superioridade técnico-táctica do adversário, procurando — e conseguindo fazer o seu jogo sem condicionar os seus movimentos às insuficiências que denotou no confronto com a mais hábil e mais experimentada formação lisboeta.

A turma nortenha denunciou logo no começo do jogo a sua declarada predisposição para o ataque no evidente propósito de tentar surpreender o último reduto do adversário. E na primeira avançada tão vibrante e entusiástica foi a sua arremetida ao meio campo benfiquista, que obrigou a defesa contrária a ceder um canto.

Não obstante essa irreverência dos nortenhos a primeira oportunidade de golo pertenceu ao Benfica e foi desperdiçada por um clamoroso falhanço de Abel. Mas esse golo benfiquista não tardou a surgir por intermédio de Nené, aos 6 minutos, e na sequência de um bom passe de Matine.

Que a réplica salgueirista era de forma a perturbar o labor dos lisboetas, demonstra-o a circunstância de pouco depois terem desfrutado de uma ocasião favorável à obtenção de empate, devido a um desentendimento entre Matine e o seu guarda-redes.

E ao quarto de hora os nortenhos sacudiram de novo o domínio do adversário aparecendo então com mais frequência ao ataque.

Mas assim mesmo foi ainda o Benfica a elevar o «scor» para 2-0, aos 33 minutos, de novo por intermédio de Nené, mas desta vez na sequência de uma magnífica jogada de Praia.

Os salgueiristas não se impressionaram e, logo no início do segundo tempo, numa arrancada fulgurante, Yaúca reduziu a diferença, aproveitando uma queda de Abrantes.

Os últimos 35 minutos de jogo foram já disputados sob a luz dos projectores.

Yaúca teve ainda uma oportunidade de estabelecer o empate, rematando ao lado do poste, mas até final manteve-se a supremacia com que o Benfica justificou o triunfo.

A arbitragem, embora com algumas falhas, pode considerar-se boa.

Constituição das equipas

Sob a arbitragem do sr. Francisco Lobo, de Setúbal, as equipas alinharam:

BENFICA — Abrantes; Cavém, Humberto, Marques e Tomás (Fernandes); Victor e Matine; Pavão, Praia (Vieira), Abel e Nené

SALGUEIROS — Melo; Taco, Gabriel, Edgar e Violas; Santino e Reis (Artur); Ferreira, Yaúca, Santana e José da Costa

J. D. M.

Muitos jogadores na discussão dos lances foi uma característica do desafio Benfica-Salgueiros, como aliás a imagem documenta

IV CIRCUITO DA GRANJA DO MARQUÊS

PODERÃO RESULTAR EM PORTUGAL AS CORRIDAS DE RESISTÊNCIA?

A corrida da Fórmula V abriu o programa da tarde de ontem e viu a primeira participação do célebre e rápido Kaiman V numa competição no nosso País.

O carro, guiado pelo alemão Horst Rhau mostrou-se de facto extraordinàriamente veloz, mas não conseguiu nunca efectuar os tempos de Ernesto Neves, que naquela sua atitude «descontraída» de guiar, curvando rápido, olhando e sorrindo mesmo, por vezes, para as pessoas que estão na pista e pelas quais eventualmente vai passando, estabeleceu o «record» da pista, em Fórmula V, em 1 m 26,37 s (média de 116,707 kms/h). Horst, no Kaiman, não conseguiria melhor do que 1 m 27,29 s.

Carlos Gaspar (Porsche Carrera 6) ao cortar a meta no final da corrida que ganhou com extrema facilidade

José Baptista dos Santos, que apresentava a outra novidade da corrida, o novo Galáxia V, não conseguiu andar depressa: é o motor, ao que parece, que não está ainda em ordem.

Mas, como haviamos previsto, a corrida foi dominada durante muitas voltas pela luta entre Nogueira Pinto, Cavagnac, António Barros e Luís Fernandes... da qual Horst Rhau, no Kaiman, levaria a melhor.

Uma reclamação apresensentada, contra o carro de Ernesto Neves, que em virtude disso será hoje «aberto» tornou provisórias as classificações que publicamos.

A inclusão de automóveis de Turismo de série na corrida dos Especiais, determinada pelo apertado condicionamento das horas em que a pista da Base Aérea 1 foi autorizada para funcionar como autódromo, iria destruir o espectáculo habitual da competição do Grupo 1, desta vez com uma nova faceta em virtude da total ausência da representação Alfa-Romeo.

Aliás, José Lampreia, o vencedor absoluto da corrida apenas teria que andar depressa nas primeiras voltas. A sua volta mais rápida foi a terceira, em 1 m 26,01 s (117,195 kms/h) que é o «record» do circuito para o Grupo 5, conquanto Ernesto Neves, no Ford Escort Twin Cam, tivesse conseguido, nos treinos, tirar um segundo àquele tempo e o próprio Lampreia tivesse feito, na véspera 1 m 25,10 s.

Xico Santos, vitorioso em Grupo 1, com o Cortina Lotus, daria á Ford o seu primeiro e inesperado triunfo nas competições deste ano, mas para muitos a vitória passaria despercebida.

Notável a prova de Fernando Baptista no Austin Cooper S, atrás do Porsche de Christian Melville. O piloto nortenho seria o unico a fazer descer os tempos do Cooper S abaixo de 1 m 30 s.

Por ultimo, segundo a clássica partida tipo Le Mans, a duzia e meia de carros partiu para a corrida de «três horas».

As mecanicas eram uma completa miscelania que ia do Cooper 1000 de Maria do Céu, até ao Lola de 3 litros (com o motor V 12 da fórmula 1) de Max Wilson, que detinha o melhor tempo dos treinos, mas que na prova acabaria cedo.

A desistência de Nogueira Pinto, por avaria na caixa de velocidades tirara á corrida o interesse da luta pelos primeiros lugares. Ao fim da primeira hora, na prática, apenas as posições atrasadas estavam em jogo. E, ao fim de duas horas, a luta era restrita aos três carros mais pequenos da prova, o de Baptista dos Santos, o Giannini de Caixinha e o Cooper de Maria ndo Céu.

Os restantes concorrentes, então apenas seis, com intervalos superiores a uma volta, giravam descansadamente nas suas posições «irremediáveis». E o resto do publico foi embora.

As «3 Horas» da Granja

Para encerramento do IV Circuito da Granja do Marquês disputou-se a prova denominada as «3 Horas» corrida máxima destinada aos grupos III, IV, V e VI, em que participaram 18 concorrentes.

Ao iniciar-se a corrida que se fez em tipo «Le Mans», Carlos Santos e Manuel F. Souto, ficaram «cola-dos» á pista a acusarem dificuldades no arranque.

A primeira passagem pela meta a posição dos concorrentes era a seguinte: Ernesto Neves (Lotus 47), Christian Melville (Porsche 911), Nogueira Pinto (Porsche Carrera 6), Américo Nunes (Porsche 911S), Max Wilson (Lola T 70), Manuel Atsoc (Lotus Elan Racing) Lazaro Salada (Porsche 911S), Pedro Rasteiro (Lotus Europa), Varsavaux Didier (Marcos 1300), Policarpo Brito (N. S. U. TTS), Pedro M. Rodrigues (Lotus Super Seven), Alvaro Lamy Viçoso (N. S. U. TTS), Baptista dos Santos (Hilman Imp GT), Tony Caixihas (Gianini G P.) Donaldo M. Santos (Morris Cooper S), Carlos Santos (Porsche Carrera), Maria do Céu (Austin Cooper) e Manuel Frederico Souto (Austin Cooper S).

Após os primeiros 15 minutos de prova Max Wilson comandava a corrida, seguindo na sua esteira Nogueira Pinto, ao mesmo tempo que Carlos Santos, muito na retaguarda, tentava recuperar o tempo perdido quando do «arranque» inicial.

Entretanto, o carro de Max Wilson começava a fumegar (aos 20 minutos) e parou nas boxes, enquanto Nogueira Pinto passava para o 1.º posto, registando o tempo de 1 m 47,14 s (média de 141,123 km/h).

A meia-hora de prova, a melhor volta de Carlos Santos era de 1 m 46,14 s, que todavia viria a ser melhorada 1 m 45,72 s — média 143,009 km/h). Ao atingir-se os primeiros 45 minutos de prova as posições apresentaram a seguinte ordem:

Nogueira Pinto, Carlos Santos, Ernesto Neves, Christian Melville e Américo Nunes. Entretanto, Max Wilson encostava pela terceira vez à sua box, por perda de óleo. Por sua vez, Nogueira Pinto pára, para abandonar pouco depois a corrida, por avaria na caixa de velocidades e Carlos Santos passa para a frente. E assim se atingiu o fim da primeira hora, em que Pedro Rasteiro teve de desistir, por princípio de incêndio.

2.ª Hora

Ao entrar-se a 2.ª hora, a posição dos concorrentes era a seguinte: Carlos Santos, Ernesto Neves, Américo Nunes e Pedro Rasteiro. O melhor tempo pertencia, nesta altura, a Carlos Santos, com 1 m 44,60 s (média 144,550 km/h) e com a vantagem de duas voltas sobre Ernesto Neves!

À 40.ª volta a posição dos concorrentes não sofria alteração. Dão-se, porém, algumas desistências, entre elas a de Varsavaux Didier, com a junta da cabeça queimada.

Ao atingir-se a hora e meia de prova, Carlos Santos encostou à box para abastecimento, enquanto Ernesto Neves melhora a sua média (1 m 51 s — 136,216 km/h), o mesmo sucedendo em relação a José Lampreia, um quarto de hora depois (1 m 55,44 s — 130,977 km/h).

Consumidas duas horas de prova, Carlos Santos continuava senhor da situação seguido de Ernesto Neves, Américo Nunes, Christian Melville (por troca de Lampreia) e Manuel Frederico Souto.

A 3.ª Hora

Ao entrar-se na derradeira hora, apenas se encontravam em prova nove concorrentes. As posições anteriores mantinham-se com ligeira quebra de velocidade.

À 71.ª volta, ou seja, quando havia 2 horas e meia de condução, Carlos Santos, sem qualquer oposição válida dos restantes concorrentes, continuava na vanguarda. As restantes posições pertenciam a Ernesto Neves, Américo Nunes e Christian Melville. Assim se atingiu a 86.ª volta com o tempo de 2 horas e 45 minutos.

A 9 minutos do final da corrida, o carro de Tony Caixinha rolava com o tubo de escape a roçar a pista,

POR BANDEIRA DE LIMA

mantendo-se, no entanto, em prova. Finalmente chegou o termo da corrida, com Carlos Santos a receber os «louros» da vitória, como aliás era de esperar.

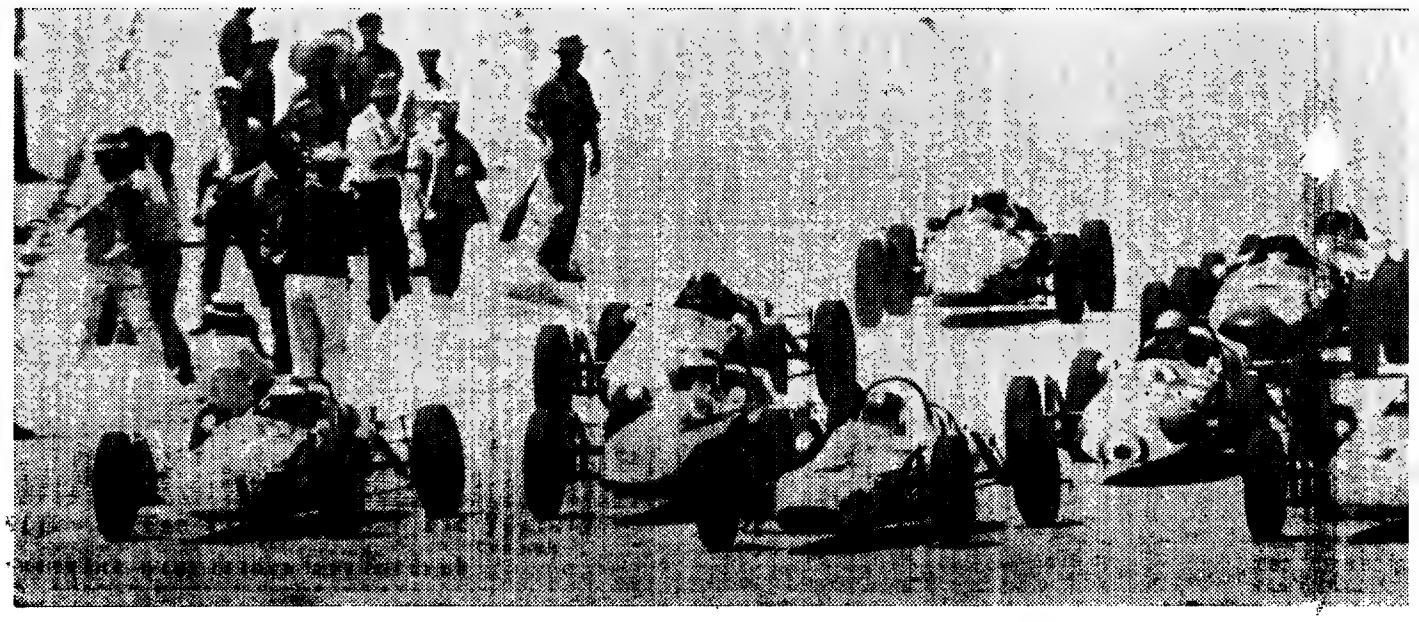
Classificação geral, provisória: 1.º — Carlos Santos (Porsche Carrera 6), 93 voltas, 3 h 00.07,50 (média 130,109 km/h), a volta mais rápida (27.ª) também pertenceu a este concorrente, com o tempo de 1 m 44,60 s (144,550 km/h); 2.º — Ernesto Neves (Lotus 47), 91 voltas, 3 h 00.11,08 s; 3.º — Américo Nunes (Porsche 911S), 3 h 01 m 13,77 s; 4.º — José Lampreia (Porsche 911), 3 h 00 m 52,70 s; 5.º — Manuel F. Souto (Austin Cooper S), 3 h 00 m 12,74 s; 6.º — Alvaro Lamy Viçoso, 3 h 00 m 34,00 s; 7.º — Baptista dos Santos (Hilman Im GT) 3 h 01 m 18,47; 8.º — Tony Caixinha (Gianini G. P.), 3 h 01 m 36,96 s; 9.º — Maria do Céu (Austin Cooper), 3 h 00 m 58,67 s.

Corrida de turismo (Grupos I, II e V)

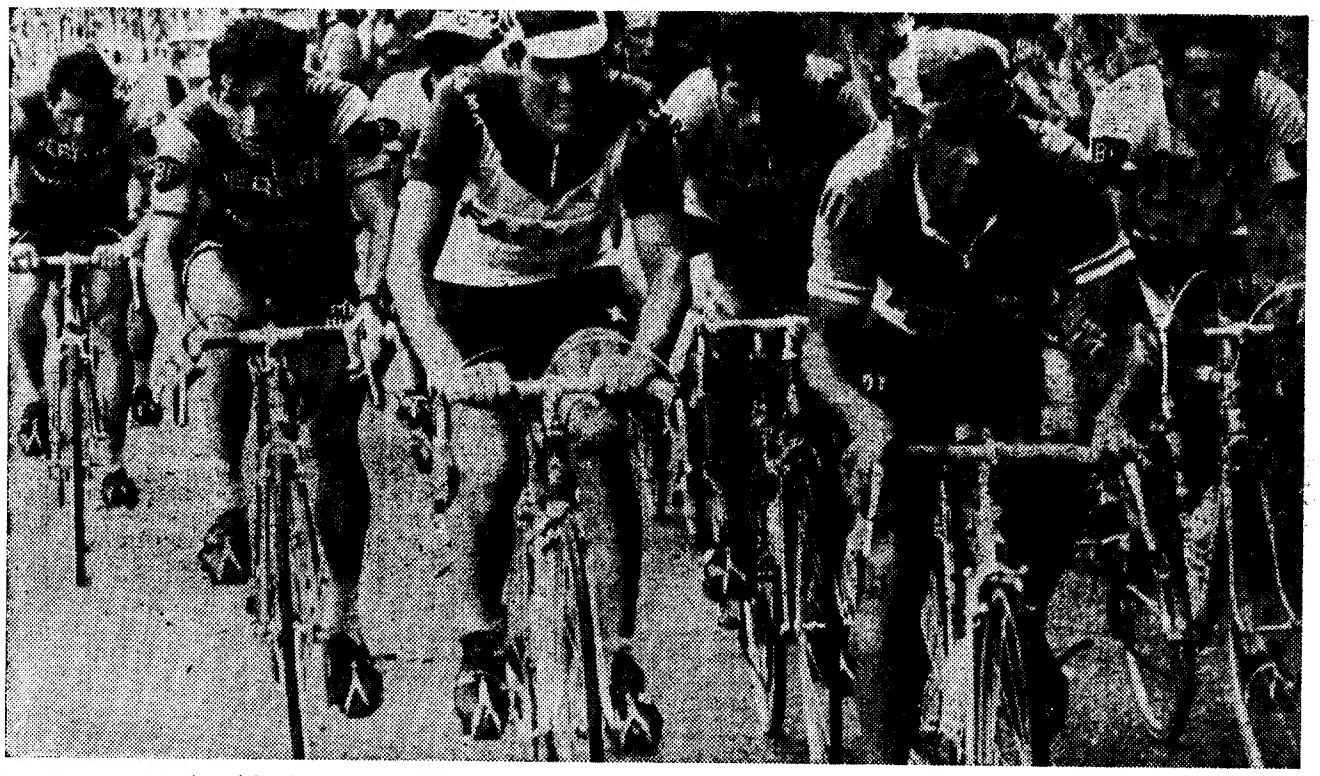
Classificação geral provisória: 1.º, José Lampreia (BMW 2002 TI), 44 m. 23,14 s., á média de 113,550 km/h. A volta mais rápida (3.ª) também lhe pertenceu com 1 m. 26,01 s.; 2.º, José Lampreia-Gomes Pereira (Porsche 911), 45 m. 09,51 s.; 3.º, Fernando Baptista (Austin Cooper S-Targa), 45 m. 17,70 s., todos com 30 voltas; 4.º, José Paiva e Sousa (Morris Cooper S), 45 m. 10,85 s.; 5.º, Bernardo Sá Nogueira (Morris Cooper S), 45 m. 15,48 s.; 6.º, Ernesto Neves (Escort TC), 44 m. 54,92 s.; 7.º, Francisco Santos (Cortina Lotus), 45 m. 29,76 s.; Albio Pinto (BMW 1600 TI), 45 m. 53,62 s., estes com 28 voltas; 9.º, Policarpo Brito (N. S. U. TTS), 44 m. 46,35 s.; 10.º, Artur Passanha (F. Escort), 44 m. 56,53 s.; 11.º, Jorge Nascimento (BMW 2002), 45 m. 21.08 s.; 12.º, J. Lampreia-Carpinteiro Albino (BMW 2002), 46 m. 05,63 s., todos com 27 voltas; 13.º, N. N. (Opel Comodore GS), 44 m. 25,30 s.; 14.º, Raposo Magalhães (Austin Cooper S), 44 m. 52,15 s.; 15.º, M. Paiva e Sousa (Austin Cooper S), 44 m. 58,51 s.; 16.º, José Carlos Ferreira (Escort Lotus-Targa), 45 m. 02,78 s., todos com 26 voltas; 17.º, Eduardo Cid, 44 m. 35,07 s.; 18.º, Lamy Viçoso (Cortina Lotus), 44 m. 45,80 s.; 19.º, Frederico Sotto (Morris Cooper S), 45 m. 44,10 s., todos com 25 voltas; 20.º, Maria do Céu (Austin Cooper S), 44 m. 27,03 s., com 24 voltas; 21.º, Francisco Romãozinho (BMW 2002), 23 voltas, 44 m. 51,53 s. (média de 86.136 km/h.).

FÓRMULA V

Classificações provisórias: 1.º, Ernesto Neves (Palma V), 36 m. 48,48 s., á média de 114,105 km/h.; 2.º, Horst Rauh (Kaiman V), 37 m. 08,72 s.; 3.º, Rui Cavagnac (Aurora V), 37 m. 19,68 s.; 4.º, Nogueira Pinto (Olimpye V), 37 m. 30,12 s.; 5.º, Luís Fernandes (Palma V), 37 m. 38,10 s.; 6.º, Colaço Marques (Palma V), 38 m. 23,62 s.,todos com 25 voltas; 7.º, Santos Mendonça (Palma V), 36 m. 59,24 s.; 8.º, Santos Silva (Palma V), 36 m. 59,95 s.; 9.º, Robert Giannonne (Aurora V), 37 m. 01,12 s.; 10.º, Manuel Atsoc (Palma V), 38 m. 05,08 s.; 11.º, Baptista Santos (Galaxia V), 40 m. 38,50 s., todos com 24 voltas; 12.º, António Barros (Aurora V), 32 m. 44,81 s.; 13.º, Pinto Basto (Palma V), 36 m. 51,60 s., ambos com 22 voltas; 14.º, Carlos Azevedo (Aurora V), 20 voltas, 30 m. 24,92 s. (média de 100,470 km/h.).



Os concorrentes dos grupos, I, II e V no momento em que se preparavam para a partida



Agostinho já vedeta, pedala entre as vedetas. Vêmo-lo com Gimondi, Dumont, Van Schil, Vidament, Labourdette e outros corredores de nomeada

EU E AGOSTINHO... AGOSTINHO E «ELE» — MERCKX «VENDETTA» EM FRANÇA

Do nosso enviado especial AMADEU JOSÉ DE FREITAS
com o patrocínio do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Procurei conhecer — e mostrar depois, o Agostinho que eu conheci. Chamei-lhe simpático, modesto, bisonho — e também, vivo, esperto, cauteloso. O Agostinho não fala de mais, mas também não se deixa apanhar em falso.

— Gosto de toda esta gente á minha volta, do seu entusiasmo — disse-me-le ainda hoje. Só me aborrece é todos quererem tocar-me e dar palmadas. Não percebem que um homem fica arrasado depois de uma corrida destas.

— E depois de um 8.º lugar na «Volta» também fica vaidoso?

Lá está na minha frente o ar surpreso e simples que é uma das suas características:

— Eu? Não, continuarei a ser o mesmo...

E a rir abertamente:

— Só quero ver é se com isto consigo convencer o presidente da Câmara a arranjar o caminho da minha casa que aquilo é mesmo uma vergonha...

O Agostinho falou sempre comigo á vontade, confessou-se muitas vezes — foi sempre correcto, camarada, colaborante. Só pedia:

— Assim que eu chegar deixe-me primeiro beber água, descansar, limpar-me. Depois eu começo à falar e digo-lhe tudo...

Devo dizer que este trabalho de recuperação durava, no máximo, dois minutos — mesmo depois dos Alpes e dos Pirenéus.

Dei-lhe conselhos sempre que pude — mas não eram precisos que nas últimas etapas o Agostinho já era um «senhor»:

— Nos últimos dias agarrei-me ao Letoit e ao Janssens. Foi por eles que gulei a minha corrida, era a única forma de «escapar»...

E eu, todo vaidoso:

— Escrevi isso...

E ele, todo «malandrice»:

— Como vê, aqui, sempre se aprendem umas coisas.

Eu e Agostinho — o jornalista e o corredor, fizemos força, lado a lado. E não nos demos mal, não é verdade Joaquim?

O Agostinho é cuidadoso consigo — disciplinado de hábitos e costumes, sério na sua profissão.

— E aqueles «bikinis» na estrada?

— Nem há tempo para ver... O meu «bikini» está vestido pela bicicleta.

Agostinho não é «trouxa» nenhum, nem o «saloio» que muita gente pensa — se não percebia perguntava, mas fazia sempre o que lhe mandavam, sem mau modo, sem armar em «vedeta». Aliás, toda a equipa impressionou pela camaradagem e comportamento. O Agostinho — de olho vivo e atento meteu-se bem no ambiente. E acertou, fazendo o que devia e não se metendo em buracos:

— Se eu tomasse metade das pilulas e das injecções que via a um colega, tinha andado sempre com o Merckx... Arre, que ele parecia uma farmácia.

No pelotão tornou-se popular, simpático. Todos o conheciam e apreciavam:

— Nos últimos dias, na primeira fase das etapas, era uma alegria... Cantávamos em côro, acompanhávamos os bandos que surgiam no caminho, ia-se á água na calma, alguns até se metiam nos rios. Tudo colaborava. Olhe: ainda hoje de manhã o Pingeon caiu, a «malta» começou a gritar e todos pararam á espera dele. O pior é quando os mais mal classificados atacavam. Então, é que era dar-lhe...

— Há uma «Volta» para Merckx... e outra para os outros... Neste «tour» — o seu primeiro — pulverizou tudo, com uma classe, um á vontade, uma firmeza, um indomável espírito de luta, perfeitamente inultrapassáveis. Saiu quando quis, isolou-se quando quis, ganhou tempo quando quis. E foi o maior de sempre com uma extraordinária proesa que é única: 1.º na classificação geral, 1.º na Montanha, 1.º por pontos, 1.º na Combatividade, 1.º no Prémio Combinado Há para aí mais prémios?

«Pedem-lhe», agora, o Mundial de Bruxelas e o «record» da hora. Esperem aí que ele já lá vai num instantinho... é garantido.

Que «vendeta» mais saborosa, grande, enorme e incomparável Merckx, ouh?

O «Tour» para mim foi uma escola. De grandeza, de amplitude, de organização. E acima de tudo, uma espantosa e crua elegia do homem, do suor, do esforço — um desafio constante ás reservas escondidas, aos recursos guardados.

«Tour» — é «estafadeira», mas é febre, também é cor, é alegria, é vida. Nos corpos suados palpita um homem e um sonho. E quando em tudo isto entra o sinal radiante do viver e o calor do coração da gente — eu abro logo os braços e recebo; é assim que eu percebo este mistério de andar de pés no chão: poder viver e criar, poder estender a mão a quem está a meu lado, ver na estrada a gritar, menino roto mão dada a menino de ponto em branco — o povo a fazer a festa que é sua por que ele a entende.

Adeus «Tour» — até um dia. Mas guardo o que vi — e não esquecerei!

Diário de um homem só

ditou JOAQUIM AGOSTINHO

Durante estes longos dias — parecia que nunca mais acabavam! — já contei tudo: como me vi aflito, como consegui vencer a crise, como galguei até oitavo e como defendi o lugar com «unhas e dentes». Agora, só posso dizer que estou muito, muito contente. O primeiro objectivo era chegar a Paris — e só quem anda numa prova como esta é que talvez possa perceber como isso já constitui uma vitória, tão difícil, tão duro, tão complicado é este percurso — que ainda por cima parece que nunca mais acaba.

Repito agora, que depois da queda, quando me vi só nos Alpes estive mesmo por um «fio»... Não desisti porque me parece que era uma grande «barraca» e eu tinha obrigação de não desiludir todos aqueles que andavam tão entusiasmados comigo. Mas nem me quero lembrar do que sofri. Se o sr. Bruno, o sr. Amadeu e o sr. Correia não têm aparecido em Briançon, tenho a impressão de que já não tinha coragem para continuar. É também a altura de eu agradecer ao Joseph o meu massagista, o modo como me tratou. É um tipo «bestial» e que sabe do ofício «á brava»...

Depois da crise as coisas foram melhor: ganhei uma etapa, fiz dois sextos lugares e nas ultimas montanhas (que até assustavam!) não me fui abaixo. Mas nunca pensei em chegar ao oitavo lugar!

Agora, vou voltar a casa e ao Sporting e tenho de dizer também obrigado ao meu clube por me ter facilitado esta oportunidade.

Sou um homem feliz. E quero também para todos, mandar um grande abraço. Não fazem ideia como me ajudaram. Este oitavo lugar tem um bocadinho de todos, está bem?

AGOSTINHO VOLTARÁ ESTA SEMANA?

Nada resolvido ainda quanto a possíveis contratos para Agostinho. Em princípio há um convite para realizar quatro corridas três em estrada e uma em pista. Porém como não há certeza quanto ao montante do prémio, Gribaldi esclarecerá para Lisboa. Se as condições forem aceites, Agostinho voltará na sexta-feira. Por enquanto, porém, nada se sabe.

Ontem Agostinho recebeu 3000 francos Banque Franco-Portugais e mais 700, conseguidos em subscrições em duas delegações daquele banco.

Leon Zitrone — «COQUELUCHE» DA T.V. FRANCESA — UMA OPINIÃO

Leon Zitrone — locutor multifacetado da T. V., jornalista e escritor, quase tão aplaudido nas chegadas da «Volta» como os «gigantes» da estrada.

Um homem grande, falador, simpático, mas de «sangue na guelra» o que faz as delícias dos mexeriqueiros que «gozam á bruta» em lhe chamar «Citron»... o que o faz ir aos arames.

Mas, acima de tudo Zitrone é um admirável profissional — eclético, entusiástico, preciso, honesto.

Uma figura que é também, e inegávelmente, do «Tour». Pedi-lhe uma opinião sobre Agostinho:

— Um extraordinário voltista em potência e um rapaz maravilhosamente simples. Além disso Agostinho teve outra missão que reputo da mais alta importância: com a sua «performance» ele conseguiu dar a maior alegria de sempre aos milhares de portugueses que aqui trabalham com tanta dificuldade e espaço e que são uma necessidade imperiosa da economia francesa. Para eles Agostinho foi o «embaixador» da felicidade.

AS MAIS SENSACIONAIS MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS QUE SE VENDEM ACTUALMENTE EM PORTUGAL! AGORA A PREÇOS MUITO MAIS BAIXOS

EMPIRE SCOUT
- Faz 12 fotos 6x6 cm
- Focagem desde 1,5 m
- Visor muito nítido
- Sincronizada para relâmpago
- Optima objectiva e soberba apresentação

Esc 143$00

CERTINA
- Formato ideal 6x6 cm
- Focagem a partir de 1,5 m
- Sincronizada para relâmpago
- Evita duplas exposições
- Construção metálica sólida
- Alta qualidade alemã

Esc 238$00

HALINA SIMPLETTE "FC"
- Para flash-cubo
- Carregamento instantâneo
- 12 fotos a preto e branco ou a cores no novo formato 28x28 mm
- Visor muito luminoso
- Fácil focagem por 3 pontos

Esc 422$00

HALINA PAULETTE
- Para filme de 35 mm a cores e preto-branco
- Objectiva anastigmática 2.8 de grande luminosidade
- Obturador de 5 velocidades até 1/250 de seg
- Visor luminoso de quadro fluorescente

Esc 644$00 Com estojo

HALINA PAULETTE ELECTRIC
- Modelo similar à HALINA PAULETTE mas incorporando uma célula foto-eléctrica permitindo assim exposições sempre correctas a cores e a preto-branco

Esc 815$00 Com estojo

À venda em todas as casas de artigos fotográficos do país

Distribuidores para a venda por grosso: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L. Rua dos Douradores, 10, Telef. 361545 - LISBOA
SECÇÃO FOTO-CINE

O «TOUR» NUNCA SERÁ PARA ELE

POBRE POULIDOR!...

PRIMEIRO FOI ANQUETIL
DEPOIS PINGEON
...E AGORA MERCKX

Raymond Poulidor é uma primeira figura do ciclismo internacional. Pertence ao naipe das «vedetas» do pedal. Na Volta á França desde que nela participou pela primeira vez em 1962 enfileirou sempre no lote dos favoritos. Mas nunca pôde confirmar esse favoritismo nem concretizar as suas, aliás bem legítimas, aspirações. A vitória no «Tour» escapou-se-lhe sempre, a despeito de todos os seus esforços. Cada uma das suas intervenções no «Tour» redundou sempre numa amarga desilusão para os seus milhares de admiradores. Porque Poulidor rivalizou sempre com as mais populares figuras do ciclismo gaulês.

Decididamente o destino caprichou em recusar-lhe a vitória que ele mais ambicionava incluir no seu excelente palmarés.

Durante anos foi superado por Anquetil cuja presença no «Tour» punha fora de questão a discussão da vitória final, deixando apenas aos seus adversários a luta pelo segundo lugar. Assim se arreigou no espírito de toda a gente a ideia de que Poulidor só poderia ganhar a Volta á França quando Anquetil estivesse fora de cena. Por isso em 1967 Poulidor surgiu á partida da grande prova como favorito numero um.

Mas nem dessa feita Poulidor conseguiu os seus intentos, pois a vitória veio a pertencer a Pingeon.

O ano passado a história repetiu-se. Poulidor é tido uma vez mais como o principal candidato á vitória em face da renuncia de Anquetil, mas uma queda grave obrigou-o a desistir e foi o holandês Janssen o herói da corrida.

Este ano foi o que se viu. Já nem figurou á cabeça dos favoritos, tão alto se afirmava a capacidade de Merckx para suceder a Janssen na lista dos vencedores do «Tour».

Decididamente o «Tour» nunca será para ele. Pobre Poulidor!... O destino capricha em recusar-lhe aquilo que ele mais desejava...

Como dissemos Poulidor estreou-se no «Tour» em 1962 tendo obtido o 3.º lugar. Voltou em 1963 e foi 8.º, em 1964 e 1965 foi 2.º em ambas as ocasiões. Em 1966 teve de contentar-se com o 3.º lugar. Em 1967 ficou em 9.º e o ano passado foi forçado a abandonar a prova devido a uma queda quando ainda lhe restavam algumas hipóteses.

Raymond Poulidor nasceu em Masharand em 16 de Abril de 1936, contando portanto 33 anos de idade. Em 1961 cotou-se como a grande revelação do ano.

Conta no seu palmarés classificações deveras significativas como a vitória na clássica subida ao Mont Faron, batendo o grande escalador Bahamontes. Foi 2.º na corrida Mónaco-Golfo do Mont Angel e nos Quatro Dias de Dunquerque, 3.º no Génova-Nice e no Midi Libre. Venceu a Milão-San Remo, o campeonato da França, foi 3.º nos «Mundiais» de Berna. Tudo isso no seu primeiro ano como profissional.

O seu director de sempre, Antonin Magne confessa-se um pouco culpado por não haver orientado melhor a carreira de Poulidor. Alega que ele ascendeu com demasiada rapidez, perdendo o «contrôle» das suas faculdades por falta de experiência. Diz que Poulidor se sentiu com força e quis expô-la sempre que se lhe deparou a oportunidade. Segundo Antonin Magne isso veio a prejudicá-lo bastante.

RAYMOND POULIDOR

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

SPORTING
—DIGNIDADE!

O clube — grande e projectado como poucos, não precisaria nada destas palavras, se eu não achasse que era um imperativo de consciência escrevê-las mais uma vez — pois sei bem como os casos se passam e, num repente, vá de esquecer dignidades e sacrifícios para só ter aplausos e palmadas nas costas, da realidade.

Eu acho que tenho de voltar a dizer isto: o Sporting foi um clube digno, sério, inteligente, ao ceder ao seu «empregado» Joaquim Agostinho, a possibilidade de ir ao estrangeiro, trabalhar, aperfeiçoar-se, crescer. Nem todos o fariam — perder do pé para a mão um homem desta categoria em prejuízo de representações clubistas.

Só esta dignidade e grandeza do Sporting, permitiu que o Portugal desportivo, vivesse tão grande alegria. Por isso o escrevo: Sporting, clube digno. E com toda a minha modéstia — de quem gosta de desporto e o procura servir da mais humilde, mas apaixonada maneira — digo, do modo que eu sei: obrigado, Sporting!

A 2 E 3 DE AGOSTO
VIII CIRCUITO
DE MONTES CLAROS

Realiza-se no próximos dias 2 e 3 de Agosto, o VIII Circuito de Montes Claros, organizado pelo «Clube 100 À Hora», e que conta para o Campeonato Nacional de Velocidade.

O programa preenche totalmente as tardes de sábado e domingo, incluindo logo no primeiro dia eliminatórias de 10 voltas cada, da corrida de Turismo e Turismo Especial e corrida de motos e treinos de Automóveis de Turismo (Grppo 2) e Turismo Especial (Grupo 5). Turismo de Série (Grupo 1), Fórmula V Grande Turismo, Desporto e Protótipos (Grupos 3. 4 e 6).

UM CASO ÚNICO NO CICLISMO MUNDIAL

«EXTRASUPERMERCKX»
A MELHOR DEFINIÇÃO PARA O VENCEDOR DO «TOUR»

A melhor definição dada á extraordinária superioridade de Eddy Merckx foi publicada há dias pelo diário desportivo espanhol «Marca» que condensou todos os adjectivos de espanto pelas faculdades do grande ciclista belga nesta simples designação: «ExtrasuperMerckx».

Ninguém esconde o seu espanto pelo incomparável comportamento de Merckx na «Volta á França».

O antigo ciclista francês Jean Stablinski, que acompanhou o «Tour» na qualidade de director da equipa «Sonolor», declarou:

— Merckx é unico na história do ciclismo. Conheço as proezas dos melhores homens do nosso desporto. Vivi etapas gloriosas como as de Anquetil, Riviére, Baldini e muitos outros. Merckx, porém, é um fora de série. Não se pode comparar com ninguém nem tão-pouco com Coppi. É unico e, portanto, o maior que apareceu no ciclismo desde que ele começou a praticar-se. Não é um louco, como dizem alguns, embora se assemelhe a um desequilibrado. É um corredor grande, potente, com muita experiência, um coração de ferro, uns pulmões excepcionais e umas pernas que parecem movidas por motores.

Outro antigo ciclista, o belga Alfred de Bruyne, que fez o «Tour» como locutor da Rádio e Televisão belga, por seu lado declarou:

— Acho que é uma irreverência dizer que Merckx é o «deus» do ciclismo. Trouxe os adversários assustados e até nós próprios. É um fenómeno extraordinário que se vangloria em bater os seus maiores rivais.

E o seu maior prazer é demonstrá-lo. Posso afirmar que nunca houve coisa igual. Nem Coppi, nem outros grandes do ciclismo se lhe podem comparar.

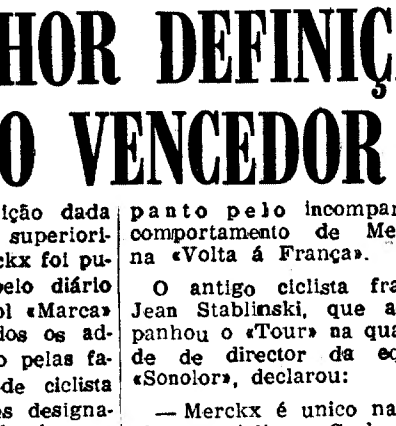
Por sua vez. André Darrigade, um dos ciclistas que mais prestígio alcançou no «Tour» e que já se encontra retirado das lides, definiu assim a sua opinião:

— E' um homem que está numa fase de fazer tudo quanto se pode ambicionar dentro do ciclismo. Atirou por terra todos os truques que caracterizam a luta em pelotão e é possível que no próximo ano actue de maneira diferente; isto é, que passe a realizar um trabalho diferente do que ofereceu neste «Tour», porque, a meu ver, é impossível manter-se nessa forma explosiva que nos mostrou em cada dia. Creio que nem ele próprio sabe até onde podem ir as suas possibilidades. Posso assegurar que, ao longo da minha carreira, lutei contra homens de grande categoria. Vivi uma época grande do ciclismo e tenho como exemplo Anquetil, Bobet, Coppi... E nunca ninguém correu como Merckx correu este «Tour».

publicidade UCAL

um novo produto
UCAL
IOGURTE com FRUTAS

Na mais higiénica embalagem UCAL oferece-lhe agora um iogurte diferente, fabricado pela primeira vez em PORTUGAL



tem mesmo frutas!

EM PRODUTOS DE QUALIDADE UCAL É GARANTIA

EM BELÉM DO PARÁ

COMEÇARAM A DISPUTAR-SE OS JOGOS DESPORTIVOS LUSO-BRASILEIROS

Após a chegada tive-ensejo de registar breves declarações dos dirigentes de cada uma das modalidades a que concorrem praticantes portugueses na presente edição dos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, indicando-se também a constituição da comitiva.

ATLETISMO

Dirigentes — Dr. Dídio de Aguiar e prof. Eduardo Cunha.

Atletas (13) — Carlos Sustelo, Alfredo Matos, Fonseca e Silva, Barceló de Carvalho, Júlio Fernandes, Carlos Lopes, Carlos Tavares, Amélia Carriço, Manuela Simões, Céu Lopes, José Pina, Tavares Alves e Abreu Matos.

Dr. Dídio de Aguiar — A nossa representação procurará dignificar as tradições do atletismo português no Brasil, começadas no tempo de Manuel Faria. Constituem-na alguns jovens que darão o seu melhor esforço para a concretização desse objectivo. Sabemos que, entre os brasileiros, há atletas de grande valia — tal como um saltador de triplo excelentemente classificado nos Jogos Olímpicos do México — mas não ficaremos mal colocados.

BASQUETEBOL

Dirigentes — Carlos Carvalho Pinto (presidente da F. P. Basquetebol), Rui Pignatelli (dirigente do Sporting) e Hermínio Barreto (técnico).

Atletas (10) — Valente, José Augusto, Monteiro, Guimarães, José Mário, Carlos Sousa, Mesquita, Sobreiro, Encarnação e Ernesto.

Carvalho Pinto — Não há comparação possível entre o basquetebol do Brasil (já campeão mundial) e o nosso. Não temos hipóteses de vitória contra a equipa nacional brasileira. Todavia, nos seis jogos que disputaremos com as selecções regionais, estão ao nosso alcance uns resultados airosos. A Federação prefereria enviar a selecção portuguesa ao país irmão. Mas entre uma selecção mal preparada e um Sporting em forma, foi este o preferido. De qualquer modo, praticaremos um basquete decente, que não nos envergonhará.

CAÇA SUBMARINA

Dirigente — José Alvarinho (Pres. do Cons. Téc. da Federação).

Atletas (4) — José V. Garcia, José Moita, L. Moreira Rato, Vítor Manuel da Cruz e José Maria Moreira.

José Alvarinho — Temos evoluido muito desde os últimos Luso-Brasileiros e, embora desfalcados de Carlos Manafaia e Arnaldo Sales — colocaremos bem esta modalidade. Eles têm a vantagem de conhecer as águas e as espécies de peixe. Mas, à parte isso, estou convencido de que, se tudo decorrer dentro do previsível, a balança se inclinará para o nosso lado.

CICLISMO

Dirigentes — Fernando dos Santos Paixão e Liberto Mártires Conceição (técnico).

Atletas (4) — Orlando Correia, Duarte Ribeiro, Joaquim Moreira e Henrique Silva.

Fernando Paixão — Embora não mandemos as «vedetas» ao Brasil, os ciclistas escolhidos farão, certamente, boa figura. São — todos eles — moços cheios de qualidades e estão á altura de fazer qualquer coisa digna de encómios. Não exagero se disser que poderão, perfeitamente, alcançar um brilharete.

GINASTICA

Dirigentes — António Manuel A. Silva Sebastião (secretário-geral da F. P. Ginástica) e Carlos Abreu (técnico).

Atletas (7) — José Luís Fernandes, Telmo Fernandes, José Filipe Abreu, Maria Manuela Contreiras, Maria Manuela Fradinho, Isabel Maria Nogueira e Maria João Mafra.

Antunes Sebastião — Em condições normais, deveríamos ganhar em masculinos e fazer boa figura nos femininos. Um contratempo — a lesão do atleta Virgílio Dias, do Sporting, que fracturou um dedo — inferioriza a nossa delegação. Vamos, no entanto, esperançados em que José Filipe Abreu consiga uma boa classificação. Enfim, farão todos o melhor possível e o resto se verá.

HIPISMO

Dirigente — Cor. Fernando Cavaleiro.

Cavaleiros (4) — Ten.-cor. Duarte Silva, major Netto de Almeida, Manuel Malta da Costa e Elmano Sousa Costa.

Coronel Fernando Cavaleiro — O Brasil não dispõe, neste momento, do seu melhor cavaleiro, Nelson Pessoa, que se encontra na Europa. Procurámos levar ao Brasil quem ofereça condições para encontrar cavalos que não são os seus. Ouso que, apesar de tudo, haverá equilíbrio.

HÓQUEI EM PATINS

Dirigentes — José António Sequeira Fontes (vice-presidente da F. P Arbitragem) e Cipriano Santos (técnico).

Atletas (9) — Vítor Domingos, Brito, Rendeiro, Américo, Garrancho, Campos, Vicente, Cristiano e Livramento.

José Fontes — Não vejo os hoquistas brasileiros há muito tempo. Talvez sejam adversários fáceis, mas nunca fiando. A verdade é que temos prestígio a defender e... a manter. Apesar das características dos jogos, sem preocupações de maior no que respeita a vencer, esperamos trazer triunfos.

NATAÇÃO

Dirigentes — Dr. Francisco Ferreira Alves e Eurico Jorge Mendonça Perdigão.

Atletas (9) — Vítor da Fonseca, Graça Maia, Maria Clotilde de Melo, Dulce Gouveia, Susana de Abreu, Herlander Felga Ribeiro, Monteiro da Silva, Vítor Cerqueira e Francisco Bessone Alves.

Dr. Francisco Alves — A oportunidade da realização dum Portugal-Brasil, o contacto que proporciona, não sofre contestação. Mesmo que percamos, seria de desejar que se processasse uma vez por ano. Por nossa parte, vamos tentar prestigiar Portugal e, igualmente, melhorar os nossos tempos. Já seria alguma coisa.

REMO

Dirigente — Eng. António Vieira Ferreira da Bernarda.

Atletas (9) — Pereira da Costa, Lopes Marques, Gomes Amaro, Alves Rodrigues, Morais Cardoso, Vieira Simões, Carlos Oliveira, Manuel Barroso e António de Sousa.

Eng.º Vieira da Bernarda — Deslocam-se as melhores equipas de momento, apuradas em provas de selecção. O trabalho dos clubes a que pertencem os remadores que fazem a viagem (Cuf, L. A. G. e Fluvial Portuense) tem assm a justa compensação. Não conhecemos, contudo, o valor dos antagonistas que defrontaremos.

VELA

Dirigente—Comt. Olgário Baptista Borges.

Atletas (5) — Serra Rodrigues, Paulo Santos, Fernando Silva, Mário Quina e José Manuel Quina.

Comt. Olgário Borges — Estarão no Brasil o que temos de melhor na nossa vela. Em «finns» e «snipes» concorrerão os ultramarinos que, na Turquia, conquistaram o título de Campeões da Europa. Os irmãos Quinas participarão em «stars». É francamente boa a categoria dos velejadores portugueses numa competição em que importa, sobremaneira, a confraternização.

VOLEIBOL

Dirigentes — Dr. Santos Silva, Moreira de Almeida e prof. Manuel Puga (técnico).

Atletas (12) — Marques Gonçalves, Sousa Martins, Simões Moreira, Santos Marques, Monterroso Soares, Costa Trindade, Teixeira Martins, Oliveira Lopes, Silva Moreira, Santos Costa, Carvalho de Almeida e Pinto Soares.

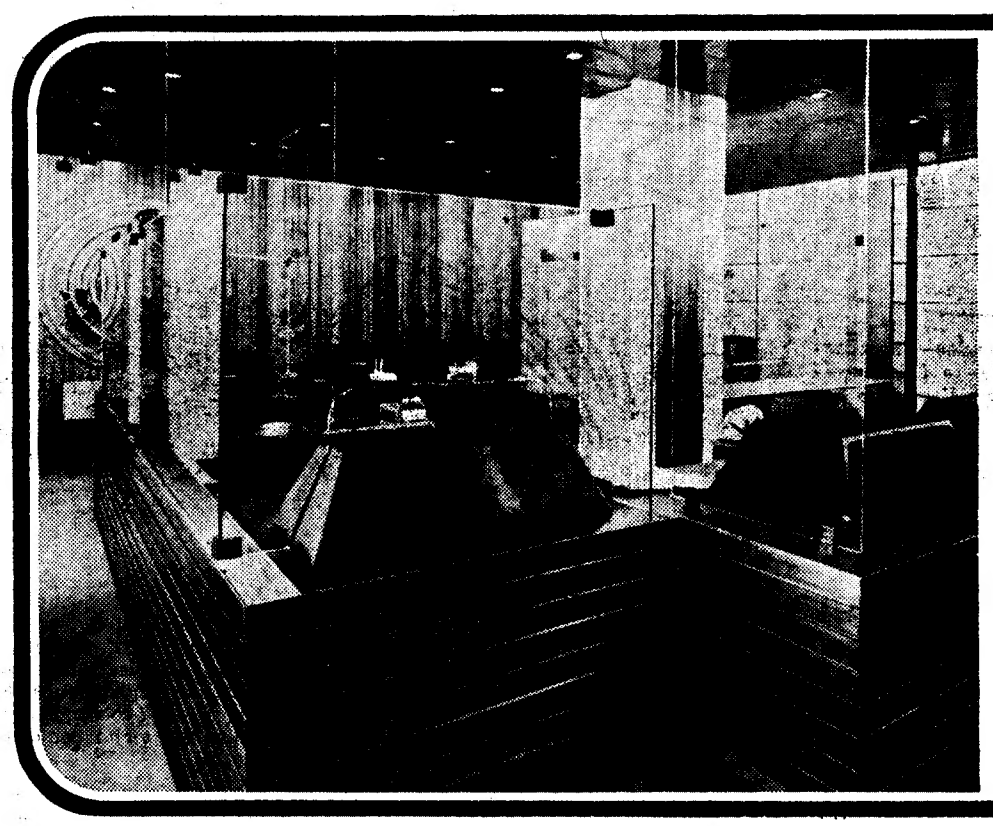
Dr. Santos Silva — Confio em absoluto na turma portuguesa. Se não conseguirmos vencer a poderosa equipa brasileira, espero, pelo menos, que os jogos com as

(Continua na página seguinte)

AGORA, TANTO O AVÔ COMO O NETO PODEM VIAJAR NOS CAMINHOS DE FERRO A MEIO PREÇO

A C. P. ANUNCIA A ENTRADA EM VIGOR DE UMA NOVA TARIFA CONCEDENDO A REDUÇÃO DE 50% NOS PREÇOS DOS BILHETES DA TARIFA GERAL, EM QUALQUER CLASSE, ÀS PESSOAS COM IDADE IGUAL OU SUPERIOR A 65 ANOS, MEDIANTE A SIMPLES APRESENTAÇÃO DO BILHETE DE IDENTIDADE

INFORME-SE NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES OU NO DEPARTAMENTO COMERCIAL
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA — TELEF. 86 41 81



NOVA AGÊNCIA DA TAP

PROCURANDO ACOMPANHAR AS EXIGÊNCIAS
DUMA EXPANSÃO CONSTANTE,
E NO SENTIDO DE MELHOR SERVIR
TODOS OS SEUS CLIENTES
A TAP ACABA DE INAUGURAR
UMA NOVA AGÊNCIA
QUE FUNCIONARÁ
COM SERVIÇO DIRECTO AO PÚBLICO NA

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 15-C
TELEFONES 71 60 73/4 — LISBOA

através do mundo
em boa companhia

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

69

A MULHER E O DESPORTO

NÃO SEI SE CONTINUAREI!... TENHO UMA FILHA PARA CUIDÁR

• GISELA RASTEIRO, QUE FOI «NOVIDADE» NA GRANJA DO MARQUÊS, HESITA ENTRE O AUTOMOBILISMO E AS OBRIGAÇÕES DO LAR

— Até para mim foi quase surpresa competir numa prova de velocidade.

Com efeito houve «novidade» na Granja do Marquês onde se reuniu a «fina flor» do automobilismo. Ao volante dos «bólides» que habitualmente concorrem a este género de provas surgem sempre presenças varonis. Ontem, uma figura feminina — Gisela Rasteiro — plena de graça e simplicidade, enfrentou a rotina e surgiu na pista com o seu «Lotus Europa», para afirmar bem alto que à mulher cabe também lugar nos desportos mecânicos. Os tais, até agora entre nós quase considerados só para homens.

— O meu marido pediu-me a carta.. e eu apareci inscrita.

A automobilista decide-se a contar-nos a história da sua vinda para a perigosa modalidade onde predomina a loucura de velocidade, o anseio de dominar os quilómetros e o tempo.

— Em princípio tudo isto era «brincadeira». Entrava nas gincanas como «pendura». Depois quando tirei a carta o meu pai ofereceu-me um «ovo»

E a partir daí entre Gisela Rasteiro e o automobilismo estabeleceu-se um forte vínculo. Concorreu ao «Rallye» do Benfica com um «M.G.B.» e ganhou. E para confirmar as suas aptidões participou na «Rampa da Pena».

— Na «Granja», no sábado inicialmente senti-me nervosa. Tive até uma partida bastante má. Depois acalmei com os primeiros quilómetros. Se pensei em ganhar? Não, não esperava. Mas confesso que fiquei surpreendida quando vi aparecer o «Porsche» que não treinara na véspera e que ocupava o último lugar na «grelha».

Dominando com segurança notável a máquina que conduz nas pistas, Gisela Rasteiro hesita contudo quando se aborda o seu futuro como automobilista. E apesar do êxito de que se rodeia a sua presença nas pistas e estradas o dilema que se lhe depara subsiste; o automobilismo ou as obrigações domésticas?

Atormentada por essa dúvida Gisela Rasteiro diz-nos já a despedir-se: — **Sabe, tenho uma filha para cuidar!...**

PEDRO CARVALHO

GISELA RASTEIRO

II GRANDE PRÉMIO SASCH

VITÓRIAS DE HUBERT NIEL E DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO

Nós que sempre acreditámos no ciclismo português, muito embora ao longo dos anos tenhamos sido, talvez, dos seus críticos mais exigentes, tivemos ontem um extraordinário prazer ao ser pública e efectivamente desmentidas as afirmações balofas de um modesto corredor italiano que, mercê de um conjunto de circunstâncias, lograra há oito dias uma vitória uma das nossas clássicas, o «Lisboa-Porto». Esse ciclista afirmara a vários camaradas que os corredores portugueses apenas sabiam pedalar á média horária de 35 quilómetros. Ora ontem de manhã, mesmo pondo de parte a classe exuberantemente patenteada em terras de França por Joaquim Agostinho, os restantes ciclistas lusitanos tentaram e conseguiram provar que, quando as circunstâncias lhes são favoráveis, quando não lhes apresentam peias condenáveis, são bem capazes de rolar a 40 ou mais quilómetros.

Aconteceu tal no decorrer do «II Grande Prémio S. I. S. — Saches», durante a primeira etapa, percorrida entre a Anadia e Sangalhos, por Coimbra, Figueira da Foz e Aveiro e que, ao fim e ao cabo não se revestiu das facilidades que toda a gente julgava. Os corredores presentes na grande prova comportaram-se excelentemente, souberam contornar as dificuldades que lhes surgiram e, ainda assim, lograram uma média (40,370) que se pode considerar excelente e que, prova com exuberância que afinal entre nós também se podem fazer boas médias.

Depois, na tirada da tarde, numa perseguição individual não aconteceu mais do que um surto de tempo em que os mais rápidos fizeram valer a sua lei. Só foi pena que a vitória do francês Hubert Niel tenha contra si o facto do corredor ter iniciado a segunda tirada, a da vitória, com uma ajuda exterior que o fiscal assinalou mas que o juri não teve a coragem suficiente de castigar devidamente.

De qualquer modo, para a história, fica a bela proeza dos homens que desmentiram o recente vencedor do Lisboa-Porto e o primeiro brilharete do treinador francês do F. C. Porto em terras potuguesas

V. M.

JOGOS LUSO-BRASILEIROS

(Continuação da pág. anterior)

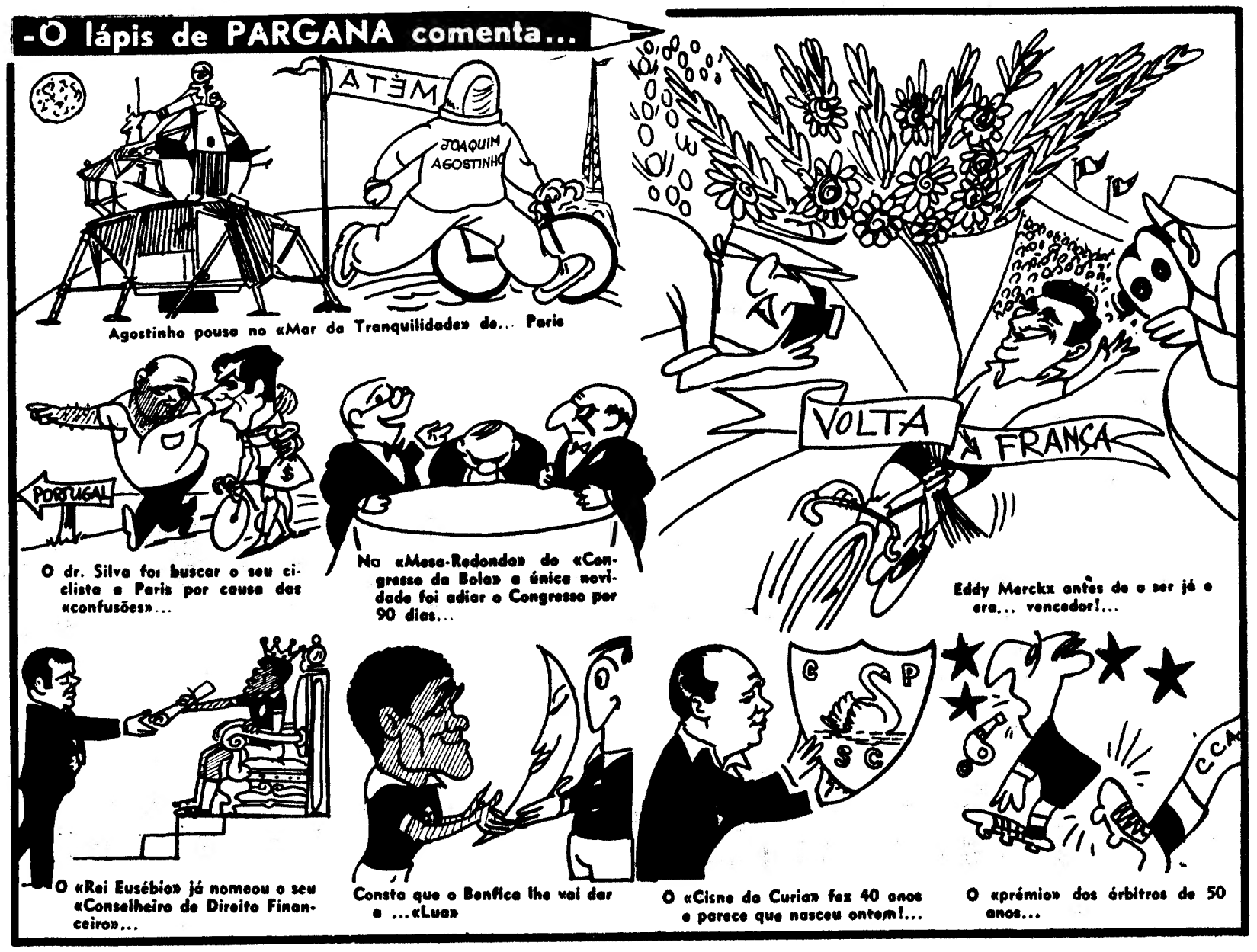
selecções dos Estados decorram de igual para igual. Isto dentro das contingências a que todas as modalidades desportivas estão sujeitas.

ANDEBOL

Dirigentes — Álvaro de Almeida Garrido (Pres. da F. P. Andebol), eng.º João Gomes Nunes (dirigente do Sporting) e Matos Moura (técnico).

Atletas (12) — Bessone Basto, Anaia, Alfredo Pinheiro, Manuel Marques, Carlos Correia, Lampreia, António Marques, Mesquita Armando Duarte, Brito, Ranito e Castanheira.

-O lápis de PARGANA comenta...



Agostinho pousa no «Mar da Tranquilidade» de... Paris

O dr. Silva foi buscar o seu ciclista a Paris por causa das «confusões»...

Na «Mesa-Redonda» do «Congresso da Bola» a única novidade foi adiar o Congresso por 90 dias...

Eddy Merckx antes de o ser já o era... vencedor!...

O «Rei Eusébio» já nomeou o seu «Conselheiro de Direito Financeiro»...

Consta que o Benfica lhe vai dar a ...«Lua»

O «Cisne da Curia» fez 40 anos e parece que nasceu ontem!...

O «prémio» dos árbitros de 50 anos...